

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A ÉTICA E A ESTÉTICA DOS CORPOS NUS:
UM ESTUDO DE CASO DO NATURISMO
COMO PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

LUCIANA ROSO DE ARRIAL

**RIO GRANDE
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A ÉTICA E A ESTÉTICA DOS CORPOS NUS:
UM ESTUDO DE CASO DO NATURISMO
COMO PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

LUCIANA ROSO DE ARRIAL

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental, sob a orientação do Professor Doutor Humberto Calloni

**RIO GRANDE
2009**

Catálogo na fonte: Ceila Soares - CRB10/926

A775 Arrial, Luciana Roso de

A ética e a estética dos corpos nus : um estudo de caso do naturismo como proposta de educação ambiental / Luciana Roso de Arrial. – Rio Grande, 2009. – 184 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande, 2009.

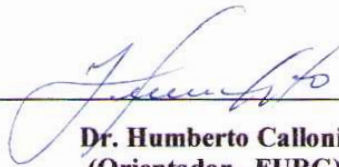
1. Educação ambiental – Naturismo 2. Ética – Naturismo 3. Estética – Naturismo 4. Naturismo 5. Centro Naturista Colina do Sol (Taquara / RS) I. Título.

CDD: 304.2
574.5

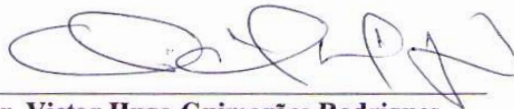
LUCIANA ROSO DE ARRIAL

**A ÉTICA E A ESTÉTICA DOS CORPOS NUS: UM ESTUDO
DE CASO DO NATURISMO COMO PROPOSTA DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

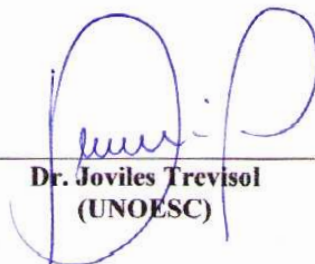
Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Dr. Humberto Calloni
(Orientador - FURG)



Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues
(FURG)



Dr. Joviles Trevisol
(UNOESC)

Agradecimentos

Trabalho difícil este de traduzir sentimentos em palavras. Não tem uma equação, tabela ou gráfico para auxiliar...

Assim, começo a encarar esta tarefa com o agradecimento a quem utilizar esta dissertação, porque é isso que faz todo este trabalho valer a pena.

Considero que a elaboração de uma dissertação de mestrado é um produto coletivo, embora sua redação, responsabilidade e estresse sejam predominantemente individual. Várias pessoas contribuíram para que este trabalho chegasse a bom termo. A todas elas registro minha gratidão.

Ao meu filho Marcelo, que sempre está presente em minhas caminhadas. Que me viu rir e chorar nas horas depositadas neste trabalho. Que me fez reconhecer os meus limites e meus preconceitos, fazendo com que eu refletisse nas palavrinhas singulares de um menino de 8 anos, ao final desta dissertação. Um menininho que sabiamente disse a sua professora da segunda série, ao ser perguntado se sabia o que era um autor. “Eu conheço Morin, mamãe ‘estuda’ ele. Ele fala sobre o amor.” (Marcelo – 6 anos). O Marcelo ensinou e ensina não somente a mim como mãe, mas a todos que o conhecem.

Ao meu filho Eduardo, que já é um mestre da vida e do amor, pois foi gerado no ano em que cursava as disciplinas do Mestrado em Educação Ambiental. Foi à Colina do Sol enquanto estava no ventre, com sete meses de gestação e nasceu sob os olhares da educabilidade ambiental. Nasceu, amamentou-se com o leite materno até os onze meses e cresceu junto com esta dissertação que foi produzida entre embalos, choros de bebê (e meus também!), canções de ninar e em meio a muitos livros.

A minha mãe, Nilter, que abdicou do seu tempo para cuidar de nós, desde os últimos meses de gestação que necessitaram de cuidados especiais até o Eduardo completar um aninho de idade, quando retornou a sua terra natal. A essa mulher que amou-nos, que sofreu pelo divórcio com meu pai – dez dias após o nascimento do pequeno Eduardo – que manteve-se consciente após nosso acidente de carro, preservando a saúde do Eduardo, então com cinco meses. Que fez com que eu

retomasse a pesquisa após dois meses de reflexão depois do acidente, colocando-me diariamente em xeque e perguntando-me até que ponto valeria eu roubar o tempo de estar com minha família para dedicar-me a esta dissertação. A essa mulher que acompanhou-nos nas minhas aventuras pela Colina do Sol. A essa mulher que ama incondicionalmente a sua família.

Ao meu marido Marcos, por aceitar desnudar-se comigo e em família. Pelo amor maior, por nossas aventuras, por nossos filhos, por nossos desejos...pela enorme paciência e compreensão.

Mesmo nos meus mais distantes sonhos, nunca estive sozinha. Minha família ousou sonhar comigo, ousou desnudar-se, ousou reconhecer uma outra vida possível.

À Vivien, nossa anfitriã da primeira visita à Colina do Sol, filha de naturista domiciliado, mas que em nossa primeira caminhada de reconhecimento do espaço físico da comunidade, não nos contou que jamais havia se desnudado. No entanto, por cumplicidade, por confiança, por simpatia, por amor, desnudou-se conosco e nós descobrimos somente nos dias posteriores que ela não era adepta do naturismo (até aquela manhã!). Isso marcou a minha história de pesquisadora, minha história familiar e me fez refletir sobre laços de amizade que, quem sabe, poderão ser contados em um outro momento.

Tenho muito a agradecer a todos os colineiros domiciliados ou visitantes, porque são suas vidas que contei neste trabalho, que me deram coragem para escrever esta dissertação. Estou consciente de que não tenho a cumplicidade dos colineiros com o meio ambiente, mas certa de que aprendi e muito com todos eles na edificação de uma vida melhor, uma vida mais digna, uma vida mais solidária e mais comprometida com o Outro e com a Terra.

Quero agradecer especialmente aqueles que me concederam as entrevistas.

Ao casal “Col” e “Mar”, pelo respeito que tratam a todos, o cuidado que têm com seus visitantes e a amabilidade em cada detalhe.

Ao “Tuca”, por ser um dos protagonistas no cenário da Colina do Sol, pela dedicação que tem em proteger todos que ali se encontram.

A “Candinat”, por seus olhos brilharem, por seu corpo vibrar, por seus sentimentos aflorarem e pela confiança em mim depositada.

Ao casal “Jô” e “Ast”, amigos que jamais esquecerei, por todos os nossos diálogos, por transparecer o amor, por aflorar a emoção nos discursos, por permitir-me entrar em sua cabana e por horas incansáveis ficar dialogando, por me permitirem

aprender com eles. Pelo abuso de enviar e-mails com todas as minhas dúvidas e incertezas e vocês darem “tempo” para mim e para o meu trabalho.

Devo agradecer muito, também, a professora Dr^a. Elisabeth Brandão Schmidt, que desde a primeira semana de aula demonstrou o carinho e o respeito pelos mestrandos. A quem eu solicitava auxílio a todo instante, seja pelos questionamentos apresentados em aula, ou mesmo os particulares. Por sua determinação, por sua busca inigualável pelo saber, pelo exemplo de ética, pelos teatros encenados nas aulas, mas o mais importante: pela humildade em ser e estar disposta sempre a ajudar. A “Beth” contribuiu muito com esta dissertação, pelas falas encantadoras que trazia para o mundo da pesquisa e, principalmente, por acreditar que uma arquiteta que se expressa cotidianamente através de símbolos, possa traduzir sentimentos através das palavras. Que mesmo sabendo o desafio que teria ao participar da banca examinadora para a qualificação desta dissertação, o fez, como toda simpatia e respeito que lhe é peculiar.

Ao professor Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues, que me ensinou a sonhar...

Ao professor Dr. Joviles Vitório Trevisol, que no momento da qualificação demonstrou ter lido o trabalho em todas as suas entrelinhas. Que contribuiu para o avanço desta pesquisa, mostrando querer repensar as relações existentes entre os educadores e a pesquisa, sem pré-conceitos, sem julgamentos; contudo, fornecendo subsídios para a continuidade do trabalho. Pelo modo sereno de suas palavras no parecer descritivo, com uma postura comprometida com a construção de alternativas para um mundo possível.

Ao professor Dr. Humberto Calloni, que é e sempre será meu orientador. Mais que um professor, um homem decidido a enfrentar todas as dificuldades junto com a sua orientanda, sabendo das limitações que decorrem de pessoas que com experiências profissionais ligadas ao ramo da arquitetura, da prática, da realidade em si, da materialização das idéias através dos símbolos, das cores, das texturas, das formas, dos materiais, das luzes, buscando um novo saber; reconhecendo todas as dificuldades que teria em ensinar filosofia para uma arquiteta, esposa e mãe, sabendo que o amor é o laço que mais primo na vida, que faz parte de mim e que dele eu não me desvencilharia. Em cada palavra, em cada termo, em cada ação, em cada dúvida, o prof. Humberto caminhou comigo, sempre de mãos dadas! Mais que um professor, ele é um ser humano apaixonante.

À professora Susele Dias, que se sentou ao meu lado para discutir os termos que eu utilizava, mas sem mexer em qualquer contexto, trouxe as suas dúvidas para dialogar comigo e fazer deste trabalho um adequado produto.

É muito bom poder contar com todos vocês, com todas as contribuições nesta etapa de minha vida, suas críticas e suas sugestões foram e sempre serão fundamentais para que eu possa continuar a minha história.

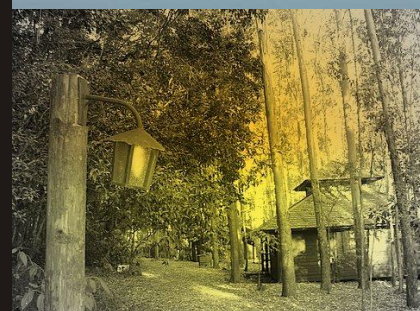
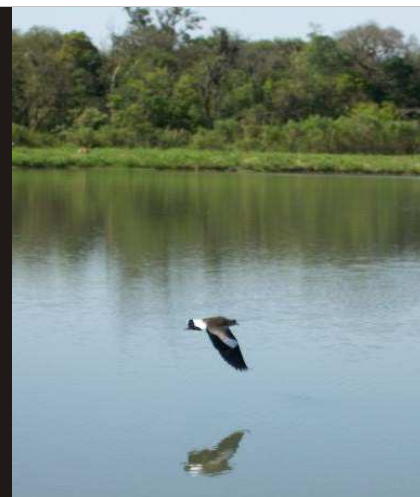
PACIÊNCIA

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não pára...
Enquanto o tempo
acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara...
Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência...
O mundo vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência...
Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perceber?
E quem quer saber?
A vida é tão rara...
Tão rara...

Mesmo quando tudo pede
Uma pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Eu sei, a vida não pára...
A vida não pára não...
Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perceber?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara...

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Eu sei, a vida não pára
A vida não pára não...
A vida não pára!...
A vida é tão rara!...

Composição: Lenine e Dudu Falcão



Sumário

LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE IMAGENS	12
LISTA DE ABREVIATURAS	13
RESUMO	14
ABSTRACT	15
A GUIA DA INTRODUÇÃO: PENSAMENTOS, DITOS E ESCRITOS.....	16
Acordando os sentidos.....	18
1. A PESQUISADORA E SEU CAMINHO: PRIMEIROS PASSOS	25
1.1 O problema de pesquisa e os seus objetivos	25
1.2 Metodologia.....	27
1.3 O porquê da escolha dos entrevistados.....	33
1.4 Os entrevistados.....	35
1.5 A complexidade como opção teórico-metodológica.....	39
2. O NATURISMO: BREVE HISTÓRICO E SEUS PROPÓSITOS	45
2.1 O naturismo internacional.....	45
2.2 O naturismo nacional.....	47
2.3 O Naturismo no Rio Grande do Sul: A Colina do Sol	50
2.3.1 Os sujeitos colineiros	51
2.4 A filosofia do naturismo colineiro	52
3. NAS TRILHAS DO CENTRO NATURISTA COLINA DO SOL: O DESPERTAR DOS SENTIDOS	59
3.1 Localização do Centro Naturista Colina do Sol – CNCS.....	66
3.2 Colineiros, suas cabanas e a infra-estrutura.....	69
3.3 Setorização das áreas	71
3.4 Comportamento em meio aos colineiros	72
3.5 A espiritualidade.....	75
3.6 As normas vivenciadas.....	77
3.7 Valorização dos sentidos estéticos.....	79
3.8 Nas trilhas da Colina do Sol	80
3.9 Educação no ambiente	82
4. O NATURISMO TAL COMO ELE É PRATICADO NA COLINA DO SOL ...	86
4.1 O conhecimento, a linguagem e a compreensão: instâncias da cidadania ..	86
4.2 A Colina do Sol prosaica e poética.....	89
4.3 A opção pela vida na Colina do Sol.....	93
4.4 Eles não usam relógio!	94
4.5 O oásis.....	96
4.6 Das áreas de nu total	99
4.7 O caso do acaso	101
4.8 O belo da vivência naturista	102

5. NOÇÕES SOBRE O BEM E O BELO A PARTIR DA LIBERTAÇÃO DO CORPO PELA LIBERDADE DA MENTE.....	106
5.1 A estética como sentimento.....	106
5.2 A instauração da estética na história do pensamento filosófico ocidental	108
5.3 Reflexões sobre o saber estético	111
5.3.1 Breve incursão sobre a noção de experiência estética.....	113
5.3.2 A percepção estética: o signo e o significado.....	114
5.4 InCORPOração	116
6. A EMERGÊNCIA DA ÉTICA NO DISCURSO ESTÉTICO DO NATURISMO	123
6.1 Ética e/ou moral?.....	123
6.2 O sentido da ética/estética.....	126
6.3 O entrelaçamento ético/estético dos colineiros	128
6.4 A sexualidade na Colina do Sol.....	131
6.5 A ética, a estética e o meio ambiente: a percepção da Educação Ambiental nos colineiros.....	133
7. O CORPO E A MENTE EM LIBERDADE	140
7.1 O valor da consciência para a liberdade do corpo e da mente.....	141
7.2 A Liberdade da Mente	143
7.3 A liberdade não é absoluta	146
7.4 Para os colineiros, sentir-se em liberdade é transmitir vida através do amor	149
7.5 A complexa liberdade.....	150
8. OS SENTIDOS DO NATURISMO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	155
8.1 Ouvindo a Natureza	155
8.2 A ética/estética como resgate das sensações que o planeta Terra proporciona	163
PARA CONCLUIR LÁ ONDE AS TRILHAS CONTINUAM	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
ANEXO.....	183

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Taquara/RS (p. 67)

Figura 2 - Mapa de acesso ao CNCS (p. 68)

Figura 3 - Croqui de localização interna do CNCS (p. 81)

LISTA DE IMAGENS

Imagens 1 e 2 - Primeira manhã no CNCS, protegendo-se com uma canga (p. 62)

Imagem 3 - Imagem geral da localização do CNCS, disponibilizada pelo Google Earth, com indicação ao único acesso (p. 68)

Imagem 4 – Exemplo de uma residência (p. 69)

Imagem 5 - Vista aérea da área de lazer (p. 72)

Imagens 6 e 7 - Placas de conscientização (p. 78)

Imagem 8 - Área de nudez obrigatória (p. 83)

Imagem 9 - Placa indicativa da zona de nudez total (p. 83)

Imagem 10 - Pannel de vidro fixo instalado no box do banheiro (p. 98)

LISTA DE ABREVIATURAS

CNCS - Centro Naturista Colina do Sol

EA - Educação Ambiental

FBrN - Federação Brasileira de Naturismo

INF - International Naturist Federation

RESUMO

A presente dissertação de mestrado versa sobre a ética e a estética dos corpos do naturismo da Colina do Sol e as possibilidades pelas quais essa prática de nudez coletiva se constitui em proposta de Educação Ambiental à luz da Teoria da Complexidade, teoria proposta pelo filósofo francês Edgar Morin, que percebe o ser humano como um ser resultante de uma complexidade de conexões de sistemas interativos: biológicos, físicos, químicos, culturais, ecológicos, sociais, naturais, que abonam a relação do indivíduo com a sociedade e a natureza. A reflexão se desenvolve a partir de uma pesquisa de campo no Centro Naturista Colina do Sol, localizado no interior do município de Taquara/RS, contando com 45 hectares para a prática do naturismo, o qual abriga 12 famílias domiciliadas e possui um total de 102 cabanas para alugueis e/ou moradias temporárias, albergue e uma área de camping. Conta com uma extensa área de lazer, como um lago com uma praia artificial e piscina de pedras. O objetivo desta pesquisa é refletir como são concebidas as relações entre a ética e a estética dos corpos nus e em que medida essas relações se definem em formas de educabilidades ambientais, além de compreender a forma como a Educação Ambiental está presente nas relações ético/estéticas nesse modo de vida, e também reconhecendo a visão de mundo dos sujeitos colineiros com relação a essa prática. A metodologia é entendida como uma construção permanente no decorrer da caminhada na busca por refletir o problema de pesquisa. Partindo do estudo de caso, foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas e observações participantes, junto aos sujeitos colineiros domiciliados e a apreciação dos dados ocorreu por meio da análise qualitativa textual. A educação ambiental é compreendida neste trabalho como educação participativa e reflexiva, inserida no projeto de edificação de um mundo possível. O diálogo constante e o respeito ao saber de todos os colineiros nos traz uma nova forma de refletir sobre o sentido da existência para que possamos (re)significar as práticas cotidianas, exercendo por meio da experiência ética/estética a oportunidade de romper tabus configurando-se em educação ambiental, cognição, sensibilidade e corpo.

Palavras-Chave: Ética; estética; naturismo; complexidade; educação ambiental.

ABSTRACT

This Master's thesis is about the ethics and aesthetics of the Naturism bodies at the *Colina do Sol* Naturist Community and how the practice of social nudity constitutes itself as a proposal in Environmental Education in the light of the Theory of Complexity, developed by Edgar Morin, a French philosopher. His theory perceives the human being as a result of a complexity of connections, i. e., biological, physical, chemical, cultural, ecological, social, and natural interactive systems which reveal the individual's relation with society and nature. This reflection started with a field research which was carried out at the *Colina do Sol* Naturist Community, a 45-hectare area near Taquara, RS, Brazil. Twelve families live there permanently and there are also 102 cottages for rent, a hostel, and a camping site. Besides, this center has a large park which includes a lake with an artificial beach and a swimming pool made of stones. This research aims at reflecting on the relations between the ethics and the aesthetics of the nude bodies and how these relations are defined in different types of environmental educability. It also aims at comprehending how Environmental Education appears in the ethic/aesthetic relations in this lifestyle, taking into account the subjects' views of the world regarding this practice. The methodology was a permanent construction throughout the reflection on the research question. My starting point was a case study followed by six semi-structured interviews and participant observation of the community dwellers. Data were analyzed by using qualitative textual analysis. Environmental Education is here understood as participant and reflective education which is inserted in the project to build a possible world. Constant dialogue and the respect that all dwellers have for knowledge make us reflect on the sense of existence in a new way. Therefore, we may be able to give (new) meaning to everyday practices, and have the opportunity to break taboos through the ethic/aesthetic experience which results in Environmental Education, cognition, sensitivity, and body.

Key words: Ethics; Aesthetics; Naturism; Complexity; Environmental Education.

À GUIA DE INTRODUÇÃO: PENSAMENTOS, DITOS E ESCRITOS

*Ao Começar meus estudos,
me agradou tanto o passo inicial,
a simples conscientização dos fatos,
as formas, o poder de movimento,
o mais pequeno inseto ou animal,
os sentidos, o dom de ver, o amor
- o passo inicial, torno a dizer,
me assustou tanto,
e me agradou tanto,
que não foi fácil para mim passar
e não foi fácil seguir adiante,
pois eu teria querido ficar ali
flanando o tempo todo,
cantando aquilo
em cânticos extasiados.
Walt Whitman(1819-1892)*

Muitas vezes o título de mestre é visto apenas como um requisito acadêmico ou burocrático. É verdade sim, mas caso reduzido a cumprir uma tarefa, corre-se o risco de desistirmos no meio da caminhada. Afinal, as trilhas ficam cheias de bifurcações e, normalmente, não existem placas sinalizadoras dizendo qual o caminho a seguir. O trabalho acadêmico, necessariamente, inclui a pesquisa, a investigação, a ousadia, o risco, o medo, a estranheza, a fuga, a tentação, o dilema e o atrevimento de não apenas repetir ideias dos outros, como um ‘depósito bancário’, mas também desenvolver as suas próprias. Dessa opção decorrem outras e mais outras.

Estou fortemente convencida de que a natureza do trabalho acadêmico determina uma considerável parte das situações que vivemos na época da dissertação, tal como as exigências emocionais. A dissertação mobiliza todas as nossas forças, nosso tempo; somos sujeitos antissociais e excludentes, incertos no comportamento, na emoção e, por que não, no intelecto. A dissertação consome

nossas energias e exige uma enorme tolerância daqueles que convivem conosco, pois nessa etapa da vida, somos impelidos à exclusividade do escrito.

Contudo, o fazer a pesquisa com atrevimento, no sentido de ousar-se, provocar-se, questionar-se, preenche uma função social: a de avançar o conhecimento de um determinado propósito. Qualquer que seja o assunto, sempre se acrescentará algo para alguém, seja pela perspectiva que se explora, ou novo olhar, ela provoca *insights*, e, certamente, desacomodação e estranhamento.

Apropriei-me dos termos “estranhamento” e “desacomodação”, nesta dissertação, pois esses termos funcionavam como um desafio para a meta proposta; que me impulsionavam para a escrita em que, muitas vezes, eu deveria estar arquitetando ou preferiria estar brincando com os meus filhos.

A totalidade do meu corpo fez parte da pesquisa como protagonista de uma história que está por contar, pois sabe-se que são poucos os relatos e pesquisas que preenchem poucos pedaços de terra. Mas, talvez, seja por isso necessário lembrar que não é pela quantidade que se tem a força. O que nos enfraquece e nos diminui são as divisões, as fragmentações desnecessárias.

O meu delírio é a pretensão de que o respeito entre os seres humanos e com a nossa casa maior é possível, sim, a partir de alternativas simples, não julgando, mas conhecendo, optando ou não, mas respeitando.

Acredito que esta dissertação deixa uma marca em meu ser que só poderá ser decifrada por alguém que vivenciou o que eu vivenciei. As palavras nem sempre traduzem toda a energia e emoção. E o conhecimento e apreensão deste só podem ser realmente entendidos se aliarmos a palavra com a emoção.

Felizmente, o mundo precisa de tudo e algumas pessoas são melhores que outras fazendo coisas diferentes. Sou arquiteta e por que não pesquisadora? Afinal, escrever é um ato criativo, que além de conhecimentos gerais e específicos, exige paciência que nem todos estão dispostos a exercitar. Criar significa tentar, disponibilizar-se, permitir-se errar, experimentar, observar, acreditar.

Também é verdade que algumas pessoas conseguem escrever, sem oscilar, reciclando o erro, tolerando as críticas, refazendo com menor desespero, suportando a sua própria chatice. Contudo, trago em mim muitas atrizes que estimulam, julgam, instigam, absorvem, condenam minhas criações intelectuais. Por vezes sou hedonista, censurista, egocêntrica, utópica, tudo irrigado pelo emocional. Por isso vivenciei momentos de extrema severidade comigo mesma nesse processo criativo de dissertar.

Esta dissertação, que tem um toque próprio e único, nasceu do desafio que é fruto não somente de disciplina mas, muito, da teimosia, do choro, do sorriso, dos papezinhos com anotações, do falar sozinha, do experimentar. E por falar em experimentar...

Acordando os sentidos

Recordo uma bela infância impregnada por bons momentos; outros, nem tanto. Mas os que ficaram presos na memória são aqueles que recordamos a partir de um cheiro, de um gosto, de uma fala, de um toque, de uma paisagem.

Ressurgir o passado e mantê-lo vivo só pode ser alcançado mediante o trabalho ativo da memória. Assim, pisar na grama cedinho e ouvir o tilintar da geadá, no inverno do centro-serra do nosso Estado; ir para a aula conversando com outras crianças sem se preocupar com a segurança; ouvir o passarinho na janela, contar as estrelas, sentir o cheiro do mato quando chovia; ver o rio traçando seu leito, mostrando a sinuosidade entre as rochas com as pedras emolduradas pela ação do tempo. Sentidos embriagados pela vida. Pura estética!

Saí de uma cidadezinha chamada Sobradinho aos 17 anos para continuar os meus estudos. Tornei-me arquiteta. Sonhadora, decidida e sempre muito inquieta. Talvez teimosa, para alguns.

Fiz Licenciatura para Construção Civil, Gráfica Digital e, agora, Educação Ambiental. Nesse momento, coloco-me em xeque ante a estética do belo na organização das mais diferentes formas, trabalhando diariamente com curvas, ângulos, retas, volumes, formas, cores, texturas, sensações. Encantos e desencantos, sonhos e ilusões, clássico e contemporâneo, claro e escuro, transparência e solidez, opaco e... reflexão.

Surgiu um novo olhar, que é dado pela estética da e pela emoção. Emergiram da minha infância os sentidos aguçados, permeados pela ética em todos os projetos exclusivos, no tratamento para e com as pessoas, no respeito às diferentes formas de desejo e na contemplação das moradias.

Tudo isso trouxe o estranhamento no processo de construção da dissertação. Processos de erro e acerto, de tropeçar, de correr, de amar, de chorar, de sentir, de

sorrir, caminhando com o medo e a angústia; a incerteza, as noites sem dormir, a preocupação com o apreender a aprender.

Passei a recordar os sentidos adormecidos descortinados na infância em prol de um corpo, de uma voz e uma vez que acredita em um conceito. Um conceito de possibilidades na complexa “teia da vida”. Uma rede de conexões de homens e mulheres que traduzem, através de seus corpos, a vida, a natureza em si, por si e para si!

Na condição de aluna especial, cursei a disciplina Educação Ambiental e Complexidade, em 2006, e tive o prazer de conhecer um ser humano chamado Humberto Calloni, que me conquistou, perturbando o meu ser interior, com suas questões relativas à complexidade da vida e das relações e integração entre os seres humanos e o meio ambiente.

A proposta de pesquisa surgiu a partir de uma conversa informal com o Prof. Calloni: “Você precisa de um objeto de pesquisa!”, “Você precisa de um problema!”... Problema, eu? “Você tem que realizar um trabalho com dedicação e personalidade!” Personalidade! Eis a palavra-chave. Algo que pudesse me desafiar, que agregasse possibilidades de transformação pessoal, na minha família e, sendo mais ambiciosa, nas relações sociais e profissionais, oportunizando o crescimento através de um novo olhar, a vivência contínua de aprendizado.

Almejei aliar meus sentidos e sentimentos, pois o desafio era o de experimentar-me. Trazer meu corpo como parte integrante da pesquisa, o sujeito enquanto corpo e alma enquanto pesquisa. Então, eis o naturismo!

Após dias lendo de tudo que aparecia, comentei com o Prof. Calloni sobre o tema. Ele sorriu! Após, olhou-me, seriamente, e disse que o tema era pertinente para o desenvolvimento de um estudo no âmbito da EA, mas que o desafio seria grande e que eu enfrentaria muitos preconceitos advindos de indivíduos que criariam estereótipos sobre a minha pessoa. Perguntou-me se eu teria coragem de praticar essa ação frente a outros naturistas, pois este sim seria o maior desafio. Sugeriu, então, que eu começasse com uma provocação a mim mesma. Um estranhamento assolou-me profundamente. Retornei para casa com a emoção afluindo na pele. Eu teria praticamente um semestre para adaptar-me, reconhecer meus preconceitos e reavaliar meus tabus e pudores.

Assim, a semente do projeto de pesquisa foi lançada, testando-me, como se estivesse com uma marca em meu corpo que dizia ‘vergonha ou ‘proibido’.

Confesso que testar-me nua em casa, inicialmente, era curioso e singular. Tem-se sempre a impressão de que há pessoas nos observando. Estranho, estranho, muito estranho... Nesse contexto, delineando os caminhos, acabei definindo a proposta, com o apoio da minha família, juntamente com o meu “desorientador” Calloni. Assim o chamei, pois, cada vez que eu pensava estar no caminho, ele (des)construía meus conhecimentos através de perguntas que me conduziam a reflexões, inquietando-me. No entanto, nenhuma pesquisa faz-se exclusivamente com o apoio acadêmico. É imprescindível termos o carinho, a compreensão e o incentivo daqueles que, por nós, são queridos.

A filosofia fez apaixonar-me. Passei por temas com os quais não tinha a menor ideia das suas importâncias. Descobri a verdadeira estética. Estética? Eu, arquiteta, considerava a estética apenas como o belo, bonito, atraente. Aprendi que os sentimentos, emoções, ilusões, sonhos e desejos fazem parte da estética no mundo filosófico, um mundo verdadeiro que nos faz pensar, agir, educar, sonhar.

Após muitas leituras sobre o naturismo, escolhi o Centro Naturista Colina do Sol localizado no município de Taquara - RS como meu objeto de pesquisa, tendo como problema as relações da estética e da ética estabelecidas naquela comunidade.

Vivenciei, após episódios inusitados, como por exemplo, projetar, desnuda, a experiência de estar visitando o Centro Naturista Colina do Sol, percebendo e reconhecendo os limites como ser humana, e valorizando cada passo. Então, entendi ser necessário incorporar, neste trabalho, a própria experiência do desnudar-se. A opção por tal procedimento buscou uma interação entre a pesquisadora e o objeto pesquisado; entre teoria e prática, ação e reflexão, pensar e agir, ser e estar sendo.

Construí esta dissertação com a esperança de romper tabus, inclusive os meus, tendo a possibilidade de superação, através da educação ambiental, em uma comunidade naturista, não como receita de bolo, com respostas prontas e/ou soluções para os problemas ambientais, mas como uma contribuição por um mundo possível, solidário e justo.

No que diz respeito à forma desta dissertação, iniciei pela delimitação do tema e do recorte escolhido para a realidade do naturismo nesta pesquisa. Essa relação remete necessariamente às questões metodológicas. A integração entre o pesquisador e o objeto definido estabeleceu um diálogo a partir do próprio envolvimento com a pesquisa, como fruto das vivências, das referências teóricas e

dos atores sociais encontrados no decorrer da pesquisa e das próprias questões que decorreram da minha experiência.

A primeira experiência de campo e os debates nas diversas disciplinas do Mestrado, como o despertar curioso dos colegas e mesmo de alguns professores, impulsionaram-me para a realização do trabalho de forma concreta. A partir de então, emergiram novas possibilidades de refletir sobre as relações possíveis entre a vida naturista da Colina do Sol e a prática da Educação Ambiental.

Em função da abordagem seguida pela presente pesquisa, optei pela utilização do termo naturismo ao invés de nudismo. Entendo, agora, melhor o termo naturismo, embora saiba que o nudismo seja o conceito da prática naturista e que, em algumas federações internacionais, o nudismo é termo mais utilizado. O nudismo é, segundo entendi, a simples prática do despir-se individual ou coletivamente. Mas, quando ligado à autoaceitação, ao respeito ao próximo e pelo meio ambiente, então, firma-se como naturismo.

A primeira parte da dissertação “*A pesquisadora e seu objeto: os primeiros passos*” apresenta a composição da pesquisa, ou seja, a metodologia utilizada. A metodologia é o caminho que se faz caminhando, que está presente em todos os momentos do trabalho e nas escolhas realizadas, que se constroem e poderiam ser diferentes caso fosse outro pesquisador com outro “desorientador”, ou seja, de sujeito para sujeito.

O segundo capítulo, intitulado “*O naturismo: breve histórico e seus propósitos*” intenta constituir uma forma de resgatar, entre livros, revistas e cds, o percurso do naturismo desde suas origens até a consolidação daquela comunidade, situando o leitor nos aspectos mais específicos do naturismo mundial até o surgimento do Centro Naturista Colina do Sol, sem pretender extinguir o assunto. Neste capítulo e nos demais tem-se a inclusão de algumas das falas dos entrevistados.

Na seqüência, “*Nas trilhas do Centro Naturista Colina do Sol: o despertar dos sentidos*”, descrevo a minha primeira experiência naturista, compartilhada com minha família, em fevereiro de 2007, traduzindo os escritos do diário de bordo e através do registro fotográfico.

Nesse primeiro momento, entendo que a minha família foi fundamental para eu seguir com a proposta de trabalho, visto que, em uma área naturista, seria impraticável as observações sem participar despida. E para mim, como esposa e mãe,

era impossível essa abordagem sem o aval e respaldo daqueles da minha relação familiar.

Não acredito em neutralidade numa investigação, pois estamos sempre imbuídos de significados que estão presentes em nossas experiências, realidades e nossos posicionamentos. Por mais que alguns pesquisadores tentem negar, toda pesquisa tem um razão de ser, está atrelada a nossa realidade e a nossa visão de mundo, de sociedade, de tempo, para a transformação ou manutenção de algo. E quando nos propomos a elaborar um projeto, significa, em outras palavras, que estamos nos propondo a mudar, a transformar, a reciclar o nosso meio, nossa vida, nosso mundo, tal como um projeto arquitetônico.

Meu olhar de pesquisadora iniciou-se a partir da combinação da minha própria experiência de observadora participante; do envolvimento no campo da pesquisa aliada a uma abordagem teórica sobre a estética e a ética. Então, desse momento em diante, pude vivenciar a vida naturista, com todos os pudores e toda ansiedade inerente a este estudo.

O quarto capítulo, *“O naturismo tal como ele é praticado na Colina do Sol”* apresenta uma seção cativante e exótica, pois narra a vivência estabelecida na Colina do Sol, em que se fez necessário sublinhar a utopia e provar dessa realidade.

O quinto capítulo, intitulado *“Noções sobre o bem e o belo a partir da libertação do corpo pela liberdade da mente”*, abordo um breve percurso da história da estética. Há uma série de pensadores que já se detiveram, com muita propriedade, na reconstituição da história da estética. Almejei não ser repetitiva e não me alongar nesse ponto mas, sim, entender a potencialidade e o desafio, incluindo também a noção de experiência e percepção estética.

O sexto capítulo *“A emergência da ética no discurso estético do naturismo”* reflete sobre a ética e/ou moral e, a partir desse entendimento abordo o sentido e o entrelaçamento da ética e da estética dos naturistas colineiros. Trata-se de perceber o ser humano inscrito em uma comunidade através de suas habilidades individuais e da sua autoética, respaldada por sua trajetória de vida.

O capítulo sétimo intitulado *“O corpo e a mente em liberdade”* versa sobre a noção de consciência retratando o amadurecimento das ideias anteriores. A consciência depende de gostos ou decisões pessoais, pois é uma relação com a realidade. Pode, portanto, ser racionalizada e pode-se explicar abstratamente o que está certo ou está errado, ainda que respeitando o modo como cada indivíduo pensa.

O que é difícil é julgar as ações que, pela sua complexidade, nem sempre são avaliáveis ou mesmo confiáveis a nossa percepção.

Finalmente, o oitavo e último capítulo, intitulado “*Os sentidos do naturismo para a educação ambiental*” aponta para as ações diárias valorizadas pelos naturistas colineiros com ênfase na educabilidade ambiental. Não como regras impostas, nem como um quebra-cabeça a ser montado ou desmontado, entretanto assumindo um caráter na busca de equilíbrio dinâmico entre o ser humano e o meio ambiente.

O trabalho é finalizado com “*Para concluir lá onde as trilhas continuam...*”, como uma opção de continuidade, no lugar de inferências conclusivas na medida em que o presente trabalho apresenta certo grau de originalidade nas trilhas da Educação Ambiental, uma vez que não se encontram reflexões teóricas ou relatos de experiências pelo estudo da ética e da estética no naturismo da Comunidade pesquisada. Nesse sentido, parece prudente, a partir da experiência, relatar as possibilidades neste campo. Este trabalho é uma invasão exploratória num tema que deve ser aprofundado, sabendo-se, contudo, que não é um caminho fácil, e que está sempre em construção.

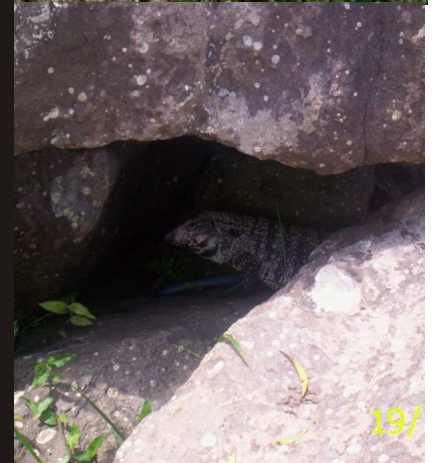
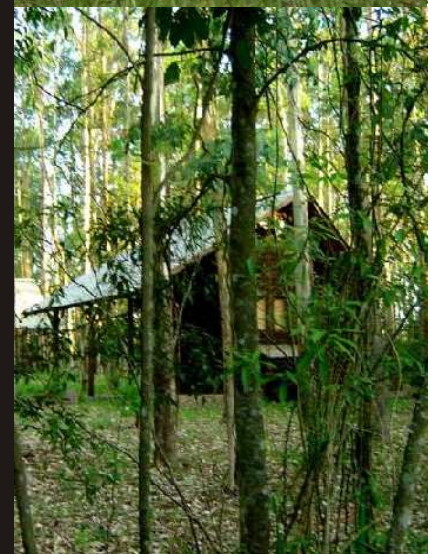
1

A PESQUISADORA E SEU OBJETO: PRIMEIROS PASSOS

CAMINHO

Era um caminho que de tão velho, minha filha,
já nem mais sabia aonde ia...
Era um caminho
velhinho,
perdido...
Não havia traços
de passos no dia
em que por acaso o descobri:
pedras e urzes iam cobrindo tudo.
O caminho agonizava, morria
sozinho...
Eu vi...
Porque são os passos que fazem os caminhos!

Mário Quintana



1. A PESQUISADORA E SEU CAMINHO: PRIMEIROS PASSOS

"Qualquer caminho é apenas um caminho e não constitui insulto algum - para si mesmo ou para outros - abandoná-lo quando assim ordena o seu coração. Olhe cada caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes quantas julgar necessárias. Então, faça a si mesmo e apenas a si mesmo uma pergunta: possui esse caminho um coração? Em caso afirmativo, o caminho é bom. Caso contrário, esse caminho não possui importância alguma."

*Carlos Castañeda
(Os Ensinos de Dom Juan)*

1.1 O problema de pesquisa e os seus objetivos

Uma ciência com consciência precisa ser capaz de articular a ética do conhecimento com a ética da responsabilidade perante o homem e a sociedade. Com consciência, precisa-se pensar de forma dialógica, ou seja, fazer dialogar num mesmo espaço o intelectual, o complementar, o antagônico e o concorrente.

Nessa direção ao optar-se por um tema, esse precisa partir de uma inquietação por parte da pesquisadora. A falta de entendimento sobre algo, a curiosidade, o conhecer o novo inquietam e possibilitam arquitetar mudanças por meio de uma imaginação colorida de possibilidades, emergindo conceitos e práticas que balançam o cotidiano na fala, na solidariedade, no discurso, na forma, no conteúdo, no tocar, no agir, no sentir, no pensar e no próprio amar.

Ora, em Santos (2001: 50), a escolha do tema da pesquisa depende:

(...) do gosto pessoal, preparo técnico e tempo disponível. Um tema da preferência do pesquisador gera empatia, entusiasmo e favorece a perseverança. A formação cultural e a vivência pessoal garantirão o início bem-sucedido do processo de busca.

O foco da pesquisa é a ética e a estética dos corpos nus do Centro Naturista Colina do Sol, localizado no município de Taquara/RS. Um microfoco, é verdade; contudo, uma comunidade calorosa e solidária, que tem sua identidade no cerne da atenção dos indivíduos no corpo humano fortemente assentado no topo dos debates existenciais. Dessa forma, traz-se um tema e um problema enraizado em nossa própria existência, construído e solidificado na vida profissional e pessoal da pesquisadora.

Desse modo, a presente dissertação tenta responder a seguinte pergunta:

- Como são concebidas as relações entre a ética e a estética dos corpos nus no naturismo da Colina do Sol e em que medida essas relações definem formas de educabilidades ambientais?

Nesse sentido a pesquisa tem como objetivos:

- Compreender a forma como a Educação Ambiental está presente nas relações ético/estéticas no modo de vida naturista;
- Compreender a visão de mundo dos naturistas com relação a essa prática de vida naturista;

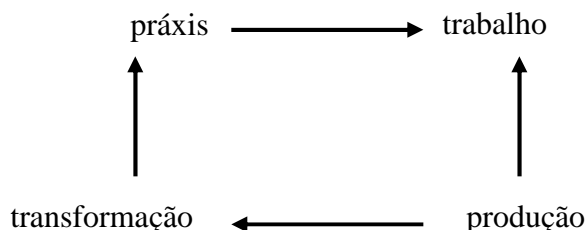
Azevedo (2001: 71) enfatiza que:

Na área do meio ambiente a representação social de indivíduos ou grupos é necessária para se entender como esses atores sociais estão captando e interpretando as questões ambientais e, de certa forma, como pensam e agem em sua realidade próxima.

1.2 Metodologia

Uma vez definido o problema de estudo, advém o processo metodológico. Esse processo foi sendo construído conforme a caminhada, alinhando mosaicos de incertezas, de apostas, de ousadias, de estratégias, de linguagens, de saberes, tecendo as trilhas (in) visíveis e pensando em uma realidade em movimento. Afinal, vive-se em um mundo repleto de significados e significações, no qual cada um interpreta o que vê e/ou sente de forma diferente.

O método pressupõe um planejamento que pode ser comparado a uma espiral, onde acrescentamos informações que geram novos conhecimentos e assim sucessivamente, mantendo, sempre, um movimento. Esse sistema transforma o olhar e reestrutura o pensamento a cada nova informação. Nessa organização criou-se um circuito prático, como informa Morin (2005c: 202):



Através do esquema, tem-se a práxis como sendo o trabalho de campo propriamente dito, o ato de pesquisar, a observação participante, as entrevistas. O trabalho pode ser considerado como a revisão bibliográfica, o enfoque teórico, os autores que sustentam e aportam à pesquisa. Na produção, tem-se o texto em si, que evolui conforme as transformações, ou seja, as informações que são concebidas pela práxis que geram o conhecimento, que retroage com o trabalho. Cada elemento não pode ser isolado do outro, dessa forma conduz à ideia de re-organização que se reproduzem uns nos outros.

Trata-se, também, de conceber conceitos que emanam da própria subjetividade¹ da pesquisadora e a organização do entendimento como sabedoria. Por

¹ Carvalho (2004: 66) entende subjetividade “como o espaço de encontro do indivíduo com o mundo social, resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão construir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações”.

se tratar de um tema pouco explorado, a pesquisadora conscientiza-se das incógnitas, do desconhecido, do estranhamento e das incertezas e assume totalmente o risco e o desafio do “pensamento complexo”, tendo a clareza de que submeteu-se os manuscritos, nas suas mais distintas etapas, ao “desorientador²” dessa trajetória. Porém, nem por isso eliminando os riscos da pesquisadora nesse processo de conhecimento, onde “o pensamento, retomando os problemas que tenta resolver, encontra rupturas, bloqueios, enfrenta turbulências e tormentos, corre o risco da regressão ou do delírio” (Morin, 2005d: 209).

E, indiscutivelmente compreender que:

a contradição seja algo que metodologicamente não possamos abandonar a partir do momento em que sentimo-nos sujeitos finitos, experimentando a finitude como algo hermeneuticamente constitutivo de nossas vidas, não sejamos tão cegos sobre nosso pensamento ao ponto de não vermos que vivemos num mundo que não sabemos se é contraditório ou não-contraditório; lógico ou não-lógico (Ciurana,2003: 55).

Nesta dissertação, a pesquisadora incluiu-se no conhecimento do objeto pela experiência vivida, o que aumenta a importância da auto-crítica e da autorreflexão. E disso dependeu o progresso do conhecimento científico, entre o todo e a parte, entre a ordem, a desordem e a organização. Envolveu o entrelaçamento da razão e emoção, do sensível e inteligível, o real e o imaginário, a razão e os mitos, a ciência e a arte.

O método não é uma estratégia metodológica pronta, pois é no decorrer do processo que se estabelecem os sentidos, durante o percurso e não antes ou depois. Com isso, o método é simultâneo ao conhecimento e se descobre no próprio processo de conhecimento, por meio da mediação entre a teoria e a realidade empírica. Vale a pena lembrar a complexidade emprestada ao método de Vygotsky nas palavras de Molon:

Nesse sentido, defende-se a unidade dos processos afetivos e intelectuais e enfatiza-se a importância da tendência afetivo-volitiva, pois, tal como Vygotsky, acredita-se que o pensamento é gerado pela motivação, ou seja, pelos desejos, necessidades, interesses e emoções. Sendo assim, a tendência afetivo-volitiva é geradora do pensamento e é nela que reside a compreensão do pensamento do outro (2005: 143).

² “Desorientador”: uma licença poética atribuída ao meu orientador. O sentido, naturalmente, é meramente metafórico e sinceramente afetivo. (N.A.)

Por outro lado, a metodologia, segundo Oliveira (2007: 43) “é um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos conhecimentos”. Entretanto, não se tem um método pronto e imutável, antes de iniciarmos a pesquisa. O método vai se construindo ao longo desse percurso. Além do mais, o método depende do espírito investigativo e das condições dos objetivos das realidades pesquisadas. Diferentes pesquisadores podem construir compreensões distintas do mesmo objeto do estudo em função do método.

Enfim,

A adequação do conhecimento ao mundo fenomenal realiza-se pelos meios do pensamento racional/empírico/lógico, que atua, digamos, na faixa intermediária do espírito, situando-se ente o pensamento simbólico, mítico ou poético e as comunhões indizíveis do êxtase (Morin, 2005d: 244).

No primeiro passo metodológico, realizei a revisão bibliográfica, pesquisando autores que pudessem ter produzido alguma matéria sobre o naturismo aliado à ética e à estética e à educação ambiental. Essa tentativa teve pouco sucesso. Os autores que a pesquisadora encontrou, ora trabalhavam com o naturismo, ora com a ética e/ou com a estética; outros, no entanto, dissertavam sobre o corpo ou, então, sobre a comunidade. Perceber a educação ambiental no naturismo foi um verdadeiro processo de descoberta.

O contato com as edições da Revista Naturis, publicadas com algumas interrupções, entre os anos de 1991 e 2002, evidenciou a importância de um estudo sobre as relações ético/estéticas, visto que esses temas eram raramente abordados. Durante o processo da pesquisa outra Revista se revelou em uma abordagem nacional: a Revista Brasil Naturista, com edições trimestrais, que iniciaram em março de 2007, também, com enfoque midiático de promoção dos recantos naturistas e dos principais eventos, preenchendo a lacuna a qual a Revista anterior deixou. Essas revistas serviram como fontes primárias para engatilhar no tema naturista.

A revisão bibliográfica buscou um autor que abordasse uma “reforma do pensamento”, privilegiando a visão de Edgar Morin (1921-) filósofo, sociólogo e escritor, sobre as complexas teias que se estabelecem nas inter-relações humanas. Para tanto, a revisão bibliográfica foi permanente e em cada documento fiz descobertas significativas.

A partir da visão do filósofo Edgar Morin, dos entrevistados e da comunidade colineira, descortinaram-se horizontes para a reflexão. Aceitei o desafio dos paradoxos, fazendo emergir, em todo o trabalho, um discurso poético e prosaico, com uma linguagem capaz de enunciar, sem temor, as incertezas, e de lidar com as possibilidades em aberto...

Como fontes primordiais, obtive entrevistas com seis naturistas domiciliados na Colina do Sol, que resultaram em um material significativo para a análise textual.

O processo foi gradativo, de construção e reconstrução do conhecimento. Assim, as compreensões resultantes de uma análise textual, por vezes, só puderam ser expressas por meio de metáforas, nas quais, segundo Moraes (2005: 107-108), “entendemos que o emprego de metáforas é um modo interessante e criativo de expressar novos significados reconstruídos no interior do discurso por meio das análise textual (...) O seu uso é especificamente interessante nos títulos e nas teses.”

O resultado da pesquisa não foi formado apenas pelos dados que foram obtidos e analisados, mas também, pela subjetividade da pesquisadora. Quero dizer: na trajetória da pesquisadora participante, como um caminho de vida reimaginado ou transformado e uma história que move o coração (a poesia), e a mente (a prosa), em uma batalha pela honestidade e pela expressão de um mundo incerto.

Proponho, nesta pesquisa, uma caminhada descritiva com o objetivo de conhecer as relações éticas/estéticas estabelecidas pelos naturistas, tendo como método a ser empregado o Estudo de Caso.

A pesquisa descritiva narra o que acontece e, como afirma Rudio *apud* Oliveira (2007: 67), está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando “descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”.

Oliveira (2007: 68) afirma:

Portanto, a pesquisa descritiva vai além do experimento: procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada.

E mais:

A pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais,

econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos. Também é utilizada para a compreensão de diferentes comportamentos, transformações, reações químicas para explicação de diferentes fatores e elementos que influenciam um determinado fenômeno.

O método de Estudo de Caso trata de uma realidade que pode ser estudada exaustivamente, na tentativa de sempre buscar novos elementos que possam explicar melhor o objeto de estudo. É um método que facilita a compreensão da realidade. Para o autor Yin (2005: 20):

O método de estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real, tais como: ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de setores econômicos.

Ruscheinsky (2005: 138) relata que “a pesquisa requer um procedimento formal, um rigor metodológico com pensamento reflexivo, que exige um tratamento cuidadoso de informações, e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para se desvelarem aspectos parciais”.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual possui inúmeras possibilidades reveladoras de um caráter essencialmente dinâmico de obtenção de informações, sem o propósito de quantificar os resultados e elaborar generalizações. Seu objetivo é o de alcançar, com seus resultados, ideias, fatos, experiências, significados, que se reiteram e que são reconhecidos como válidos pelos naturistas da Colina do Sol. A pesquisa é baseada na atividade de investigação, com aportes teóricos que sustentassem, ou não, o enfoque.

A pesquisa foi realizada com a coleta de dados e com os seguintes instrumentos: entrevistas semiestruturadas gravadas, que serviram para aprender um universo estudado, inclusive para apoderar-se de termos e significados utilizados habitualmente pelos informantes, que ofereceram uma riqueza de sentimentos, de significados, de emoções e de signos.

Para a autora Oliveira (2007: 80-81)

[...] as observações visam buscar os fundamentos na análise do meio onde vivem os atores sociais. Em pesquisas qualitativas, os dados não podem ser considerados como fatos isolados desde que

estejam relacionados ao contexto em suas múltiplas relações. São, portanto, fenômenos, que se manifestam de diferentes formas e que precisam ser percebidos além das aparências. Vai-se à essência desses fenômenos e dos fatos através da dinâmica e conexões do objeto em estudo.

É necessário ressaltar que, inicialmente, foram entrevistados três sujeitos naturistas residentes da CNCS, como amostra; e que tive a permissão para gravar a mesma.

A gravação permitiu que a pesquisadora recorresse a esse material no momento da transcrição das entrevistas, um momento singular em que as informações não poderiam ser perdidas ou esquecidas, além de recolher com fidelidade as perguntas dos sujeitos que participaram do diálogo, mostrando as expressões e o tom das vozes dos participantes, para se obter com precisão o registro de tudo o que foi dito por ocasião da entrevista.

As entrevistas constituíram-se em um espaço genuinamente educativo, de troca de experiências, no qual a pesquisadora pôde aprender com aqueles com quem dialogava, certamente modificando a própria maneira de pensar as possibilidades de educação ambiental.

A pesquisadora observava as regras de preservação da natureza, de intocabilidade, de cuidados com a flora e fauna, com os recursos hídricos, do reuso da água, da inserção de cisternas nas edificações, da economia de energia elétrica em projetos que utilizassem menos os recursos artificiais e mais a energia solar, as relações de respeito entre os indivíduos, entre outros, mas não refletia as relações inegáveis do comportamento humano mediante a vida em uma comunidade naturista.

Durante o processo das entrevistas, o diário de bordo foi indispensável, como documento de consulta e de apoio para, posteriormente, ordenar e redigir as situações, bem como descrever e interpretar os fatos.

Para Ruscheinsky (2005: 139)

(...) a aglomeração de dados, a análise sistemática, a interpretação e a redação deverão apresentar os múltiplos aspectos envolvendo o problema e suas relevâncias, situando-o no contexto em que ocorre.

Neste trabalho, as entrevistas foram agendadas previamente, de modo a conciliar com a presença de todos os sujeitos pesquisados, da mesma forma em que

os demais moradores da Colina do Sol estivessem presentes na comunidade, caso necessitasse de maiores informações ou de outras entrevistas. Para que este objetivo fosse alcançado, entendi oportuna a ida à Colina do Sol durante o período em que comemoravam os 13 anos de sua fundação, em setembro de 2008.

1.3 O porquê da escolha dos entrevistados

Para a escolha dos entrevistados, houve um primeiro momento de estruturação de ideias, passível de ser modificada diante dos segundo e terceiro momentos.

O primeiro momento deu-se na primeira visita à Colina do Sol, em fevereiro de 2007, observando e descobrindo-se juntamente com os colineiros que lá residem. Para a escolha dos entrevistados, obtive como parâmetro a história de vida individual em que se pode familiarizar nesta primeira etapa.

Em um segundo momento, grávida de sete meses, em novembro de 2007, estabeleci um maior contato com aqueles que eu achava pertinentes para uma futura entrevista, apresentando-lhes o motivo da pesquisa. Após muitos diálogos, verifiquei qual a melhor época para encontrar o maior número de residentes, visto que o estudo de caso poderia necessitar de outras pessoas para entrevistar, o que realmente ocorreu, conforme se verá adiante.

Em um terceiro momento, realizei as entrevistas previamente agendadas para o mês de setembro de 2008.

Cada entrevista permitiu diferentes posicionamentos sobre os questionamentos feitos ainda que partindo do mesmo roteiro. Em outras palavras, a mesma intencionalidade no ato da busca, mas o curso das narrativas evocando a diferentes visões e significados.

Segundo Szymanski (2001: 195)

a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, na qual estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos, interpretações e constituição de sentido para os protagonistas – entrevistador/es e

entrevistados da mesma forma que quem entrevista tem/busca informações quem é entrevistado também está processando um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o interlocutor e organizando suas respostas para aquela situação.

E mais:

Quem pesquisa tem uma intencionalidade, que vai além da mera busca de informações: pretende criar uma situação de confiança para que o entrevistado se abra, pretende passar uma imagem de credibilidade e quer que o interlocutor colabore, trazendo dados relevantes para sua pesquisa. A concordância em participar, como 'informante', de uma pesquisa, já é indicador também de uma intencionalidade por parte do entrevistado – pelo menos a de ser ouvido, acreditado e considerado, o que caracteriza o caráter ativo de sua participação enquanto desenvolvimento de modos de influenciar o/a interlocutor/a (ibidem: 195).

Com o desenrolar das falas durante as entrevistas, foi possível identificar alguns autores ou algo que já havia sido escrito, respaldando ou contestando o processo de escrita. Um entrevistado referia-se a complexidade das interações da vida, trazendo para a pesquisa Edgar Morin; outra fazia referência a comunidade que espera encontrar, referindo então, a Bauman e a Velasco. O amor e a solidariedade era o tema presente em todas as falas, que remetia a Morin diretamente.

Para uma melhor análise dos textos foram necessários maiores aprofundamentos teóricos. Afinal, o *corpus* textual representa

uma multiplicidade de vozes se manifestando sobre os fenômenos investigados. Nesse sentido os textos são veículos de comunicação de elementos linguísticos, marcados pela subjetividade e modos de interpretação e compreensão de todos os sujeitos envolvidos em sua produção, assim como de outros sujeitos discursivos e culturais. (...) não há possibilidade de uma leitura objetiva e neutra. O pesquisador precisa assumir suas próprias leituras, influenciadas por suas teorias e ideias (Moraes, 2005: 87-88).

Surgiu, assim, a necessidade de colocar as narrativas em todos os capítulos, pois elas emergiam nos temas que eram analisados, consolidando a teorização e vice-versa. Construíram-se interlocuções empíricas entre a pesquisadora, os entrevistados e os teóricos que se aportaram nesta pesquisa.

No decorrer do trabalho, as muitas falas das entrevistas são destacadas no texto com o uso de aspas, com tamanho da fonte menor e inserido o pseudônimo

escolhido pelo(a) entrevistado(a) entre parênteses, para que fosse facilitada a identificação, criando, desta forma, uma citação textual à medida que o assunto/foco/tema é abordado, juntamente com citações dos autores estudados, sustentando, ou não, teoricamente, os sentidos e significados expressos pelos sujeitos da pesquisa.

1.4 Os entrevistados

Através das leituras das edições da Revista Naturis disponíveis na cabana alugada, verifiquei a abundância de textos escritos por uma colaboradora, a qual vivenciava o naturismo como uma experiência inovadora, colocando emoção em suas palavras que pareciam desabrochar do texto. Mais tarde, soube que esta colaboradora da Revista Naturis residia na Colina do Sol e que era uma das residentes mais antigas da vila naturista. Nessa primeira visita a possível entrevistada encontrava-se na comunidade, e passei a observá-la melhor sem me identificar como pesquisadora.

O encontro para a entrevista somente foi efetivado após a segunda visita à Colina do Sol. A entrevistada optou pelo pseudônimo “Candinat”.

A primeira entrevistada, Candinat, tem 54 anos de idade, é bioquímica aposentada. Sua primeira experiência naturista foi na Praia do Pinho no ano de 1994, por apenas seis horas de convívio. Candinat é sorridente e possui uma empatia singular com todas as pessoas. Em setembro de 1995, conheceu a Colina do Sol e, no ano de 1996, já havia adquirido uma cabana, onde reside atualmente. Viaja, sempre que possível, somente com uma mochila, que pesa apenas 11 quilos, mas afirma que, toda vez que retorna ao seu lar na Colina do Sol, se desfaz de muitas coisas, pois reconhece que não precisa delas. Tem em sua principal fala: “O tesouro são as relações humanas. A moeda é a vida”.

O segundo entrevistado foi escolhido por se tratar de um senhor que tinha a sua experiência naturista individual, desde a infância, como sendo totalmente natural para ele, segundo sua esposa, narrado em diálogos informais, antes de saber desta pesquisa.

“Col”, como será denominado nesta pesquisa, é extremamente reservado como ser humano, mas disposto a contar suas descobertas desde a infância, na Inglaterra, onde lembra de ir a um bosque próximo a sua residência, com aproximadamente 8 ou 10 anos e onde tirava a roupa simplesmente pelo prazer de ficar nu ao sol.

O entrevistado Col, com 72 anos de idade, é engenheiro de telecomunicações, inglês, aposentado, que reside no Brasil desde 1973, casado com a também entrevistada “Mar” que possui 45 anos. Mar é uma pessoa discreta, chegando, por vezes a ser tímida. Uma frase importante de Col: “Aqui é um oásis! É bonito, mas nem *tão* bonito assim!”

A entrevistada Mar não era naturista antes de conhecer Col. É natural de Fortaleza – Ceará e trabalhava em eventos sociais na produção de fotografias e filmes. Iniciou a prática do naturismo há 25 anos atrás quando foram pela primeira vez até a praia de Tambaba no Estado da Paraíba.

Mar foi incluída neste trabalho por suas importantes contribuições durante todas as visitas de reconhecimento da pesquisadora e pelos aportes dados durante a entrevista com Col.

A terceira pessoa a ser entrevistada foi escolhida, porque em todas as rodas de conversa o seu nome aparecia no que diz respeito a uma pessoa bem informada. Aos poucos, fui descobrindo a história de vida do possível entrevistado o que trouxe uma nova configuração à pesquisa, pois ele era o gerente da maior agência do Banco do Brasil do nosso país, sediada em São Paulo. Após um período hospitalizado por estresse, decidiu solicitar sua transferência para a Agência do Banco do Brasil de Canela/RS. Decidiu-se por conduzir a vida de forma que privilegiasse a saúde do corpo e da mente. E conheceu a futura esposa, que o apresentou ao naturismo da Colina do Sol.

Desta forma, optei por entrevistar o casal, mas sempre garantindo a individualidade nas respostas. Nesta pesquisa, utilizarei “Jô”, como pseudônimo do senhor e “Ast” para a senhora. A opção por entrevistar ambos e ao mesmo momento,

como se confrontando deu-se a partir da fala do casal: “Não se pode fragmentar a complexidade da compreensão da rede da vida”.

Jô, com 64 anos de idade, administrador aposentado, casado com Ast de 52 anos, ex-empresária. Ele tornou-se naturista há cinco anos (data da entrevista: 21/09/2008), ela é naturista desde a Praia do Pinho, há quatorze anos. Jô aderiu ao naturismo em função da história de amor com Ast, “sem pré-julgamentos, sem obstáculos, sem pré-conceitos”, segundo suas próprias palavras.

O desafio do casal naturista é o de criar consenso em suas próprias diferenças. O casal mantém seus valores éticos/estéticos com base na consonância dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar. Os quatro elementos fazem parte da constituição de toda a vida na Terra. Jô e Ast têm uma ligação acentuada com os quatro elementos, pois acreditam na energia que esses elementos trazem para o corpo e para a saúde da mente, tanto individual quanto coletivamente.

O fogo, segundo Jô, é energia pura, que penetra no reino invisível do espírito. No momento dessa entrevista, mesmo no mês de setembro, estava frio e a lareira estava acesa e Jô utilizou o fogo presente na sala para ilustrar a presença desse elemento na casa. Quanto ao elemento água, é purificador e absorve as energias estagnadas do ambiente. O elemento terra, representa a nossa habitação maior, o planeta Terra, que representa a força e a segurança. Ast, comenta: “Não é por acaso que estamos no Morro da Pedra!” referindo a localização da Colina do Sol. Quanto ao elemento ar, refere-se a comunhão constante com o ar que respiramos, que traz consigo as mudanças e transformações. Da brisa suave ao furacão. Mesmo uma leve brisa é capaz de transportar as sementes e os pólenes das flores, fecundando e propiciando a renovação da vida.

Através da entrevista com o casal, foi indicado, para a pesquisadora, um outro colineiro residente para ser entrevistado.

“Tuca” reside na Colina do Sol desde a sua fundação, tendo saído apenas por 15 dias, ao longo desses anos da Colina. Tuca tem 60 anos de idade e pratica o naturismo desde os 22 anos, iniciando em Ibiza – Espanha. Tuca é o seu pseudônimo na Colina do Sol, e assim preferiu que ficasse figurado neste trabalho. Tuca tem sua sobrevivência devido à concessão da área do camping. Viajou pelo mundo, mas escolheu a vila naturista para fixar residência definitiva.

Uma fala para caracterizar Tuca: “Os bichos já fazem parte da nossa paisagem, dos nossos corpos nus”. Tuca faz referência a importância da relação do ser humano com a natureza, trazendo numa linguagem simples, o amor aos animais como seres pertencentes ao mesmo habitat em que ele se encontra.

Inicialmente tinha-se uma proposta de Estudo de Caso composto por três moradores. As entrevistas, porém, conduziram-me a um total de seis deles.

Candinat, Jô e Col foram os entrevistados de acordo com a primeira escolha. A entrevistada Mar escolhida pela simplicidade, respeito e dedicação ao bem-estar das famílias a quem hospeda. A entrevistada Ast, foi escolhida por sua influência na decisão de Jô em ser naturista. Tuca, indicado pelo casal Jô e Ast, como sendo um senhor zeloso pelo bem-estar colineiro, por compartilhar da fundação da Colina do Sol e por sua história de vida.

Trata-se, enfim, de uma abordagem sobre uma comunidade, com vivência de consciência individual e planetária, como é o caso do naturismo colineiro, que tem como filosofia o ressignificado do sentido da existência da vida, esmerando a comum-união do homem-natureza, coerente com as aspirações atuais e a prática de ações ecologizadas³.

Tem-se como alicerce a reafirmação da relação homem/natureza complexificada por Morin (2005h: 63), para o qual a Terra não é apenas uma adição de um planeta físico com a biosfera e a humanidade; é, sim, uma totalidade complexa física/biológica/antropológica, “em que a vida é uma emergência da história da Terra e o homem uma emergência da história da vida terrestre”. E mais “A humanidade é uma entidade planetária e biosférica”.

Estamos a milhões de anos-luz de uma centralidade humana no cosmos e, ao mesmo tempo, não podemos mais considerar como entidades claramente separadas, impermeáveis umas às outras,

³ Ecologizar é uma expressão proposta pelo arquiteto e ambientalista brasileiro Maurício Andrés Ribeiro no seu livro "Ecologizar, pensando o ambiente humano". Isso significa adotar uma ação de introduzir a dimensão ecológica nos vários campos da vida e da sociedade. A ecologização da sociedade influencia os processos de produção e da administração, o modo como os problemas são resolvidos, o modo como a sociedade se estrutura espacialmente, em que tipos de ecossistemas construídos, cidades e assentamentos vivem suas populações. Implica adoção de padrões de consumo e estilos de vida sustentáveis. (N.A)

homem, natureza, vida, cosmos (...) a comunidade de destino da humanidade, que é a própria da era planetária, deve se inscrever na comunidade do destino terrestre (Ibidem: 63).

Estamos num universo em que tudo que é vivo se regenera permanentemente: o ser vivo, a biosfera, a sociedade, a cultura e as relações ético/estéticas.

Nossa árvore genealógica terrestre e nossa carteira de identidade terrestre podem hoje finalmente ser conhecidas. E é justamente agora – no momento em que as sociedades espalhadas sobre o Globo se comunicam, no momento em que se joga coletivamente o destino da humanidade – que elas adquirem sentido para fazer-nos reconhecer nossa pátria terrestre (Ibidem: 64).

O nosso dever e a nossa preocupação se impõe com a necessidade de um pensamento/ação ecologizado⁴, baseado na dialógica auto-eco-organizadora, que se considera a ligação de todo o sistema vivo em seu meio ambiente.

1.5 A complexidade como opção teórico-metodológica

A complexidade da realidade exige avanço no sentido de compreender formas de agir que possam novamente religar os conhecimentos, o contexto e a singularidade das interações. Considerar as incertezas, as ambiguidades e a dinâmica social contemporânea nos conduz a novos desafios educacionais, especificamente nas relações sociais e estar com o meio ambiente.

É no processo de viver que se materializam as relações complexas entre os seres humanos e os ambientes, como meta de bem-estar, saúde e felicidade, inerentes à condição humana.

⁴ Edgar Morin define o que entende por ecologia da ação no contexto da complexidade, como sendo manifestada no plano da ação, naquilo que chama de ecologia da ação. Ou seja, uma ação não depende somente da vontade daquele que a pratica, depende também dos contextos em que ela se insere, das condições sociais, biológicas, culturais, políticas que podem ajudar o sentido daquilo que é a nossa intenção. Dessa forma, as ações podem ser praticadas para se realizar um fim específico, mas podem provocar efeitos contrários aos fins que pretendemos. Edgar Morin afirma a necessidade de ecologizar o pensamento, diante do fato de que a nossa cultura e a nossa civilização baseiam-se em valores e visões de mundo dissociadas das leis da natureza, o que resulta na crescente degradação ambiental, acumulação de resíduos, perda de sustentabilidade, extinção das espécies. (N.A.)

Morin entende o ser humano como um ser complexo, capaz de se auto-organizar e de estabelecer relações com o outro, e é nessa relação de alteridade que o sujeito encontra a autotranscendência, superando-se, interferindo e modificando o seu meio num processo de auto-eco-organização a partir de sua dimensão ética que reflete seus valores, escolhas e percepções do mundo.

Considera-se alteridade como o respeito às diferentes formas de agir e pensar, a diferença, a diversidade e a novidade. Para Souza (1996: 154) significa a absoluta intocabilidade ética da condição “de outro do Outro”, daquele que não se reduz ao mesmo, que não se deixa totalizar de forma alguma.

Quando a alteridade se impõe sobre a similitude, o outro aparece como estranho, estrangeiro à nossa identidade individual, até mesmo à nossa identidade étnica ou nacional. Pode parecer, às vezes, afetado de uma inquietante estranheza que dissipa em nós o sentimento de identidade comum. (Morin, 2005g: 103)

Assim, o sujeito se constitui a partir do diálogo, da diversidade, do pluralismo, que se traduz nas diversas formas de vida, isto é, do desprender-se do rotulado, para aceitar o desafio do diferente. Através de olhar as conexões, compreender uma prática social e descrevê-la, pondo ênfase nas suas relações com as outras práticas individuais e coletivas, mas não basta distinguir, analisar, mas também, articular, ter o sentido dialógico.

(...) o objeto de estudo transcende as delimitações determinantes das disciplinas. Aqui, na verdade, existe um diálogo fundamental entre os diversos níveis de conhecimento científico e filosófico, onde a ideia de disciplina perde sua especificidade, dando lugar a um trânsito de saberes não aderentes a métodos ou conceitos preestabelecidos, mas que se produz e reproduz à luz dos encontros dialógicos entre os conhecimentos (Calloni, 2006: 64).

Compete a nós, seres humanos, estimularmos a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservem entre si relações de interdependência e autonomia, complementaridade e antagonismo, em novas formas de perceber a realidade, reconhecendo a unidade humana em meio à diversidade individual e cultural. Segundo Ciurana (2003: 56) não refletimos a realidade, a construímos.

Para Morin (2005c: 40) “(...) o ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural”. Desta forma, somos resultantes de uma complexidade de conexões de sistemas interativos, somos ao mesmo tempo: entes biológicos, físicos, químicos, culturais, ecológicos, sociais, naturais, que abonam a relação do indivíduo com a sociedade e a natureza, mas que, a cada dia, nos distanciamos mais dessa relação, envolvidos por dogmas e padrões de repetições impostos como únicos e verdadeiros. Como exemplo disso, podemos citar: a ênfase aos corpos das modelos de passarela ou fotográficas, impostos como padrão para as demais mulheres, desconsiderando a essência individual, características físicas, a carga genética e as especificações culturais.

O ser humano é para Morin, um ser complexo porque é um ser onde a dimensão do indivíduo não deixa de se relacionar com a espécie e com a sociedade.

O ser humano traz em si um conjunto de características antagônicas e bipolares. Ao mesmo tempo em que é sábio, é louco; é prosaico e é poético; é trabalhador e lúdico; é simultaneamente empírico e imaginário. Vive de muitos jeitos e se apresenta de várias maneiras. É unidade e diversidade; é multiplicidade, pluralidade e indissociabilidade; é corpo, ideias e afetividade. É um *homo complexus* (Petraglia, 2009: 3-4).

Ainda para Morin (2006: 77), o paradigma complexo é de um conjunto de novas⁵ concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões, que vão se acordar, se reunir.

Em um pensamento complexo que comporta o reconhecimento de um princípio de não completude e de incerteza, que concebe a aprendizagem baseando-se na dialógica auto-eco-organizadora a partir de uma dialógica maior: do inato/adquirido/construído, pois “construir supõe um construtor; aprender supõe ‘a priori’; adquirir supõe um inato. O aparelho neurocerebral é o construtor ‘a priori’ que dispõe da capacidade de aprender” (Morin, 2005d: 69), ainda segundo o autor, o inato é na verdade um processo evolutivo espiral, no qual os termos inato/adquirido/construído se encadeiam, se permutam e se entrecruzam; aprender é a conjunção do reconhecimento e da descoberta, comporta a união do conhecido e do desconhecido.

⁵ Para Morin, o termo “novo” é utilizado como qualidade ou característica do emergir, no sentido de original, inédito e imprevisto. (N.A.)

E isso resulta nessa reestruturação do pensamento que requer um princípio não generalizante, mas complementar: os princípios da complexidade, a partir dos quais pode-se reestabelecer a comunicação e o diálogo entre o objeto, que nesta pesquisa é a comunidade naturista e o ambiente, a Colina do Sol.

Morin costuma expressar a dialógica como um dos princípios da complexidade a qual remete a um pensamento em que dois ou mais termos são ao mesmo tempo concorrentes, antagônicos e complementares entre si. Em outras palavras, a dialógica reúne princípios que a rigor deveriam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade que é o indivíduo/sociedade/espécie.

A premissa de Morin nesse princípio é a negação no risco de uma disjunção do olhar, entre as várias dimensões da realidade, pois a disjunção produz o isolamento do objeto e sua realidade, do seu ambiente, do seu observador. O paradigma complexo comporta uma luta contra o linear, a degradação do pensamento, como um processo automático.

Ao contrário do pensamento simplificador, o pensamento complexo alude a uma forma de conceber a realidade natural e social como fenômeno no qual convivem as incertezas, o acaso, a ordem, a desordem, o determinismo e o indeterminismo. Ou seja, trata-se de um questionamento das categorias da ciência moderna clássica e o rechaço ao pensamento simplificador próprio do positivismo.

A relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista. “Os pensamentos fracionais, que fragmentam tudo o que é global, ignoram por natureza o complexo antropológico e o contexto planetário” (Morin, 2005f : 159).

Ainda que a complexidade não negue as formidáveis aquisições que resultaram das leis gerais, como a unidade das leis newtonianas e a unidade do código biológico, entretanto, estas unificações são insuficientes para conceber a extraordinária diversidade dos fenômenos e o devir aleatório do mundo.

A complexidade faz apelo à estratégia. Morin (1990: 149) define que: “A estratégia é a arte de utilizar as informações que surgem durante a ação, integrá-las, formular subitamente esquemas de ação e ser capaz de reunir o máximo de certeza para defrontar o incerto”.

Há a necessidade de uma conduta ética, na qual em cada indivíduo reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio, como diz Morin na “ecologia

da ação”. Por fim, uma ética de si para si que automaticamente invade o outro, uma ética da compreensão, uma ética da cordialidade e uma ética da amizade. Ética como fonte do dever, da moral dentro do princípio da inclusão (Morin, 2005g: 29), é um “ato de religação” com a espécie humana.

No capítulo que segue, aborda-se um breve histórico do naturismo e seus propósitos, com a finalidade de pronunciar o tema com a origem do naturismo internacional, nacional e no Rio Grande do Sul com a fundação do Centro Naturista Colina do Sol.

2

O NATURISMO: BREVE HISTÓRICO E SEUS PROPÓSITOS

IGUAL-DESIGUAL

Eu desconfiava:
todas as histórias em quadrinho são iguais.
Todos os filmes norte-americanos são iguais.
Todos os filmes de todos os países são iguais.
Todos os best-sellers são iguais.
Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são iguais.
Todos os partidos políticos são iguais.
Todas as mulheres que andam na moda são iguais.
Todas as experiências de sexo são iguais.
Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós são iguais e todos, todos os poemas em versos livres são enfadonhamente iguais.

Todas as guerras do mundo são iguais.
Todas as fomes são iguais.
Todos os amores, iguais iguais iguais.
Iguais todos os rompimentos.
A morte é igualíssima.
Todas as criações da natureza são iguais.
Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.
Não é igual a nada.
Todo ser humano é um estranho ímpar.

Carlos Drummond de Andrade



2. O NATURISMO: BREVE HISTÓRICO E SEUS PROPÓSITOS

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos ela se afasta dois passos, caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para que eu nunca deixe de caminhar”

Eduardo Galeano

2.1 O naturismo internacional

Traçar, ainda que resumidamente, um histórico da prática do naturismo e o seu desenvolvimento no Brasil e no mundo pode contribuir para um entendimento dos propósitos naturistas e das relações ético/estéticas que a partir desse momento serão dissertadas.

O naturismo floresceu na corrente dos saberes médicos, que aliava o corpo nu a uma prática terapêutica; pacientes, que fossem expostos em ambientes naturais, ar e sol, receberiam curas atmosféricas. A terapia do ar é um dos elementos do tratamento naturista que era associado a um regime vegetariano equilibrado, segundo o médico austríaco Arnold Rickli, que em 1855 funda um estabelecimento de curas atmosféricas na cidade de Viddes. Conforme Bologne (1986: 401) essa concepção médica ficou durante muito tempo associada ao nudismo. Na Alemanha, Heinrich Puder adota em suas práticas médicas, em 1893, os banhos de ar e sol, juntamente com o nudismo. Na França, Kienné de Mongeot, médico, adota o nudismo clínico em 1920, após ver o pai morrer de tuberculose. Fundou a revista *Vivre Intégralement*, com várias fotos de nudez integral (Rojo, 2005: 41).

“O nudismo nasceu, antes de mais nada, como uma forma de terapia, de terapia alternativa”. (Pereira, 2007a: 29). “Foi sob o guarda-chuva da ciência médica que os chamados filósofos nudistas procuraram mostrar-se ao público”. (Ibidem: 29).

No ano de 1903, em Berlim, Richard Ungewitter (1868-1958), publicou um livro chamado: “Os homens deviam ficar nus”. A seguir, em 1904, com grande repercussão, o mesmo autor escreveu outro livro: “O nudismo do ponto de vista histórico moral e estético”. A obra “Die Nacktheit” estabelece o nascimento do Movimento Nudista-Naturista, como filosofia e prática, comportamento alternativo diante da sociedade vestida.

Conforme Pereira (Ibidem:29) é interessante mencionar algumas colocações feitas na quarta capa da edição em língua inglesa da referida obra em 2005: “Hoje, após um século de crescimento, o número de nudistas de todo o planeta é estimado em cerca de quinze milhões, um conglomerado, que se colocado em termos geográficos, iria igualar a população da Holanda ou da Síria... Afinal, a chamada “Nação Nudista” existe somente nos corações e mentes de seus cidadãos, de seus adeptos... Mesmo os mais radicais opositores do Nudismo e dos Nudistas, não podem a bem da verdade, considerar loucos os nudistas ou naturistas. Embora com algumas características diferentes, os cidadãos da grande Nação Nudista estão unidos em torno, sobretudo, de uma firme convicção: de que algumas partes do corpo humano não podem ser consideradas indecentes ou obscenas; que essa qualificação é absurda, e que usualmente esse *nonsense* é de inspiração religiosa. “Die Nacktheit”, forma pois, a base teórica do Movimento que começou na Alemanha e se difundiu pelo mundo.

De forma mais rápida, na Alemanha, o naturismo foi adquirindo autonomia em relação às práticas médicas. Na Alemanha, no início do século XX, encontramos grupos de jovens que organizam passeios nas florestas que incluem banhos nus em lagos e rios, e em 1906 a fundação da Aliança Nudo-Naturismo (Rojo, 2005: 41).

Na França, os próprios médicos fundaram clubes privados destinados à prática naturista como atividade em si mesma e não mais como terapias médicas. Desta forma, em 1928, Kienné de Mongeot fundou um centro nudista em Garambouville e os médicos André e Gaston Durville estabeleceram os primeiros passos para a concretização de uma comunidade naturista na cidade de Cap D’Agde, no sul da França, verdadeira cidade naturista e considerada a capital do naturismo

internacional. Em Cap D'Adge o naturismo é permitido em todo o perímetro urbano avançando nas ideias de que o naturismo é apenas para os momentos de lazer.

Em 1948 ocorre, em Londres, um primeiro encontro internacional de maiores proporções, originando, em 1953, a Federação Internacional de Naturismo – INF, responsável pelo grau de expansão do naturismo. Até o momento desta pesquisa contatou-se dezenas de países com organizações naturistas atuantes, diversas publicações sobre o assunto, inúmeros congressos internacionais realizados nos mais diversos países, onde a prática está mais desenvolvida como é o caso: da Alemanha, da França, dos Estados Unidos, da Espanha, da Áustria e da Holanda.

O naturismo, segundo definição da Federação Internacional de Naturismo (INF), consiste em “um modo de vida e harmonia com a natureza, expressada pela nudez social e caracterizada pelo respeito a si mesmo e às pessoas com outras opiniões e ao meio ambiente”.

O propósito do Naturismo-Nudismo é a promoção de saúde física e mental da humanidade pelo contato com o ar puro e pela prática de esportes. A INF apoia tudo que beneficie o corpo, a alma e a mente, e é contrária a tudo que atue em detrimento da saúde físico-mental, especialmente o abuso do fumo, do álcool e das drogas. A INF apóia a proteção da natureza. (Pereira, 2007b: 11).

A INF dedica-se a difusão do naturismo ou aceitação pelo mundo inteiro, e promove seu desenvolvimento; a INF coopera com organizações nacionais e internacionais, luta pela coexistência harmoniosa de todos os povos e raças, adotando uma atitude neutra em relação, sobretudo, a partidos políticos, religiões e filosofias de vida; a INF condena todas as formas de discriminação, como por exemplo, de raças, religiões, políticas e sexo. (Ibidem: 11)

2.2 O naturismo nacional

No Brasil, o naturismo surge após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Porém, até meados dos anos oitenta, encontram-se apenas manifestações isoladas, devido à dificuldade de organização e à oposição da sociedade.

Através da leitura do material impresso disponível na época, verifica-se que o movimento naturista no Brasil seguiu um padrão semelhante ao que encontramos em âmbito internacional.

Uma das primeiras publicações do gênero é a revista “Saúde e Nudismo” (1952) que enfatiza os campos de nudismo com conservação da rígida moral e dos preceitos cristãos, ressaltando o ambiente moral, no qual as pessoas não necessitam de roupas para interagirem dentro dos padrões éticos de convivência.

Nesta mesma época, mas de forma independente, a atriz Dora Vivacqua – conhecida como Luz Del Fuego, funda o Clube Naturalista Brasileiro, como a pioneira do naturismo organizado no país. Atividades que ecoaram no Brasil, gerando amigos e inimigos. Em 1967, Luz Del Fuego foi assassinada, na própria Ilha do Sol, no Rio de Janeiro, ilha que adquirira e lá se instalara para a prática do naturismo. As repressões perpetradas pelo regime militar fizeram com que o naturismo sobrevivesse apenas em pequenos grupos.

A primeira etapa do naturismo brasileiro fica, pois, compreendida entre os anos de 1949 e 1967, isto é: fundação do Partido Naturalista Brasileiro e a morte de Luz Del Fuego. É a chamada etapa de implantação. A segunda etapa, chamada de desdobramento e representação, desde 1960, confundindo-se em parte com a etapa de implantação, pois dava continuidade ao trabalho de Luz Del Fuego, criando em 1960 a Fraternidade Naturista Internacional do Brasil, mas que em 1969, Paulo Pereira, muda o nome da Fraternidade para Associação Naturista Brasileira, devidamente registrada na INF. (Pereira, 2007: 8-9).

O processo de redemocratização, que a sociedade brasileira enfrentou, atingiu também o meio naturista, tendo no ano de 1984 como marco para o início de um processo de organização do naturismo no Brasil. A partir de uma publicação em uma revista de grande circulação nacional sobre a Praia do Pinho em Santa Catarina, a reportagem de Tarlis Batista foi publicada na revista Manchete, de 25 de fevereiro de 1984, com o título “Todo mundo ‘nu’ em Camboriú” (Ibidem: 29), destacando o naturismo brasileiro.

Segundo Rossi (1993: 30) “A Praia do Pinho era uma praia deserta até 1984, somente frequentada por um pequeno grupo de naturistas, que seriam, talvez, vinte a trinta pessoas, casais com seus filhos e na maioria pessoas que se conheceram ali mesmo naquele local, sem roupa”.

A intervenção da mídia alterou o aparente isolamento do naturismo brasileiro, sendo este obrigado a defender-se no espaço que havia conquistado, frente aos ataques desferidos pela sociedade. Entretanto, a publicidade, assim como conduziu curiosos até a Praia do Pinho, com intuito apenas de ver as mulheres nuas, trouxe, também, pessoas interessadas em conhecer e praticar o naturismo. Naquele momentourgia uma organização, guiada por Celso Rossi.

Como consequência, em 1986, fundou-se a AAPP – Associação de Amigos da Praia do Pinho, com o objetivo de regulamentar e oficializar o naturismo naquele local. Desdobrou-se desta associação a criação, em 1988, da Federação Brasileira de Naturismo – FBN e, em 1991, o lançamento da revista *Naturis*, que teve publicações até o ano de 2002.

Até o momento da realização desta pesquisa a FBN registrava o funcionamento de trinta e três organizações naturistas, contando com praias oficiais e praias de nudismo tolerado, sítios e clubes espalhados pelos estados da federação, além de contar com a Colina do Sol, a única vila naturista da América do Sul.

A quarta etapa do naturismo brasileiro ocorre a partir do ano de 2006, quando surgem inúmeros progressos alcançados nos espaços do naturismo brasileiro. O Congresso Internacional, realizado em El Portus, na Espanha, em 2006, define que o Brasil é o país a sediar o Congresso Internacional de 2008, em Tambaba, Paraíba. (Pereira, 2007: 8-9).

Dessa forma, no mês de setembro de 2008, foi realizado o 31º Congresso Internacional de Naturismo, na primeira praia de naturismo do Nordeste brasileiro, Tambaba, situada no município do Conde, litoral sul da Paraíba, reunindo aproximadamente três mil naturistas, vindos de diversos países e regiões do Brasil.

O Congresso foi dividido em duas grandes áreas. A primeira destinada a Federação Internacional de Naturismo (INF) onde ocorreram reuniões para o biênio 2008/2010 e a escolha do país sede da próxima edição do evento, que se realizará em Pizzo Greco, Itália. A segunda área destinou-se à realização do encontro regional que teve este ano como tema: "O Naturismo por um mundo principal" (*Revista Brasil Naturista*, ed. 06, 2008: 34-35) e abordou várias temáticas, como: Naturismo e Turismo, questão da propaganda, bioética e paradigma, desnudar-se - uma questão de ética, naturismo e o meio ambiente, naturismo, educação e filosofia de vida, bio-cibernética, metodologia alternativa de uma corporeidade decorrente da revolução do cérebro.

2.3 O Naturismo no Rio Grande do Sul: A Colina do Sol

A instalação do Centro Naturista Colina do Sol dependeu da iniciativa de um casal, Celso Rossi e Paula Andreazza, que atualmente não residem na vila naturista, e que são referência nacional devido a implantação desta comunidade.

Em 1995, o casal efetivou a compra de uma fazenda de 45 hectares no município de Taquara – RS, iniciando um espaço em que os naturistas pudessem viver e trabalhar durante todo o ano.

Conforme Rojo (2005: 46), efetivada a compra da área física e negociada com a prefeitura municipal local a autorização para o estabelecimento de uma comunidade naturista no município, ainda faltavam a transformação de suas condições estruturais e a divulgação deste projeto, de forma a atrair não apenas frequentadores, mas futuros moradores que viabilizassem, na prática, o sonho da primeira comunidade naturista do país. Investimento possível devido à criatividade de Celso e Paula e com o apoio de seus pais.

Por outro lado, através do controle editorial da Revista Naturis e com a influência de ambos no movimento naturista nacional, foi possibilitada uma rápida divulgação da Colina do Sol, tornando-se ponto de referência para os naturistas brasileiros.

A Colina do Sol foi construída através de significativos investimentos, conforme já mencionado acima, dotando-a de infra-estrutura para acolher os naturistas residentes ou frequentadores com espaços de lazer e de muito contato com a natureza circundante, encantando os adeptos desse modo de vida. Uma natureza construída pela ação humana, seja no projeto de reflorestamento ou na construção das cabanas. Como o próprio Celso Rossi (1993) afirmou, o local possuía uma deficiência: não havia lagos ou vertentes, primordial para a vida naturista. A alternativa foi a construção de lago e piscina nos locais favoráveis do terreno.

Assim, a paisagem colineira foi se delineando, com a areia para a praia trazida por caminhões, enquanto a pedra, que era extraída do fundo do lago, era conduzida para a formação de uma piscina com cascata com funcionamento através de bombas de recalque.

2.3.1 Os sujeitos colineiros

Os colineiros valorizam a família nos espaços naturistas, tratando a Colina do Sol como ambiente familiar, reconhecendo que a maioria dos naturistas encontra-se na faixa etária superior aos quarenta anos, segundo as pesquisas de Rojo (Ibidem: 55) e pela observação participante da pesquisadora.

Deixaria escapar o essencial se, ingenuamente, omitisse que a vida colineira é para todas as camadas sociais. Percebe-se que os frequentadores e/ou moradores têm escolaridade superior, encontrando, em minhas visitas, advogados, médicos, psicólogos, engenheiros, entre outros.

“Aqui, o nível de escolaridade é superior, você pode observar, somos seres normais! Entretanto, com um entendimento de corpo, espaço e vida, diferentes dos habituais.”(Ast)

Entretanto, a escolaridade dos frequentadores e/ou moradores da Colina do Sol não é um fator que seja decisivo para a opção pela vida naturista, mas sim:

“Na minha percepção a pessoa para ser verdadeiramente naturista precisa ter conseguido transpor certas barreiras que a falta de conhecimento/sabedoria impõe. Aqui preciso clarificar que com ‘conhecimento’ quero dizer das coisas e ‘sabedoria’ é o que se faz com as coisas que se aprendeu.” (Ast)

E a entrevistada Ast complementa a fala dizendo que o gaúcho é um povo extremamente machista:

“Tenho procurado observar mais atentamente ‘este machismo’ e percebi que quanto mais inculta é a pessoa mais esta característica se evidencia. Percebi também que o machista não aceita que sua companheira ande desvestida na frente de outros, o que - em princípio - reduz a participação naturista das classes populares (que em geral têm baixa escolaridade/conhecimento/sabedoria). Assim eu concluiria, reforçando o que disse acima, para ser verdadeiramente naturista, há que ter conhecimento/sabedoria. Para estes o ‘ter’ já deixou de ter importância, buscam no outro apenas o ‘ser’. Já se despojaram do material (o que não significa passar necessidades e desconfortos) e já perceberam que o que de fato é relevante são as características morais, éticas, comportamentais e de saber do outro com o qual interage.”

A entrevistada Ast ressalta que o seu entendimento da expressão acima - classe popular, significa menos favorecida financeiramente e, portanto, com menos oportunidade de continuar os estudos, no modelo educacional atual.

Para Candinat, a opção pela vida naturista não se justifica com base no nível de escolaridade, e sim:

“Creio que são outros fatores que determinam esta escolha - simplicidade, aceitação do próprio corpo, liberdade pessoal e capacidade de despojar-se de uma imagem mais sofisticada, gosto em sentir o corpo desnudo em contato com o sol, o vento, a chuva, etc. Desejo de sentir-se mais no controle da própria vida, desatrelando-se das tantas imposições sociais, familiares e religiosas, entre outros, e um maior contato com a Natureza... Não vejo em que a escolaridade interferiria nesta escolha e tampouco constato que os naturistas sejam em sua maioria universitários. Acho que esta não é uma escolha intelectual; é mais uma escolha nascida de emoções, afinidades, expressão de desejos e valores pessoais. Penso que nem mesmo a filosofia naturista é o que atrai as pessoas. Primeiro se faz a experiência, pratica-se o naturismo. A filosofia, as explicações e justificativas nascem depois. O impulso de tirar a roupa é uma resposta natural de alguns ao seu anseio de livre expressão e de retorno à própria originalidade.”

Por fim, a Colina do Sol completou, em 2008, 13 anos. Fruto da organização das áreas naturistas e da divulgação pela mídia, conquistou adeptos de forma definitiva, ainda que em segmentos reduzidos da sociedade.

2.4 A filosofia do naturismo colineiro

Cabe aqui, mais do que indicar as origens ou os precursores do naturismo, uma reflexão sobre os valores éticos/estéticos, com os quais os naturistas fundamentaram seu discurso.

“Eu vivo *nu* paraíso” frase que remete ao texto bíblico, a Adão e Eva, ao paraíso, frase encontrada em adesivos. A ideia é que, através do naturismo, reencontra-se o caminho para o Éden. Uma reconciliação com a singeleza do corpo, contra o adestramento estético da unidade corporal.

A Colina do Sol proporciona a integração do ser humano, que também é natureza, com o ambiente, descortinando a nudez do corpo, em meio ao “nu” do ambiente natural.

Digno de registro, a Colina do Sol é uma comunidade, com 12 famílias residentes. Comunidade dialógica, comunidade de vida, comunidade de sonhos. Ou seja, a comunidade é um lugar aprazível, onde nos abrigamos e nos sentimos seguros. “Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto” em Bauman (2003: 7).

Percebe-se a Colina do Sol como uma comunidade no sentido de “aconchego” (Ibidem: 9), com um forte sentimento de um grupo que é capaz de construir uma identidade social através do corpo nu, que lhes dá a sensação de resistência ao consumismo exacerbado e a exaltação à vida e às relações humanas.

“O maior tesouro são as relações humanas. Faz a diferença nas relações humanas. Há uma moeda que se paga tudo que se conquista, chama-se moeda vida!” (Candinat)

Candinat complementa:

“Eu imaginava que a gente vivesse uma comunidade. Vivemos juntos, mas não somos uma comunidade. Meu conceito de comunidade é o conceito de pessoas que vivem um sonho comum e trabalham juntas por ele. Pessoas que vivem do seu trabalho, seu lucro, sua vida, que repartem tudo. Aqui não temos uma vida comunitária. Cada um com sua vida, mas morando na casa... e mesmo os ideais naturistas, aqui, não se vive. Existem pessoas aqui por vários motivos. Alguns acham que é mais barato de viver e vai se adaptando ao naturismo. Mas aquela chama naturista, não é. Conceito naturista de respeito com o outro, proteção da natureza, respeito consigo mesmo, mas também entra: a busca pela saúde e por uma alimentação saudável. O naturismo verdadeiro não é só nudismo! Integraria tudo isso, mas que não se concretizou por não ser objetivo das pessoas de um modo geral. Era um sonho. Hoje em dia não busco um mundo perfeito. Busco a conscientização. Relacionar-me com as pessoas e os bichinhos. Desejava uma comunidade, um sonho comum que fosse diferente de tudo. Uma conscientização das relações, que são embasadas fortemente na amizade.”

A significativa contribuição de Candinat nos reporta à articulação entre liberdade e segurança. Considero comunidade, pois percebo laços éticos que unem a

formação dos naturistas colineiros. Laços éticos como a preocupação com o bem-estar do outro, a confiança em andar nu por trilhas em meio ao mato, a sociabilidade independente da posição social, crença ou etnia. A segurança e a liberdade são valores preciosos e almejados por todos.

O que a entrevistada Candinat ressalta, acredita-se, tem respaldo nas palavras de Lopez Velasco (2005: 34) “que aborda que cada ser humano não se constitui como ser humano senão na medida em que faz parte de uma comunidade humana”, constituindo-se em um nó de uma rede de relações.

Seguindo os passos de Lopez Velasco (2005: 273): “As diferenças de empenho, dedicação, perseverança, firmeza e coragem haverão de permanecer distinguindo alguns indivíduos de outros”.

O exercício do expressar-se, da autenticidade, de mostrar-se como se é, geralmente, é complexo, para quem fala e/ou para quem ouve, também. Mas, só há uma maneira de ser mais autêntico e experimentar suas características: exercitando-as.

Portanto, significa dizer que é através da sociabilidade que mantêm-se os laços afetivos e que se constrói uma comunidade (Rojo: 2005). A Colina do Sol existe porque um grupo de pessoas heterogêneas partilham de compreensões sobre a vida, a natureza, o corpo, o sentimento e as emoções, o refinamento na arte de viver e o “cuidado de si”. Pessoas que formulam a comunhão de ideias, que fazem parte de uma ética e de uma outra maneira de constituírem-se a si mesmos enquanto sujeitos de suas próprias condutas.

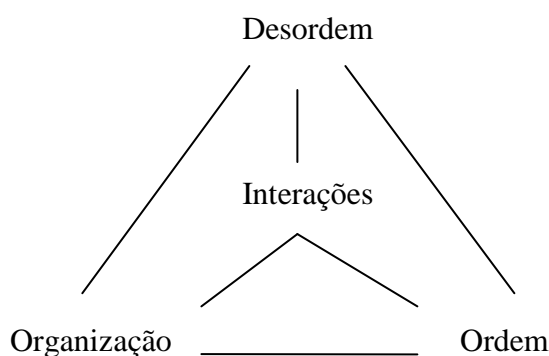
É nesta perspectiva que encontra-se em Calloni (2006: 74)

O conhecimento que não contém o sentimento humano e não escuta a natureza é um conhecimento ainda não desperto à compreensão. Por isso, mesmo que o debate em torno do conceito de interdisciplinaridade e sua operacionalidade ainda não se dê por concluído, o certo é que a formação humana, mais que nunca, não pode prescindir desse olhar de totalidade que acolhe não somente os saberes, mas a vida, a natureza, o planeta que habitamos.

Trata-se de enfatizar a relação da natureza abrangendo o espaço físico, caracterizado pela contradição do espaço urbano, onde valores como a pureza, a verdade, o belo e o bem, inatos aos seres humanos, são facilmente tensionados pela cultura, de acordo com Le Breton (2003: 27) que diz que o corpo não é mais um

destino, mas um acessório de presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao *design* do momento.

Nota-se, aqui, naturezas dialógicas do homem em relação ao ambiente natural, tendo a noção de ordem e desordem, através da manifestação da transformação do ambiente com a organização/interação. Nesse diálogo concebe-se o tetraedro concebido por Morin (2005c: 104)



É preciso conceber fundamentalmente uma relação complexa entre os colineiros, ambientes naturais e a natureza construída, ou seja, ao mesmo tempo uma relação complementar, concorrente e antagonista.

Diz-se complementar, pois, conforme Morin (2005c: 106), tudo o que é físico precisa de ordem para se organizar, mas também tudo que é organizado ou organizador trabalha nas e pelas suas transformações, para a desordem.

Concorrente, pois a desordem do ambiente pela cultura normalmente imposta, gera uma ordem/organização interna dos colineiros através das interações das relações ético/estéticas.

Antagonistas, pois a organização, através do código de ética, reorganiza as desordens, dos indivíduos que visam ao naturismo uma forma de exibicionismo do corpo ou mera vaidade pessoal.

A ordem, através de um ideal de comprometimento com o todo e as partes pode se confundir com a desordem, no jogo das interações, transformações e organizações. O mundo colineiro descreve um roteiro silencioso numa reflexão quase que diária, na busca pela afirmação constante do espaço, no tempo e na história presencial.

A afetividade, por outro lado, é um legado que o naturismo nos permite vivenciar sem cobranças, em uma busca por nós mesmos. Ainda é utópico o desejo por uma sociedade naturista ecomunitarista, ou seja, têm-se como princípios ecomunitaristas: a liberdade individual de decisão, onde este poder de decisão existe e está dividido de forma igualitária entre todos. Não existe a alienação em relação ao trabalho, pois a mão-de-obra não pertence ao capitalista, de forma que não existem relações competitivas e hierárquicas e, sim, solidárias e igualitárias. Na verdade, a natureza que aborda esta norma ética é a natureza saudável para o trabalho e condição primeira para a sobrevivência do ser humano, daí decorrendo a tarefa de zelar pela preservação-regeneração da natureza humana e não-humana (de todas as naturezas) (Lopez Velasco, 2005). Vale ressaltar que o equilíbrio dinâmico das relações sociais, políticas e culturais depende de desafios, de propostas emergentes dos contextos que florescem em nossas comunidades.

De acordo com Morin (2005g: 59)

“sobrevive à lucidez somente a moral que contempla o conflito ou a incompatibilidade das suas exigências, ou seja, uma moral inacabada, frágil como o ser humano, problemática em combate, em movimento como o próprio ser humano. Portanto em cada um de nossos atos, a nossa ética está submetida à incerteza, à opacidade, ao dilaceramento, ao confronto.”

E mais:

“(...) A partir dos efeitos inesperados ou perversos do ato, exige ‘trabalhar pelo pensar bem’, conforme a expressão de Pascal, ou seja, pensar de maneira complexa. Necessitamos de um conhecimento capaz de levar em consideração as condições da ação e a própria ação, de contextualizar antes e durante a ação.”

É mister combater a preguiça mental e agir com determinação. Um pouco mais de informação adequada e de reflexão pode ser base para um aprendizado precioso a respeito das possíveis formas de se viver. Para ser naturista é preciso despir-se de apegos não naturais: em lugar de culto às roupas, culto à vida!

“A natureza é complexa, caótica, assimétrica. As conexões que existem, poucos conseguem perceber.” (Jô)

Por fim, no capítulo seguinte fala-se sobre o primeiro contato da pesquisadora com a vida naturista, num momento de descobertas ético/estéticas, através da observação participante, bem como um “desafio” pessoal da experiência de conviver nua com os colineiros.

3

NAS TRILHAS DO CENTRO NATURISTA COLINA DO SOL: O DESPERTAR DOS SENTIDOS

NATUREZA HUMANA

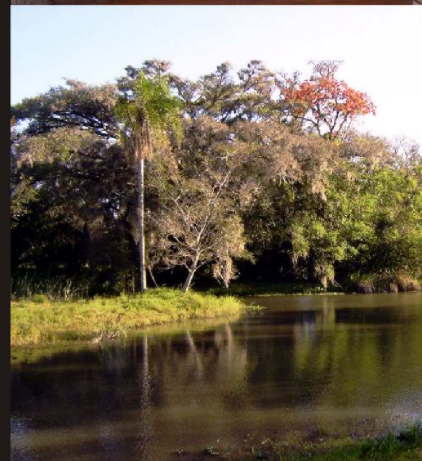
Ceguei. Sinto de novo a natureza
Longe do pandemônio da cidade
Aqui tudo tem mais felicidade
Tudo é cheio de santa singeleza

Vagueio pela murmura leveza
Que deslumbra de verde e claridade
Mas nada. Resta vívida a saudade
Da cidade em bulício e febre acesa

Ante a perspectiva da partida
Sinto que me arranca algo da vida
Mas quero ir. E ponho-me a pensar

Que a vida é esta incerteza que em mim mora
A vontade tremenda de ir-me embora
E a tremenda vontade de ficar.

Vinicius de Moraes



3. NAS TRILHAS DO CENTRO NATURISTA COLINA DO SOL: O DESPERTAR DOS SENTIDOS

*“Não há nada menor nem maior que um toque.”
Walt Whitman (1819-1892)*

*“Você, leitor, que pulsa
De vida e orgulho e amor,
Assim como eu:
Para você, por isso,
Os cantos que aqui seguem!”
Walt Whitman*

Ler o diário de bordo oferece um prazer equivalente ao de terminar a leitura de um romance, com a emoção de lê-lo pela primeira vez. Mas, a respeito disso, vou deixar passar algum tempo e o lerei novamente, renovando constantemente a imaginação pontilhada pela subjetividade. A trajetória, que segue, ressoou em vibrações e, nesse momento, desdobra-se em um caminho traçado pelo corpo desenrolado pela escrita guiada pela consciência impressa nos dias vivenciados no Centro Naturista Colina do Sol.

No relato que segue sobre a primeira visita, eu estava acompanhada por minha família, meu marido e meu filho de seis anos. A presença deles, no meu entendimento, justifica-se, primeiramente, pela necessidade de adesão familiar, em outras palavras, uma pesquisa que requer aparecer com o corpo desnudo perante indivíduos estranhos necessita da participação dos que nos acompanham todos os dias. Esse desnudar-se em família aproxima-nos de um único objetivo: o de confrontar-se com nossos receios e pudores. Meu olhar, nessa primeira visita, não era somente de pesquisadora, mas sim de desbravadora em uma sociedade diferente daquela com a qual estou acostumada. Em um segundo momento, meu foco era totalmente a pesquisa, pois já sabia o que tinha que enfrentar.

“... A noite aproximava-se e nós continuávamos perdidos em meio às estradas do interior da cidade de Taquara, seriam poucos os quilômetros de estrada de terra. A ansiedade tornava-se cada vez mais visível. Perguntávamos sobre o Centro Naturista Colina do Sol, entretanto, todos pareciam desconhecer o local. Poucos eram os transeuntes que pareciam saber do que falávamos e estes, apenas sorriam com um ar de curiosidade, fixando o olhar em cada um de nós. Nós, com certeza, éramos peixes fora d’água. Enfim conseguimos contato por telefone e então nos colocamos no caminho correto. Entre dois caminhos que conduziam à Comunidade, havíamos escolhido justamente o mais complicado, extenso e sem sinalização, pouco utilizado pelos colineiros, assim chamados os naturistas da Colina do Sol, visitantes ou moradores.

Confesso que por momentos, enquanto estávamos supostamente perdidos, quis desistir da pesquisa, pois meus pensamentos estavam confusos, afloravam os sentimentos de angústia, medo e incerteza... Em meio às estradas rurais do município de Taquara, sem sinalização indicativa da Comunidade, sem sinal de telefone, chovendo e com criança a bordo... Imprevistos, incertezas, indeterminações! Eram as palavras-chaves da Teoria da Complexidade que ecoavam em minha mente. Restava-me uma pergunta: desistir seria correto, após tantos textos a respeito do Naturismo e sobre a Colina do Sol?

Ufa! Chegamos... Um instante da vida que passou, passou... deixando lembranças que valem recordar. Descobertas com vontade de partilhar. Segundos que por vezes pareciam horas, eternizando as aventuras em nossas memórias, deixando a questão: essa inquietação, desconforto dos conhecimentos e sentimentos será uma característica que enfrentarei durante toda a pesquisa? E exatamente esse turbilhão de pensamentos que me impulsionava para simplesmente viver o instante presente.” (anotações do Diário de Bordo da pesquisadora)

Encontro em Morin (2005b: 29) um respaldo para todo o episódio vivenciado: “diante da ideia do desafio, é bom saber que há o risco do erro ontológico, da ilusão, e que o absoluto é, simultaneamente, o incerto”.

A viagem por si é um belo passeio, mas é preciso estar determinado, pois o acesso não é dos melhores e o Centro Naturista Colina do Sol não está no caminho de nenhum outro lugar, revelando-se como destino final.

Desnudar-se, literalmente, é, com certeza, mais complexo do que eu imaginara. Ler, pesquisar, acessar fotos e vídeos, é uma tarefa prazerosa de

descoberta; entretanto, viver a ansiedade de uma primeira visita a uma Comunidade Naturista é algo que tento descrever neste capítulo.

A paixão pela pesquisa nasceu no instante em que fomos recepcionados por uma avó, com um bebezinho em seus braços. Ela vestia apenas uma canga e um admirável sorriso no rosto. Naquele momento, os sentimentos de ansiedade, medo e apreensão, distanciavam-se. A curiosidade era visivelmente percebida, tanto de nossa parte como dos habitantes e/ou visitantes daquela comunidade.

Na portaria, preenchemos fichas de identificação para somente depois ser permitido o nosso acesso ao interior do Centro Naturista. Vale lembrar que os minutos, ali aparentemente perdidos, garantem a paz e segurança dos colineiros, pois as pessoas que desejarem entrar no Centro Naturista, com fins diferentes aos propostos pela comunidade, ao infringirem suas normas da comunidade, podem ser expulsas do local e, de posse dos registros constados nas fichas de identificação, esses indivíduos não podem mais retornar à comunidade.

Marlene, nossa anfitriã, nos mostrou a cabana e deu-nos um vídeo a que deveríamos assistir. O vídeo apresentava as normas de comportamento que deveríamos seguir durante nossa estadia. Anteriormente, eu as obtive via internet e estávamos todos conscientes de nossos atos, mas assistimos ao vídeo com todo o respeito que parecia merecer.

Após conhecermos o lugar que nos abrigaria por cinco dias e assistirmos ao referido vídeo, pus-me a escrever em meu diário de bordo, desejando não esquecer nenhum momento sequer, ziguezaguando as palavras, confrontando-as com meus preconceitos e tabus.

Aproveitamos a noite para nos desnudarmos dentro das fronteiras da cabana, onde “estariamos seguros” e em família. Entretanto, a cabana localizava-se em meio a um mato de eucaliptos e acácias e, por vezes, a insegurança retornava. A questão seria com o amanhecer, como os colineiros nos receberiam, como nos comportaríamos, cumprimentaríamos, entre outros receios.

No outro dia, após nos familiarizarmos com alguns indivíduos, descobrimos o porquê de as pessoas, no caminho, não conhecerem o Centro Naturista Colina do Sol – CNCS. Evidentemente, os naturistas eram conhecidos pela população local como os “pelados” e, a partir daí, entendi os olhares curiosos dos moradores vizinhos. Quando me refiro aos vizinhos do CNCS, trata-se dos moradores do entorno, pois o

Centro Naturista possui uma área de 45 hectares, o que significa que esses habitantes se encontram bem afastados dos colineiros.

Nossa experiência transformava-se, a partir daquela manhã, em reaprender a despojar-se sobre um prisma de projeções diversas. Nossos corpos eram visivelmente invólucros da nossa consciência. Algo que balançou o cotidiano, desencaixando as peças do quebra-cabeças para montá-lo de outra forma. Os nossos corpos não estavam redefinidos como nenhum dos que observei na Colina do Sol, muito pelo contrário. Eram corpos sem padrão, sem rigidez de forma, alcançando, através da minha subjetividade, signos de presença da perfeição entre tantas diferenças.

Mergulhei no desconhecido, na busca de um desafio para apostar em uma perspectiva diferenciada, guiada pela reflexão na prática das relações sociais, almejando olhar o horizonte através de sonhos coloridos a fim de renovar os valores de nossas atitudes, de recomeçar, reiniciar, refazer, regenerar, restaurar e quem sabe recompor a relação homem/natureza.

Em nossa primeira exploração pelo local, saímos os três, de cangas⁶. Nervosos, ansiosos e certamente inibidos, percebido nas imagens 1 e 2. Acompanhou-nos, Vivien, uma visitante naturista residente em Fortaleza, cujo pai é um dos moradores da Colina do Sol.



Imagens 1 e 2 – Primeira manhã no CNCS, protegendo-se com cangas.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Na Colina do Sol, existem áreas onde o nu é parcial e outras em que o nu é total. Na área onde é permitido o nu parcial pode-se usar cangas ou outras peças de roupas. O espaço destinado ao nu parcial fica justamente na entrada da Colina do Sol, onde estão localizadas as áreas residenciais, um pequeno comércio e área de

⁶ Canga é uma espécie de tecido fino e leve que se enrola sobre o corpo com fins estéticos ou de proteção.

camping. Entretanto, poucos eram os indivíduos vestidos. Na área de nu total, existem placas indicativas para que os visitantes tenham a liberdade de escolha, para entrar ou não nessas áreas, que se constituem na área da piscina de pedras, restaurante, as quadras de vôlei, o centro de *relax* e o lago. Habituar-se a portar sempre uma toalha ou canga é uma conduta exigida pelas normas éticas, pois não é higiênico sentar-se nu em qualquer cadeira ou banco que não seja de uso exclusivo do seu usuário. A canga é mais leve, prática e unissex, sendo a mais utilizada.

“A canga é uma posição intermediária entre o nu e o vestido.”
(Jô)

De passo em passo fomos perdendo o medo e o receio e, aos poucos, diminuindo o que a canga encobria em nossos corpos. Éramos nós simplesmente, em uma experiência inusitada, percebendo a prática de rotinas observada de um ângulo diverso.

“Com tudo isso, tu percebes que o naturismo é muito mais que tirar a roupa. Tirar a roupa é uma fase inicial que te permite te desnudar dos teus defeitos, tanto físicos como comportamentais. É tu te respeitar e respeitar os outros”. (Jô)

Pelas trilhas percebi a arquitetura das cabanas e o comportamento dos moradores e visitantes, valorizando e apurando os meus sentidos. Crianças, jovens, adultos e idosos caminhavam, conversavam, realizavam suas tarefas ou brincadeiras como se estivessem vestidos. As mulheres, notadamente vaidosas com seus colares, brincos e chapéus, usando suas cangas coloridas.

Apesar de minhas leituras prévias sobre o naturismo, certamente nenhum texto descreve aquela integração. O ambiente é aprazível, receptivo e acolhedor. O silêncio é instigante, misterioso e, ao mesmo tempo, contagiante. Existe uma energia abusiva transmitida pela natureza abundante que permeia o lugar, invadindo nossos sentidos. O ar é mais puro, o sabor mais apurado, o tato mais gostoso, a visão mais aguçada e a audição mais precisa. Com o silêncio, distingue-se o som dos pingos da chuva nas diferentes árvores, na terra, no telhado de madeira da cabana, dos passos apressados dos que não querem se molhar...

É singular a importância desse debruçar-se sobre si mesmo, refletindo sobre as posturas que norteiam a nossa vida. Há um abuso de formas de corpos, esculpidos

pelas marcas do tempo, dos que vagueiam pelos ambientes, sem os tradicionais padrões vigentes pela moda. Corpos nus por opção e como filosofia de vida, despidos das máscaras que parcialmente nos dizem quem somos, o que somos, de onde viemos e para onde caminhamos. Na Colina do Sol, os sentidos parecem modelar os corpos nus daquela realidade, onde assimetrias dos mesmos traduzem o belo.

“Quando tu vens para cá, você se desnuda de muitas marcas que a sociedade te impõe, como o último modelo de celular, o carro, a calça, ou seja, nada relevante. Fico pensando como as mulheres sofrem, pois aceitam essa ditadura de padrão de beleza estética. Tem que ser de tal forma e elas se submetem. Fazem cirurgia plástica, vão para academia, não comem. Vivemos num mundo totalmente midiático.

Aqui o primeiro passo: tua aceitação, isso acontece na medida em que tu percebe que tuas imperfeições, segundo esta sociedade, coexistem nas outras pessoas.

O segundo passo: aprender a conviver com as diferenças de comportamentos, pois aqui temos gente oriunda de todos os lugares, uma riqueza de etnias, culturas, destinos, origens, o que torna por um lado, um exercício de convivência muito rico e por outro um exercício de convivência com pessoas diferentes”. (Jô)

Em muitos casos, nosso corpo é uma “coisificação” conforme Ghiraldelli Jr. (2007: 106-107) e nós, seres humanos, preferimos desligar os sensores dos sentidos e sentimentos, “tanto em quantidade quanto em intensidade qualitativa”, nos tornando objetos. O que permite descrever um contraponto é reconhecer a complexidade no “processo de desdobramento do amor-ódio pelo corpo”(Ibidem: 109). A mercantilização e estetização do corpo serão aprofundadas no quinto capítulo no item intitulado a *InCORPOração*.

Percebemos que os cinco dias rapidamente passaram, sem o hábito da televisão, computador ou o agito da cidade. Apesar de termos o conforto da cabana, parecia desnecessário saber que horas eram ou as tarefas que tínhamos para realizar, mediante a correria do dia-a-dia. O relógio parecia parar, oscilando entre a perda da noção do tempo com nosso relógio biológico, que nos orientava quando comer ou dormir, pois fizemos questão de abandonar o medidor de tempo que tanto dirige nossas vidas...

“Eu durmo com a janela aberta com porta aberta e estou tranqüilo” (Tuca)

Faço parte da pesquisa e não tenho como isolar-me ou distanciar-me, traduzindo o contexto da incerteza na certeza da escolha pela investigação proposta; expondo meu corpo ao ar, à luz, ao vento, ao sol e à chuva, emergindo conhecimentos destacados pelo inusitado e pela paixão da descoberta, tecendo os contornos da vivência naturista como um importante viés para a educação ambiental.

“Eu senti um vento no corpo, um sol, era tudo espetacular. E pela primeira vez eu senti a alegria do meu corpo para mim! Pois não importava do jeito que eu estivesse, se estava bonita, se estava feia. Meu corpo era inteiramente prazeroso para mim!” (Candinat)

Os dias que passamos em família, na Colina do Sol, foram primordiais para confrontar-me como ser humano através de um estranhamento e de uma inquietação que, nesse momento, afligem minha essência a partir da construção de novos princípios guiados pela ética e pela estética.

Nesse primeiro contato com o Naturismo na Colina do Sol, procurei descobrir-me, para então saber minhas fronteiras perante a nova realidade. O caminho percorri como o vento, seguindo as direções que me eram propostas, situando-me em uma aventura incerta e onde, a cada dia, os acontecimentos indicavam um novo percurso.

“Nós saímos, meu companheiro e eu. Eu olhava, olhava, toda hora tinha a sensação que alguém ia me chamar a atenção, quando me dei por conta que realmente eu poderia estar nua e estava tudo normal, que não tinha nada a ver, eu comecei a pular me deu uma alegria, uma coisa tão incrível! Eu pulava! Eu gritava! Meu Deus que delícia! Eu não podia acreditar. Aquilo me chamou a atenção. Porque na praia a gente está quase nu, não faz tanta diferença. Mas, aqui, no meio do mato. Eu achei fantástico!” (Candinat)

Utilizei-me do diário de bordo, de leitura nas 24 edições da Revista Naturis, encontradas na cabana, do vídeo apresentado e do registro fotográfico para lembrar nossos momentos nessa história que percorrerá as trilhas da educação ambiental. Ressalto que as fotografias, nesse primeiro contato, foram apenas de nossa família, pois não havia a intenção de registrar os demais indivíduos, mas, sim, de nos descobrirmos para autenticar a questão proposta norteando os meus objetivos em relação à futura pesquisa.

Não realizei entrevistas, preocupei-me em observar participando e perceber minhas reações, sentimentos, sentidos, receios e pudores. Meu corpo tornou-se secundário diante da complexidade daquela vivência. Procurei refletir e questionar-me orientada pelos Fundamentos da Educação Ambiental, a linha de pesquisa escolhida para embasar minha investigação.

“A compreensão se forma a partir das palavras e das emoções imbricadas nessas palavras.” (Ast)

Chegando ao fim da primeira jornada, o que parecia fácil tornou-se difícil, o comum transformou-se em estranho e o aparentemente racional, evidenciando-se: Por que devo usar roupas? Para quem serve o naturismo?

É importante salientar o *blog* da terapeuta Cristina Faria, http://www.absoluta-online.com.br/conteudo_vivencias_atitude_nudismo.html, que relata a primeira experiência dessa jovem na Colina do Sol.

3.1 Localização do Centro Naturista Colina do Sol – CNCS

O CNCS localiza-se no município brasileiro de Taquara, no estado do Rio Grande do Sul, conforme figura 1, que indica a localização do município, em uma altitude de 57 metros, conforme imagem 3, distanciando-se 72 Km da capital do estado. O município possui uma população de 53.441 habitantes, segundo o Censo do IBGE do ano de 2007⁷, contando com uma área de 445,76 km². O município encontra-se na mesorregião metropolitana de Porto Alegre e na microrregião Gramado-Canela. O nome da cidade deriva de taquara, um tipo de bambu silvestre, que na época cobria as margens do Rio dos Sinos, um dos cursos d'água que banham a cidade.

⁷ Contagem da população com data de referência de 01 de abril de 2007, publicadas no Diário Oficial da União de 05/10/2007.



Fig. 1 – Mapa de localização do município de Taquara/RS

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:RioGrandedoSul_Municip_Taquara.svg.

Escolhemos o caminho pela BR 116, conforme mostra a figura 2, aparentemente o mais próximo, o que nos conduziu a nossa pequena aventura em família. Um caminho sem sinalizações, desconsiderado pelos colineiros, mas ainda indicado pelo Centro Naturista em mapa fornecido no site. Caso optássemos pelo acesso através da RS 020, seriam apenas 8 km de estrada de terra a partir da parada 117, nesta sim, havia placas indicativas do Centro Naturista. Retornamos por este acesso. A imagem 3, sinaliza o único acesso, em meio ao mato, ao CNCS.



Fig. 2 – Mapa de acesso ao CNCS

Fonte: <http://www.colinadosol.com.br/portuguese/maps.htm#>



Imagem 3 – Imagem geral da localização do CNCS, disponibilizada pelo Google Earth, com destaque ao único acesso.

Fonte: acervo pessoal da autora

3.2 Colineiros, suas cabanas e a infra-estrutura

O Centro Naturista Colina do Sol é a única vila naturista da América Latina, com 12 famílias de residentes permanentes, mas o Centro possui 102 cabanas rústicas, integradas com leveza e harmonia ao ambiente em que estão inseridas. Essas cabanas são refúgios de fim de semana de sócios que residem em outras cidades e até mesmo no exterior. Três cabanas são de proprietários americanos que ali residem, no momento da primeira visita da pesquisadora. As demais são de brasileiros de diversos estados, entretanto a maioria dos proprietários reside na grande Porto Alegre.

As cabanas são projetadas e executadas por um escritório que obteve a concessão, seguindo as normas estabelecidas pelo estatuto interno. As áreas construídas seguem as necessidades dos proprietários, desde que não infrinjam nenhuma norma de construção.



Imagem 4 – Exemplo de uma residência
Fonte: acervo pessoal da autora

As cabanas, conforme imagem 4, são executadas com paredes de tábuas de pinus, com vigas e pilares roliços em pinho, assoalho e estrutura de entrepisos em madeira e piso do mesmo material. O telhado, aparentemente não aprovado, no que tange a durabilidade, atualmente é em madeira impermeabilizada. Muitos proprietários estão trocando os telhados das cabanas, optando por um material mais resistente quanto a durabilidade, são telhas executadas com chapa galvanizada

revestidas com um produto asfáltico. A comunidade da Colina do Sol optou entre as várias cores, pela preto/cinza e verde/cinza, em consonância com o ambiente.

O CNCS é uma área particular, onde os sócios, a partir de normas internas, adquirem o espaço para a execução das cabanas, através de concessão, mediante o pagamento de anuidades e onde, em caso de abandono ou descumprimento das leis internas, o proprietário perde o direito de usufruir da residência ou mesmo de frequentar a Comunidade.

“Aqui somos concessionários da terra. Isso tem a ver com espiritualidade. Na verdade, nós não somos donos de nada, nós não levamos nada. Nós não sabemos de onde viemos, o que somos, nem para onde iremos. E se lermos a dimensão astronômica minimamente, saberemos sobre a insignificância da terra. Por tabela, a insignificância de nós homens e mulheres, da transitoriedade da nossa vida.

De quem é o ar? De quem é a terra? E a água? O sol?

Nós tomamos a terra, a água, o ar, emprestados de nossos netos, como disse um cacique a um presidente, citando a Carta da Terra.

Isso na verdade é o conceito de sustentabilidade.

Então, a terra e a água não nos pertencem.” (Jô)

“Condomínio na prática, com postura de condomínio, conjunto de pessoas morando juntas, mas em um condomínio não poderíamos expulsar ninguém, iriam trazer qualquer um, independente da postura. Como clube na teoria, a vantagem é que podemos selecionar quem entra, a pessoa é acompanhada e observada para vermos sua conduta e pode ser expulso em caso de má postura, como ocorreu com os americanos. Na teoria é um clube, mas veja, não temos atrações de clube, é o desfrutar do naturismo pelo prazer, no sentido da palavra. Como clube, não oferecemos nada, não há atrativos. Atividade social praticamente não existe, temos atrações paulativas. Como exemplo o lago, a piscina de pedras e o restaurante. A sauna só no inverno. Aqueles que estão interessados em trazer turistas para cá são os que dependem financeiramente desses turistas por uma questão de sobrevivência das suas atividades comerciais.” (Col)

O abastecimento de água do Centro Naturista é proveniente de poço artesiano, perfurado em rocha de grês, aonde bombas de recalque conduzem a água até três reservatórios de fibra, localizados em um outro ponto do CNCS. O fornecimento de água não é pago pelos moradores, mas na conta de energia elétrica há um acréscimo proveniente do uso das bombas de recalque.

“Nós precisamos cuidar do lençol freático!” (Jô)

A energia elétrica provém da concessionária AESSul - AES Sul Distribuidora Gaúcha de Energia S.A.- que faz a medição em um único relógio que se encontra junto ao pórtico. Cada cabana possui um relógio individual, após a medição da concessionária, verifica-se em cada relógio individual o consumo, para então ver-se a despesa de cada cabana.

O acesso à internet é através de antena para banda larga.

“Temos uma torre para a banda larga, ou seja, facilidade de comunicação para os que optarem em morar aqui.” (Jô)

3.3 Setorização das áreas

O Centro Naturista Colina do Sol é uma extensa área particular, conforme dito anteriormente, com muito verde, agregando áreas residenciais, de lazer e comerciais.

Próximo à portaria, há uma edificação da central da Colina, onde funciona a secretaria e o atendimento a sócios, visitantes e moradores, denominada Central de Informações. Nesta área também se encontram as áreas comerciais, tais como: o mercado nativo, a loja de souvenir, o escritório de arquitetura e a área de camping, bem como a cozinha comunitária, destinada aos que optam pelo camping.

A área central é destinada a fomentar o lazer, o convívio e a integração dos naturistas. Encontram-se ali, o lago, a praia, a piscina de pedras, as quadras de vôlei, o centro de *relax* e o restaurante.



Imagem 5 – Vista aérea da área de lazer
Fonte: acervo pessoal do entrevistado Col

3.4 Comportamento em meio aos colineiros

Estar nu em público pela primeira vez gera certo nervosismo, que desaparece aos pouquinhos sem percebermos. Em meio aos colineiros, andar vestido é o que chama a atenção, nu, o andar passa despercebido. Em nossa experiência, ao sair pelas trilhas do CNCS, na primeira manhã, cobrimos nossos corpos em cangas, evitando chamar a atenção. Por vezes, gostaria de ser invisível! Incrivelmente, com os minutos se passando, com o caminhar despretençioso, não percebi que havia retirada a canga. Pela primeira vez, em meio aos colineiros, estávamos acolhidos no seio daquela comunidade. Quando chegamos às áreas de nu total, a tal proteção já não se fazia necessária.

E quanto ao frio? É a primeira pergunta que se faz a um colineiro.

Os naturistas vestem-se quando o vento está gelado ou o sol está muito quente. A prática naturista não os obriga a despirem-se nos dias frios, mas também esperam que ninguém os obrigue a cobrir as paisagens de corpos nus, por pessoas vestidas quando a temperatura está agradável.

Pude constatar a presença de jovens de todas as idades, naturistas enfrentando a puberdade, o período em que o corpo sofre muitas transformações e que não são menos complexas para os jovens naturistas do que para os de idade mais avançada.

“Todos aqui reconhecem que na fase da puberdade, há um receio de mostrar o corpo, afinal o que é estranho para eles será estranho para os outros, então nem todos nessa idade conseguem ficar totalmente nus”. (Col)

Em pleno fevereiro, com um dia ensolarado e a brisa constante, ainda assim as águas do lago e da piscina estavam frias. Na praia artificial, há poucas pessoas, até que, de repente, outras saem das várias trilhas, nuas, com sacos nas mãos, procurando lixo... Lixo? Sim, lixo, ou seja, qualquer coisa que não seja parte do habitat. Era uma gincana de varredura no CNCS. Tão feliz aquela brincadeira, cujo vencedor seria aquele que colhesse mais detritos (doce problema, pois os sacos de lixo estavam quase todos iguais, isto é, vazios). O aparente tédio daquela vida bucólica estava sendo desmentido por uma atividade inesperada. O interessante era observar o cenário onde figuras anônimas até então para mim, homens e mulheres nus com sacos de lixo na mão, todos correndo nas trilhas, em meio ao mato, rindo alto e com o simples prazer de abusar dos estímulos, dos sorrisos dos amigos, em uma busca extremamente séria, de conduta e comportamento social, para o bom funcionamento da Comunidade.

“A nossa moradia depende da conservação do ambiente que moramos, obviamente, a própria maneira de administração do clube obriga as pessoas a cuidarem da natureza. É uma questão de norma. Especialmente os moradores já sabem que nós devemos proteger o local em que moramos, porque é o local que representa a vida para nós. Ainda temos os que gostam de cortar as árvores, mas, de modo geral, protegem o ambiente do jeito que está, ou seja, deixam os animais. Ninguém sai caçando por aí ou matando os lagartos. Até os visitantes saem com uma consciência. Eles ficam espantados, até porque é bonito aqui, mas nem tão bonito assim! Mas, pelo fato que tem um oásis, no meio do deserto, que é o resto do mundo, que está conseguindo conservar o que é para conservar. É um oásis!” (Col)

A nudez comum sugere um termo de confiança e confiança, nossa parte de humanidade, um lembrete de que vivemos em um mundo, que devemos nos solidarizar, amar uns aos outros e trocar bons exemplos. A prática do naturismo exercita a nossa autoaceitação corporal. Lembrando Nietzsche (2005: 37)

Apenas os homens muito ingênuos podem acreditar que a natureza pode ser transformada numa natureza puramente lógica; mas, se houvesse graus de aproximação a essa meta, o que não se haveria de perder nesse caminho! Mesmo o homem mais racional precisa, de tempo em tempo, novamente da natureza, isto é, de sua ilógica relação fundamental com todas as coisas.

O corpo nu fala sua própria linguagem. O que se faz com naturalidade, como tomar banho, uma caminhada, participar de jogos, compartilhar o tempo com a família e com os amigos, satisfaz o ser humano por inteiro. Torna as pessoas mais conscientes de si mesmas, comprometidas e interessadas pelo outro ser humano. Um sorriso é mais importante do que os atributos secundários.

“Somos reservados como casal, pela nossa própria personalidade e por não termos tido um convívio social, pois enquanto nós trabalhávamos com eventos, os outros se divertiam. Nosso relacionamento é cordial. A questão de ambiente de condomínio, não tem como ser inimigo de alguém, como acontece na cidade. Cada um tem uma maneira de ser! Em certas coisas nós somos diferentes dos outros, isso proporciona a riqueza.” (Col)

Russel (1999: 16) comenta que: “o melhor lugar para se estar nu é ao ar livre, sob o sol ou dentro da água. Se isso fosse generalizado, a nudez deixaria de ter apelo erótico, nós nos sentiríamos melhor e seríamos mais saudáveis, graças ao contato do ar e do sol com a pele”.

“Corpo para si! Fonte e vida para mim”. (Candinat)

Entretanto, convém lembrar que nem todo nu comunica uma relação de amor e respeito com o meio ambiente. É necessário dizer que há o nu que constrange que violenta, que reprime os seres humanos, é o caso do nu nas prisões, do nu pelo desprovimento social, do nu como apelo sexual, do nu do abandono e do desprezo.

Esse tipo de nudez é reconhecido pela pesquisadora, contudo não é o foco desta pesquisa.

Um dos medos confrontados ou, no mínimo, mais curiosos deve-se ao fato de pensarmos que, ao vermos outros corpos nus, a excitação seria evidente, mas isso não ocorre, visto que não há contexto para tais emoções. Não se reprime a sexualidade como desejo: apenas vivencia-se como outra forma de sentimento. O relacionamento sexual floresce a partir das relações de autorrespeito e amor. Comportamentos com conotação sexual devem ser restritos aos ambientes internos das cabanas ou barracas, ajudando, desta forma, a preservar a inocência do ambiente comum.

3.5 A espiritualidade

Nas residências onde realizei as entrevistas, pude constatar a diversidade de objetos, adornos que traduzem essas manifestações religiosas ou filosóficas. Em outras palavras, os naturistas colineiros creem nas energias, assim vou denominar, provenientes das mais diferentes origens. Por exemplo, em uma residência, há cristais nas mais diferentes formas; um elefante está virado de costas para a porta além da imagem de um santo, um sino dos ventos posicionado na varanda, entre outros elementos pertencentes às mais variadas crenças. Fica, então, evidente a ligação cósmica pela energia em si, sem denominação religiosa, bem ao gosto popular.

“Quando uma pessoa hoje ainda, simplesmente, fecha os olhos para algo, eu acho que a pessoa precisa conhecer, tu não tens que ficar em algo, mas observar para depois te posicionar sobre tal situação. Olhar, analisar, avaliar.” (Ast)

Vale ressaltar que Ast é filha de pastor evangélico, que atualmente também reside na Colina do Sol. Complementa-se essa lógica com Morin, onde

Vivemos (...) em um universo de signos, símbolos, mensagens, figurações, ideias, que nos designam coisas, situações, fenômenos, problemas, mas que, por isso mesmo, são os mediadores necessários nas relações dos homens entre si, com a sociedade, com o mundo. (...) Os símbolos, ideias, mitos, criaram um universo onde os nossos espíritos habitam (2005e : 140).

E mais:

O espírito individual pode dispor tanto mais de possibilidades de jogo próprio e, assim, de autonomia, quanto na própria cultura, há jogo dialógico dos pluralismos, multiplicação das brechas e rupturas no interior das determinações culturais, possibilidade de ligar a reflexão com o confronto, possibilidade de expressão de uma ideia, mesmo desviante (Ibidem : 23).

Dessa forma, o saber, a crença, está ligado ao espírito individual. Eis que, a relação entre os espíritos individuais e a cultura é hologramática e recursiva, nos diz Morin. Hologramática, pois a cultura está nos espíritos individuais que, por sua vez, estão na cultura. Recursiva, porque os indivíduos formam seu conhecimento a partir das inter-retroações cognitivas entre os indivíduos que regeneram a cultura que os regenera. Na recursividade a causa produz um efeito, que por sua vez produz uma causa.

Entretanto filosofias, ideologias e doutrinas não podem e não devem ser julgadas pelos “erros” ou “verdades” na representação da realidade e devem ser concebidas como produtos de uma cultura ou mesmo de uma sociedade, envoltas de forte carga mítica e mística e podem desenvolver um extraordinário poder de subjugação e de posse.

“Não existem acontecimentos puramente contingentes: todos os acontecimentos são de fato signos e mensagens que podem e obtêm interpretações.” (Morin, 2005d :176) O universo mitológico é portador de símbolos e o pensamento é uma proliferação de significações, que projeta a subjetividade humana sobre o mundo exterior natural ou ideal (Ibidem: 177). Dessa forma as grandes realizações mitológicas estabelecem a comunicação e a comunhão entre o humano e o não humano.

A subjetividade reporta-se também ao temor, à angústia, à esperança e o mito é, essencialmente, integração do humano com o cosmos, preenchendo as lacunas

abertas pelas interrogações humanas. O mito nasce na humanidade e no mistério do ser.

O conhecimento humano é prisioneiro não somente das condições biocerebrais de formação, mas também do mundo fenomenal. Mas isso significa dizer também que essa prisão é o seu berço, pois, sem ela, não haveria nem mundo, nem conhecimento, ao menos conhecimento e mundo concebíveis segundo nosso conhecimento. (...) O espírito pode aventurar-se na zona de penumbra do Real, conjecturar, imaginar, sonhar... (Morin, 2005d: 243)

3.6 As normas vivenciadas

Constatei que o CNCS é regido por normas conforme as estabelecidas pela Federação Brasileira de Naturismo – FBrN, oferecendo tranquilidade e segurança aos sócios e visitantes. As normas informam a consciência de “plena” liberdade e o cuidado de não interferir na liberdade dos outros. Certas normas devem ser observadas, como por exemplo:

a) O uso de shorts, bermudas, biquínis ou maiôs não é permitido nas áreas públicas de nu total, ou seja, no lago, na praia, na piscina e no interior das quadras de esporte. Durante o período menstrual, as mulheres podem fazer uso da canga, desde que os seios fiquem desnudos;

b) O interessante é que se esquecermos algum objeto em qualquer lugar, os pertences são respeitados, assim como nossas cabanas. Quem, por vez, os acha, entrega-os na secretaria para posterior devolução;

c) Fotografar ou filmar outras pessoas, não foi meu objetivo inicial conforme já mencionado, mas fui esclarecida de que poderia fazê-lo mediante a concordância do naturista. Entretanto para evitar dissabores, optei por não fotografar nenhum colineiro;

d) O silêncio é algo espetacular! Tantas pessoas convivendo juntas e nada de poluição sonora. Os carros não podem servir como som ambiente;

e) Na área residencial não é permitida a entrada de animais domésticos, mas há uma área em outro setor residencial onde estes podem ser mantidos;

f) O lixo é depositado em lixeiras espalhadas pelas áreas da Colina e recolhido pelos funcionários do CNCS que o depositam em um galpão localizado próximo ao pórtico, e que posteriormente é recolhido por um caminhão da Prefeitura Municipal de Taquara, que não faz coleta seletiva. Quanto ao lixo orgânico, poucos são os moradores que fazem a compostagem;



Imagem 6 e 7 – Placas de conscientização
Fonte: acervo pessoal da autora

g) O tráfego de veículos é cuidadoso, pois as crianças correm soltas pelas ruas e trilhas. As estradas são apenas ligações entre as residências, não tendo nenhuma pavimentação. Incentiva-se o caminhar, deixando o carro apenas para as necessidades fora da Colina do Sol;

h) Nas conversas informais, constatei que alguns naturistas não divulgam que o são, solicitando que resguardem sua privacidade, sem comentar com pessoas alheias ao naturismo. Entendo que alguns naturistas preferam, de certa forma, o anonimato;

“O grau de aceitação da sociedade para com o naturismo depende do respeito e da compreensão desse tipo alternativo de vida.”
(Ast)

i) As peculiaridades de cada família são respeitadas, a menos, é claro, que elas se tornem públicas, causando desconforto à comunidade.

“Eu estou sempre pelado. Acordo pelado, durmo pelado. Claro que hoje está meio friozinho, aí estou de regata. Inverno e verão,

estou nu! Sou aceito por todos, com esse meu jeitão. Eu cuido de todo mundo.” (Tuca)

j) Os colineitos têm o número do celular de todos os moradores. Desta forma, conseguem manterem-se informados.

“Todos temos o número do celular de todos, assim mantemos contato e nos cuidamos. Eu necessito ter contato diário com os demais. Preocupo-me com a coesão do grupo como um todo e mantê-lo unido.” (Jô)

“Sou mais reservada. Sabemos onde podemos chegar nos mais diversos horários, quem podemos tirar da cama! Conhecemos a individualidade de cada um aqui da Colina.” (Ast)

3.7 Valorização dos sentidos estéticos

“Aqui meu corpo é para mim. Não é um meio de conquista para o outro. Reage-se com as sensibilidades, as nuances. Sou uma leitora sensível da natureza”. (Candinat)

Parece-me que não percebemos que são os nossos sentidos que modelam o nosso corpo e vice-versa. Ordinariamente, estamos interligados ao mundo das palavras, sem toque e sem sabor, e estas roubando espaços dos outros sentidos, ocupando o lugar das experiências sensoriais. O paladar, o olfato e o tato, soam como sentidos de proximidade, mas restringem-se aos contatos diários de nossos hábitos rotineiros.

“Então, se eu não ouvir, grande parte do mundo morreu para mim. Se eu não olhar, outra grande parte morreu para mim, sem o gosto, sem o toque, sem o cheiro, bem, todas as portas se fecham. Então, não adianta ter uma mente maravilhosa, porque tudo no mundo se traduz através do meu corpo. Em primeiro lugar está o preservar e valorizar a saúde, é a moeda número um.” (Candinat)

O toque proporciona um fundamento das relações, afinal a humanidade começa quando começa o toque. Humaniza e ressignifica as experiências de nossa vida, florescendo a amorosidade com criatividade nas relações sociais.

“No momento em que reconhecemos as habilidades e aptidões de cada um e buscamos, ou seja, a minha fragilidade eu busco na fortaleza do outro, o que acontece é que eu estou fazendo uma bela de uma troca, estamos construindo um nível social intenso aonde chegamos ao nível de troca. Você se vê na sua inteireza e para isso precisa se desnudar e aí se encontra o nu. O nu é o se desnudar e se mostrar claramente como tu és. E uma convivência como esta te permite isso.” (Ast)

Vivenciar o naturismo oportunizou-me uma descoberta a partir da “quebra” de alguns tabus. Transgredir meus conceitos com relação ao meu corpo, permitindo vislumbrar minha família naturalmente feliz, com todas as delícias do sol, da chuva e da água da piscina, na pele nua, do caminhar descalça pelas trilhas do CNCS, inspirando a brisa e o cheiro de mato, eliminando minhas preocupações, rasgando meus pré-conceitos, enfim, sendo “eu”, na singela alegria de viver.

“O corpo é lindo, indo e vindo...O naturista verdadeiro conversa com as pessoas olhando olho no olho, no rosto, entende? É lógico que olhamos, mas de longe, sem agressividade. Você pode cuidar: na praia, a mulher de biquíni rebola; aqui, a mulher nua, não. O nu é natural. O nu é lindo! Aqui, não temos beldades. Somos como somos, com a celulite, o barrigão, a careca, gordo ou magrão. Nos aceitamos como somos. Ahh! A vovó anda nua aqui também, o vovô também! É puro, é lindo! Tem confiabilidade, tem sinceridade. Eu só curto o naturismo, eu vivo o naturismo. Para as pessoas andarem assim, tem que sentir confiança.” (Tuca)

3.8 Nas trilhas da Colina do Sol

Rir de nós mesmos era um hábito que estava se tornando corriqueiro, pois quando saíamos para caminhar, éramos surpreendidos pela chuva. Percorremos todas as trilhas da Comunidade, observando o, até então, desconhecido. As cabanas, as árvores, os pássaros, tudo era motivo para olhar mais atentamente. O encanto dos lugares invadia-me a visão como uma beleza abundante. Admirar a natureza era inesgotável. Os momentos de caminhada eram de magia, silêncio e comunhão com a totalidade. Lembrando Morin (2005c: 162)

É muito difícil conceber a ideia de totalidade em um universo dominado pela simplificação reducionista. E, uma vez concebida, será derrisório conceber a totalidade de maneira simples e eufórica. A verdadeira totalidade é sempre fendida, fissurada, incompleta. A verdadeira concepção de totalidade reconhece a insuficiência da totalidade.

Eis a harmonia com o universo, permeando os poros da minha pele, invadindo meu ser, permitindo-me sentir as formas de energia e a vibração do ser humano envolvido pelo meio ambiente.

Encontrei-me em um estado poético produzido pela verdade do amor, conforme Morin (2005b: 29), o amor como parte da poesia da vida, espalhando-se como um todo, em uma multiplicidade de componentes.

A figura 3 mostra um croqui de localização interna do CNCS, a partir do qual, percebe-se que na região central há um espaço destinado ao lazer e às práticas esportivas, e as trilhas que unem os diversos espaços.



Fig. 3 – Croqui de localização interna do CNCS

Fonte: <http://www.colinadosol.com.br/images/internocolina.jpg>

Caminhar nas trilhas, nua, descalça e com chuva proporciona uma unidade existencial, corpórea e espiritual, afirmando o ser humano e o mundo em uma síntese cujos momentos se constituem em superação de si mesmo, quanto às possibilidades de haver respeito e amabilidade mesmo estando despido.

Gonçalves (1994: 75) oferece a noção de que

Nessa bipolaridade, estão presentes a negação da redução de um elemento ao outro e, ao mesmo tempo, a afirmação da impossibilidade de separá-los, pois não podemos pensar o homem sem o mundo que o constitui e lhe dá consistência de ser. (...) nesse contexto, é o horizonte, a perspectiva na qual a realidade objetiva é significada pela subjetividade que a desvela e lhe atribui um sentido. (...) O homem habita, assim, infinitos mundos (mundo familiar, mundo do trabalho, mundo das artes, etc), que constituem o horizonte, o campo de possibilidades de suas experiências.

3.9 Educação no ambiente

Descontraidamente conversávamos à beira do lago, na praia, enquanto um homem, de aproximadamente 50 anos, aproximou-se sorrindo. Apresentamo-nos e ele fitando-me perguntou qual a área naturista que eu frequentava. Respondi que eu estava me constituindo educadora ambiental e no limite, naturista; que era a primeira vez que eu caminhava por uma área naturista. Ele olhou para meus seios diretamente sem disfarçar, respondendo que me achou naturista por eu não ter nenhuma marca de biquíni. Obviamente, fiquei paralisada, no que o meu marido, espantosamente, respondeu rapidamente: “ela toma banho de sol nua, temos um local apropriado em nossa casa!” Ele sorriu e continuamos a conversar. Em momento algum me senti constrangida, assediada por uma conotação sexual qualquer que viesse de seus pensamentos.

“ A nudez faz com que tu seja tu mesmo. É tão contagiante que as pessoas emitem juízos diferentes, um feedback diferente.” (Ast)

Enquanto conversávamos, um grupo de jovens divertia-se em um jogo de vôlei, como de longe pude observar. A pureza chamava a atenção: em um simples jogo misto, moças e rapazes estavam em harmonia com o ambiente.

Qualquer um que tenha tido ao menos uma experiência de naturismo, por mais breve que tenha sido, percebe que o prazer se dá mediado pela educação natural do corpo como parte integrante do ser humano religado na natureza.

Assim, ao trazer essas experiências para um trabalho qualitativo descritivo, saliento uma forma possível de apresentar as condições objetivas e subjetivas da observação participante, contribuindo para a crítica de um tabu quanto ao reflexo do sentimento, da afetividade e da emoção nas pesquisas.

Na imagem 6, pode-se observar a localização das quadras esportivas, do lago e da praia, bem como a piscina de pedras; em outras palavras, a área de nu total. A imagem 7 mostra uma placa de advertência de nudez total.



Imagem 8 – Áreas de nudez obrigatória
Fonte: acervo pessoal da autora



Imagem 9 – Placa indicativa da zona de nudez total
Fonte: acervo pessoal da autora

A experiência também sintetiza os aspectos que caracterizam a concepção que os naturistas possuem, segundo Rojo (2005: 69), como a valorização da comunidade como recuperação da possibilidade de relacionamentos intensos entre as pessoas, com o corpo nu como uma metáfora à pureza original.

Entendo que a experiência descrita ofereça algumas notas para demonstrar o quanto o indivíduo cria expectativas com relação ao fato de perceber-se sem o uso de máscaras, no caso roupas, acessórios, entre outros, para o seu comportamento ético e estético, individual e coletivo, um tema que impulsiona outras pesquisas. Mas, para os propósitos deste estudo, entendo ser necessário descrever no capítulo seguinte o naturismo colineiro tal como ele é praticado na Colina do Sol.

4

O NATURISMO TAL COMO ELE É PRATICADO NA COLINA DO SOL

VENTO, ÁGUA, PEDRA

A água perfura a pedra,
o vento dispersa a água,
a pedra detém ao vento.
Água, vento, pedra.

O vento esculpe a pedra,
a pedra é taça da água,
a água escapa e é vento.
Pedra, vento, água.

O vento em seus giros canta,
a água ao andar murmura,
a pedra imóvel se cala.
Vento, água, pedra.

Um é outro e é nenhum:
entre seus nomes vazios
passam e se desvanecem.
Água, pedra, vento.

Octavio Paz

(Trad. Antônio Moura)



4. O NATURISMO TAL COMO ELE É PRATICADO NA COLINA DO SOL

*“As pessoas não sabem o que é
sentir o orvalho no pé descalço, admirar de perto a maravilhosa
estrutura de uma espiga de milho ou o trabalho incrível
de uma aranha tecendo sua teia.”
José Lutzenberger*

4.1 O conhecimento, a linguagem e a compreensão: instâncias da cidadania

Somos frutos do ambiente no qual estamos inseridos, das pessoas com quem compartilhamos nossas aventuras e desventuras, nossas histórias de vida, nossas escolhas pessoais e profissionais. Sabe-se que os valores expressam-se por meio de linguagens; logo, a educação ambiental é aquisição de conhecimentos e valores que contribuem para a formação dos indivíduos e de suas relações com o outro e com a Terra no qual estamos inseridos e estabelecem-se, assim, através de diferentes linguagens.

A linguagem aspira à aproximação dos indivíduos e explana acontecimentos particulares e coletivos, que dão origem a um novo procedimento, a um modo que empreende trocas com outras linguagens emprestando as expressões que lhes forem convenientes.

A linguagem depende das interações entre indivíduos, as quais dependem da linguagem. Esta depende dos espíritos humanos, os quais dependem dela para emergir enquanto espíritos, é, logo, necessário, que a linguagem seja concebida ao mesmo tempo como autônoma e dependente (Morin: 2005e, 199).

A linguagem é parte constitutiva da cultura, que comporta uma dimensão cognitiva, cuja práxis é cognitiva. Os indivíduos colineiros produzem cultura, que por sua vez produz um modo de conhecimento. Significa dizer que o conhecimento não comporta apenas elementos biológicos, cerebrais, culturais, sociais, históricos, mas sim, necessita de uma complexidade sociocultural. Relacionam-se de forma complementar, antagônica e concorrente, ou seja, a dialógica; recursiva e hologramática entre as instâncias co-geradoras de conhecimentos. A recursividade para Morin postula a não-linearidade da relação causa-efeito, mas sim, o constante fluxo e refluxo, onde causas e efeitos se alternam como origens e consequências dos fenômenos, gerando uma complexa sinergia. O princípio hologramático diz respeito à imbricada relação entre a parte e o todo, onde o todo é maior que a soma das partes, sendo que o todo contém a parte e nela está contido.

A cultura que caracteriza as sociedades humanas é organizada/organizadora via veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam as representações coletivas, consciência coletiva, imaginário coletivo. (...) Cultura e sociedade estão em relação geradora mútua; nessa relação, não podemos esquecer as interações dos indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura (Morin, 2005 e: 19).

A cultura fornece aos indivíduos o seu saber acumulado, os seus paradigmas, a sua lógica, os seus mecanismos de aprendizagem retroagindo com suas normas, regras, posturas, proibições, que organizam as sociedades e governam os comportamentos individuais. Tudo isso sugere a existência de um “tronco comum indistinto entre conhecimento, cultura e sociedade” (Morin, 2005 e: 21).

O conhecimento do naturismo, tal como ele é praticado na Colina do Sol, portanto, é produto/produtor da realidade colineira que comporta intrinsecamente uma dimensão cognitiva.

Ignorar que a cultura colineira está vitalmente receptiva ao mundo exterior, de onde tira conhecimentos objetivos e que conhecimentos e ideias migram entre culturas, seria ignorar a aquisição de informações, de descobertas, que podem modificar a cultura, transformarem uma sociedade ou mesmo, mudar o rumo da

história. Como exemplo, tem-se o uso de internet banda larga, a fim de facilitar a comunicação dos sujeitos colineiros com as mais diversas culturas.

Dessa forma, o conhecimento está ligado à estrutura da cultura, à organização social, à práxis. É determinado, condicionado, produzido, mas também determinante, condicionante e produtor. O conhecimento transita pelos espíritos individuais, que dispõem de autonomia potencial, a qual pode tornar-se um pensamento pessoal (Ibidem: 27).

Mantendo o mesmo vocabulário, a linguagem comporta a possibilidade de exprimir os dois estados da existência humana, o prosaico e o poético (Morin, 2005f: 135).

Na linguagem poética, as palavras conotam mais do que denotam, evocam, transformam-se em metáforas, impregnam-se de uma nova natureza evocativa, inovadora, encantatória. A prosa denota, precisa, define. Está ligada à nossa atividade racional – lógica – técnica (Ibidem: 136).

A essa compreensão da diversidade de linguagens e de apropriação dessas linguagens e seu reconhecimento é desenvolvida pelo avanço do conhecimento humano, é um exercício – *poiesis* e, é possibilidade – *téchne*. É a ação do saber que dirige o fazer. Então, compreender-se as relações, definindo através da *téchne*, a concepção desses atos, dessas conexões, faz parte de empatia e identificação.

O que faz com que se compreenda alguém que sorri, não é analisar o tempo do sorriso ou a intensidade, mas saber o significado do sorriso e da emoção. Por isso faz-se necessário compreender a paixão, e é isso que permite a verdadeira comunicação humana.

A Colina do Sol possibilita uma realidade sensível aos órgãos sensoriais e ao condicionamento de significação, que é acessada e captada pelos nossos sentidos. Uma vida de prosa e poesia. Afinal, como fala o entrevistado Jô:

“Somos seres complexos, não amebas! Somos o sopro da vida, prosa e verso.”

4.2 A Colina do Sol prosaica e poética

A vivência estética é percebida como o modo de ser da existência humana, o olhar para si mesmo como parte de um habitat finito, o constituir-se em um conceito revelador. Desta forma, a experiência estética torna-se presente no interior de toda vivência, numa compreensão cotidiana demonstrada bem nessa percepção visual, no reconhecimento das diversas situações e dos objetos a nossa volta. Em certas situações sentimos a compaixão, em outras o horror e outras, ainda, temos a sublimação. Alguns objetos, por exemplo, traduzem uma infinidade de sentimentos, como é o caso dos porta-retratos, em que guardamos nossas melhores recordações.

A Colina do Sol possui uma imagem visual estética, como resultado de um fazer humano, que prima pela emergência das suas qualidades como comunidade dialógica, em que seu bem-estar depende da coragem humana, da imaginação para quebrar rotinas e tentar caminhos não experimentados. Depende, segundo Bauman (2004: 94) “da capacidade humana de viver com riscos e de aceitar a responsabilidade pelas consequências”. Cuidado e auxílio mútuos, viver para os outros, manter os vínculos inter-humanos, compartilhar com e pelo bem-estar de todos.

“O homem habita poética e prosaicamente a terra” (Morin, 2005f: 137). Portanto, coexistimos no estado prosaico e no poético. Estados complementares e antagônicos que podem conter-se um no outro. Afinal, ora domina a prosa nos instantes poéticos, por outras vezes a poética contém instantes prosaicos.

No estado prosaico podemos definir como sendo o desempenho do nosso lado racional de agir, de fazer, a técnica em si. A prosa na Colina do Sol é a ética, que permeia a conduta dos colineiros habitantes ou visitantes, uma postura guiada pelas normas que regem a vida na Colina do Sol, sem as quais, acredita-se, o espaço seria desorganizado por indivíduos guiados pela má fé.

Existe a ética em todas as comunidades, das mais primitivas às mais evoluídas, para a coexistência humana, dependendo da cultura e da educação. Lembra-nos que rir, chorar, sorrir, não são atos aprendidos ao longo da educação, são inatos, embora moldados de acordo com a educação.

Na poética temos o amor e o estado de felicidade. Na Colina do Sol, o estado dominante é o poético, é o da afetividade e do respeito mútuo, porque

“É difícil ter animosidade com alguém, sem roupas!” (Col)

Isso não significa dizer que os colineiros vivem em total e plena concordância dos atos individuais de cada sujeito somente porque estão desnudos. De forma alguma. O que se constata é um respeito entre os cidadãos, primado pela auto-aceitação.

Percebe-se que, como são poucas as famílias residentes, eles protegem-se, aproximam-se e resguardam-se. Conhecem profundamente os hábitos e maneiras de ser de cada um, identificando quando os atos individuais podem ser desaprovados em virtude do seu bem-estar sensibilizado.

A súbita abundância e a evidente disponibilidade de querer viver em bem-estar cotidianamente pode-se alimentar a convicção de que viver na Colina do Sol é uma possibilidade de dialógica da razão-paixão e que pode ser adquirida a partir do exercício dessa possibilidade aumentada com a prática do amor e da solidariedade. Essa é, contudo, uma verdade assim como uma utopia, pois a possibilidade de viver na Colina do Sol depende primeiramente do grau de aceitação do naturismo e das regras impostas; posteriormente, de estar consciente de seus atos e responsabilidades.

A síntese reveladora é o desnudar-se de si mesmo para si mesmo, pelo puro prazer de estar vivo, independente da imagem refletida no espelho e, por fim, para com os outros. Ou seja, aceitar que há seres diferentes na estrutura da composição de sua imagem perante o outro, que há pensamento diferente do outro, que há ação diferentemente do outro. Ou, como fala a entrevistada Candinat:

“Aqui, tu vai te relacionar com a pessoa a partir do que acontece no transcorrer dos diálogos. Na empatia. Se a pessoa for especial, se tem afinidade, pode iniciar um relacionamento, uma amizade, totalmente alheia ao cargo, a dinheiro, à cultura. Aos poucos as pessoas vão se descobrindo. Isso é impossível estando vestido. Quando sai daqui, criamos uma imagem artificial, às vezes não. Mas o certo é que sempre criamos uma imagem, um rótulo. Quando tu está no meio de um bando de pelados, tu não vai fazer uma avaliação antes sobre a pessoa, somente no que esta pessoa está te dizendo.”

A ideia é contextualizada, também, através da fala do entrevistado Col, na qual:

“A pessoa fica exposta do jeito que está, barrigudo ou seios caído. A roupa é uma camuflagem. Aqui, você é o que é! E não o que os outros gostariam que você fosse, ou gostariam de ver.”

Outro ponto:

“Não ligar para o que os outros dizem. É o seu veículo de estar presente. Você tem que se aceitar.”(Mar)

Assim, quando olhamos a Colina do Sol devemos pensar em sua constituição como um todo e em partes; partes com suas peculiaridades e características que pouco se mostram quando observamos o conjunto. Partes que, analisadas individualmente, transcendem ao conjunto. Pode-se identificar com parte: o meio ambiente em seus múltiplos recantos com seus variados ecossistemas, os sujeitos colineiros, a comunidade colineira, as relações sociais e culturais que se estabelecem, a ética, entre outros, que por fim constituem as partes do conjunto Colina do Sol. Há uma complexidade na teia das relações que se estabelecem entre os indivíduos naturistas, o ambiente em que estão inseridos e a comum-união pelo sonho de vida saudável e a aceitação por cada parte.

Aproxima-se da fala de Morin almejando-se um olhar menos redutor, reconhecendo a beleza desses colineiros, a caminhada pela aceitação da filosofia de vida, o cuidado com o ambiente natural, acreditando ser esta a sua principal habitação e em função dos preceitos de amor ao próximo.

O todo é muito mais do que forma global. (...) O todo retroage enquanto todo (totalidade organizadora) sobre as partes. (...) O todo sozinho não passa de um buraco. O todo só funciona enquanto todo quando as partes funcionam enquanto partes, o todo deve ser relacionado à organização. O todo, enfim e sobretudo, traz em si conflitos, sombras e cisões (Morin, 2005c: 159-160).

Aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade. Todas as outras rotinas de coabitação humana, assim como suas ordens pré-estabelecidas ou retrospectivamente descobertas, são apenas uma lista (sempre incompleta) de notas de rodapé a esse preceito. Se ele fosse ignorado ou abandonado, não haveria ninguém para fazer essa lista ou refletir sobre sua

incompletude. (...) O preceito do amor ao próximo desafia e interpela os instintos estabelecidos pela natureza, mas também o significado da sobrevivência por ela instituído, assim como o do amor-próximo que o protege (Bauman, 2004: 98 -99).

O amor-próprio e o amor ao próximo estimulam o ser humano a viver e a enfrentar as nuances que perpassam a nossa vida de modo prematuro ou abrupto, melhorando nossa aptidão afetiva, e é esse amor-próprio ou autoaceitação de si mesmo que nos leva a rejeitar uma vida que não se ajusta a nossos padrões e não vale ser vivida. Em suma: para amar ao próximo como a nós mesmos significa respeitar a singularidade e individualidade de cada um, administrando nossas diferenças, as quais enriquecem o nosso mundo, tornando-o fascinante e agradável, com significado particular para cada um, onde o amor é a vontade de cuidar e de preservar. Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que “está lá fora” (Ibidem, 2004: 24).

Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama. (...) Amar diz respeito à auto-sobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo(...) Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. Mas também pode significar expropriar e assumir a responsabilidade (Ibidem: 24).

A poética transborda nas temporadas de verão ou de calor, pelos sorrisos evidentes de todos que podem ficar nus. Há poética também no intenso frio, quando as lareiras das cabanas aquecem os ambientes e favorecem os encontros familiares e primam pelo aconchego nesta estação do ano.

A afetividade de uma comunidade minimiza as aflições individuais, porque as mesmas renascem sem parar sob múltiplas formas. É o renascer das verdades em que os colineiros creem, como sendo duradouras, das relações através do desnudar-se para o outro, como quem mostra suas armas para abdicar de uma guerra. Estabelecem compromissos de união e cumplicidade, de proteção e de amor e de superação de si mesmo, aflorando as potencialidades criadoras do *sapiens-demens*, que projeta utopias, cria mundos e culturas e que sonha acordado.

4.3 A opção pela vida na Colina do Sol

A vida pessoal, normalmente, é ocupada e permeada pela vida profissional que invade ou ocupa quase todas as horas do dia, na busca pela satisfação na aquisição de bens materiais, e na corrida profissional e no bem estar pessoal.

Na Colina do Sol, observa-se um planejamento de ações para domiciliar naquele local. Planejamento que ocorre normalmente após os anos duradouros da vida profissional, quando no ápice dessa trajetória, com a estabilidade atingida, optam, então, por cuidar, manter, o corpo e a alma em sintonia.

A Colina do Sol traduz-se em inovação, através da redução de gastos por meio de hábitos simples e corriqueiros. Com tópicos relevantes numa comunidade que usa o corpo nu como frente à negação do consumismo exacerbado, contrapondo a cultura do tudo descartável, revela-se a oportunidade do corpo nu como fonte de vida, como um veículo de passagem terrestre.

“Dizer não ao consumismo já é uma vitória!” (Candinat)

Neste ponto destaca-se também a capacidade de se adaptar às mudanças, que hoje ocorrem em velocidades cada vez mais surpreendentes, as quais trazem crescimento e aprendizado caminhando para a evolução, mas, também, como mudança da aparência física, através dos anos de vivência, trazendo as rugas, as dificuldades de locomoção, os cabelos brancos; não esquecendo da mudança pela vida saudável, em hábitos alimentares, do cuidado com o corpo para torná-lo sadio. Há a manutenção do comportamento, das atitudes consigo mesmo e com o próximo, o respeito com o habitat maior, a casa de todos, o meio ambiente, integrando-se a sabedoria na visão da arquitetura da paisagem, que nos envolve na sua ordem organizada pela desordem, tal qual em uma floresta.

4.4 Eles não usam relógio!

A vida é considerada como um romance que se apresenta como um sujeito alinhavando objetivos com os outros indivíduos, cada sujeito como protagonista que interpreta as mais diversas formas do seu viver, de maneira simples.

E, estando na Colina do Sol, a primeira observação se faz por conta do relógio. O relógio como marcador temporal, eles não o usam. O tempo na Colina do Sol tem sintonia diferente dos demais locais, procuram observar as suas necessidades do organismo para conduzirem seus dias, conforme o hábito de cada um.

“Reaprendemos a nos organizar no tempo, sem marcadores de tempo. Porque nos propusemos a não ter mais essa relação de necessidade. É uma opção de não funcionar conforme trabalha o mundo.” (Ast)

Alega-se que o tempo cronológico representa um mundo perdulário que se move, considerando uma cadeia mundial, que está arraigado ao nosso comportamento contemporâneo, no qual discorremos o tempo como escasso, exigindo cada vez uma maior dedicação para o outro e não para si, na corrida contra o relógio.

“Tem um tempo diferente na Colina do Sol. Valores exógenos, condicionados pelos outros. Na maioria, não é escolha tua, são os outros que escolhem por ti. Uma corrida contra o relógio.” (Jô)

É preciso assinalar que:

Na história da nossa espécie, a origem da ideia de tempo está ligada à percepção da mudança das estações, à alternância entre claro e escuro determinada pelo movimento da terra em torno de si e do sol, à percepção da mutação e degenerescência do ecossistema que nos abriga, à constatação do envelhecimento e da morte de indivíduos e espécies, e, enfim, à consciência da transitoriedade da vida humana (Almeida, 2003: 285).

“Tudo é tão real para nós que acreditamos que o ano, o século e o milênio começam naquele dia e naquela hora, que nem nos damos conta dos tempos

diferentemente marcados e ritualizados por grupos culturais que se reconhecem a partir de origens diversas” (Ibidem: 286).

A entrevistada Candinat lança uma abordagem interessante sobre a questão do tempo cronológico e o nosso tempo de vida, pois, segundo ela, damos maior importância a dedicar-se para o outro e para a aquisição de bens materiais, pagando com uma moeda escassa e rara, a moeda vida.

“Se eu estou consciente e ainda favorecida pela possibilidade de viver em um lugar como esse, eu tenho mais tempo e a possibilidade de ter um olhar mais próximo para a natureza e para dedicar um tempo maior para mim e para os outros. Esse dedicar um tempo para as coisas que a gente sente que acha importante é o que faz a grande diferença, pois no estilo de vida atual não dedicamos tempo a nada. O tempo já é uma moeda inexistente!”

É necessário refletir: o que é a vida? O que devemos fazer?

E uma das muitas respostas poderá ser:

“Férias o ano todo em toda minha vida.” (Tuca)

Entretanto, vale lembrar que para ter tal comportamento, faz-se necessário existir uma renda que permita a subsistência do sujeito. Assim, continua-se com a reflexão anterior.

Vê-se a vida como um tecido mesclado ou alternativo de prosa e verso. Um misto de irracionalizável e racionalidade (Morin, 2005b: 57). A atitude de racionalização consistiria em dizer que para não ser infeliz, não amaria mais ninguém e, desse modo, não passaria mais desgostos.

Contudo, a entrevistada Candinat diz que:

“Desfrutar é um verbo provocador! Pequenas tolices são fundamentais na vida. Quando dá aquele surto de amor, que delícia! Tem que expressar.”

Respalda-se esta fala através das palavras de Morin (2005b: 60) nas quais “é necessário aceitar a consumação, a poesia, o desperdício, uma parte de loucura na vida... Talvez seja isso que constitui a sabedoria”. A sabedoria encontra-se na vontade de assumir as dialógicas humanas, o que existe é a ideia de que não podemos

prescindir da dialógica sempre em movimento entre nossa polaridade de *demens* e *sapiens*, na dialógica prosa-poesia. Nas palavras novamente da entrevistada Candinat:

“Estar atento àquilo que estamos vivendo. Dar-se um tempo para estar consciente, que inclui não só o que pensamos, mas principalmente o que sentimos.”

Acredita-se que é tempo de refletir sobre os (des)caminhos do pensamento e das ações, de fazer acontecer um mundo melhor para os que se fazem presentes agora ou ao menos para as futuras gerações. É tempo de uma reforma do pensamento (Morin), pois desconsideramos nosso tempo de vida na terra, nossa transitoriedade e a continuidade de um planeta saudável, para a passagem de indivíduos que ainda se farão presentes.

4.5 O oásis

O sentimento de pertencimento à Colina do Sol descortina a experiência estética, trazendo através da expressão da fala, do olhar e da entonação da voz, o amor e o apego às ideias e ao lugar.

“Um ambiente diferente e possível, ou seja, seria possível tu desenvolver outras formas de vivenciar, entre as quais a própria nudez. O que me favoreceu muito foi essa naturalidade, até porque as cabanas são muito próximas, e os vizinhos também. É lógico que isso deu uma certa segurança para eu também ficar ‘naturalmente’ nu, pois eu só tinha um hábito que era o de dormir nu, fora disso nenhum contato me aproximava do naturismo... Brincávamos... vamos para Passárgada, um lugar possível! Percebi a possibilidade de conviver de outra forma, que era possível viver em outro tipo de sociedade com valores diferentes aos que nós tínhamos. Contato com a natureza e a ligação com os elementos básicos: ar, água, terra e fogo. Veja: a terra, estamos no Morro da Pedra – nome da localidade; o fogo – pode ser representado pelo sol; o ar temos em abundância e sem poluição e; a água – nosso lago, piscina, a água que bebemos que não pagamos, pois vem de poço artesiano. Aqui é Passárgada!” (Jô)

É importante destacar que o oásis mencionado, Colina do Sol, é como ter uma visão romântica do lugar. Verdade, contudo, é preciso lembrar que só desfrutam desse oásis aqueles que possuem estabilidade econômica, no caso de aposentados, ou quem têm uma renda fixa ou, ainda, no caso daqueles sujeitos que têm a concessão para executar determinadas atividades profissionais nos limites geográficos da Colina do Sol. Pode-se citar: os proprietários do mercado, os da loja de souvenir, os construtores, os do restaurante.

Desfrutam desse oásis, também, aqueles que visitam a Colina do Sol, que alugam ou que possuem cabanas ou mesmo barracas no camping, que colaboram, de certa forma, para uma maior vivência social, mesmo que na sazonalidade anual, circulando a renda dos moradores colineiros.

É imprescindível dizer que o abastecimento alimentar das famílias moradoras provém das compras do mercado ou necessariamente precisam deslocar-se até a zona urbana do município de Taquara, pois a Colina do Sol é como uma pequenina vila, em grandes períodos do ano, outono e inverno, permanecem somente os que lá residem.

O CNCS não possui posto médico para atender a casos de emergência e urgência, entretanto, mesmo estando isolados e em meio a uma quase mata fechada, não se recordam de acidentes com animais silvestres. Como num ecossistema equilibrado, há predadores das cobras, como os lagartos, por isso que um grupo defende a ideia em favor da zona restrita a animais domésticos, pois, segundo estes, os animais domésticos afugentam os lagartos que por consequência permitiriam que cobras aparecessem no local. Contudo, no caso de acidente por picada de cobra o único lugar habilitado para aplicar o soro é um posto de saúde na cidade de Taquara, isto é, a 12 km. Segundo o entrevistado Col, ele “prefere andar pelas trilhas e ruas e não entre as cabanas, pois as folhas se acumulam e escondem o perigo...”

Percebe-se como um lugar possível de se viver em consonância com o ambiente natural, nesse aspecto é um oásis. Um oásis que os colineiros vislumbram manter, sem a transformação rápida do lugar, com consciência dos atos, sem asfalto, com poucas cabanas, com a preservação da flora e fauna, pois:

“A visão arquitetônica da paisagem da Colina do Sol através de um processo natural cria uma biodiversidade tão grande que forma

um ecossistema. A simetria é uma invenção do processo matemático de redução. Fortalecemos a intocabilidade, a beleza do descobrimento da assimetria.” (Jô)

Um oásis em que se pode privilegiar um banheiro térreo no qual o espaço destinado ao box do chuveiro tem um grande painel de vidro fixo, visualizando a paisagem que se configura pelo mato, integrando com o meio ambiente, e Candinat ressalta:

“Isso só pode ter no box de um banheiro de uma naturista!”



Imagem 9 - PAINEL DE VIDRO FIXO INSTALADO NO BOX DO BANHEIRO
Fonte: acervo do entrevistado Col

Faz-se necessário indicar uma relação instaurada entre esse “santuário” colineiro com o meio ambiente, pois parece que esses sujeitos preocupam-se individualmente com sua alimentação natural. Não se quer dizer com isso que a Colina do Sol deve adotar princípios ecomunitaristas⁸ se esses não fazem parte do contingente proposto pelos moradores. Entretanto, reforço a ideia de oásis como meio ambiente possível de ser construído, tirando da própria terra grande parte dos alimentos. Espaço para tais atividades, a Colina do Sol tem e muito.

Percebe-se isso através do abandono do pomar ou o pouco cuidado com o mesmo e de uma horta em que, em minha primeira experiência, pude adquirir

⁸ Vide capítulo 2, p. 54.

verduras, mas que até o momento das entrevistas, haviam desaparecido. Vejo que nesse ponto os colineiros deverão reaprender a cuidar para, então, poder privilegiar o que nas cidades não se tem devido ao escasso espaço ou tempo para a total dedicação, retirando da própria terra, alimentos saudáveis.

4.6 Das áreas de nu total

As áreas onde a nudez total é uma exigência do código ético são estas, como citadas no terceiro capítulo, as áreas de confraternização como: o lago, a praia, a piscina de pedras, o restaurante, as quadras de vôlei e futebol, o centro de *relax*, a sauna e a piscina térmica. Espaços onde os habitantes e/ou frequentadores utilizam como função de integração, reflexão, meditação, lazer.

Nesse sentido, as festas, os almoços e os jantares, que ocorrem normalmente no restaurante, reúnem os adeptos dessa filosofia, enraizando as relações sociais. Quando dançam juntos, os naturistas o fazem protegidos por uma canga. Isso para alguns é paradoxal ao comportamento naturista, que enfatiza o estar nu sempre; contudo, outros advertem que as relações de proximidade podem constranger algumas pessoas. Dessa forma, a canga protegeria certos dissabores ou constrangimentos.

Ao primeiro olhar, esses espaços, circundados por verde, impressionam os visitantes, imaginando que os moradores estejam sempre por lá. Nas entrevistas ou mesmo nos diálogos com os colineiros, fica evidente que os espaços são tão simples e corriqueiros, que se torna comum a abundância contagiante do meio ambiente natural. Aqui, quando retrato meio ambiente natural, dá-se significação para as árvores, os bichos, a terra, a água e o ar, enfim, o ecossistema que gerou aqueles recantos. Reconhece-se que alguns desses ambientes foram concebidos pelo homem, pois, anteriormente, era uma fazenda, deixando-se tufos de preservação, que aos poucos estão se regenerando no ambiente. Esses mesmos tufos, que a nova administração, diz ser contra, conforme o entrevistado Jô:

“Não adiantaria deixar tufos de preservação permanente, temos que ter fluidez continuada, analisar as áreas de preservação de tal forma que dê fluidez para a cadeia que, inclusive, extrapola as áreas da Colina. Não estamos isolados nessa configuração.”

É dessa fluidez continuada do meio ambiente, que a natureza inspira, sendo um potente meio para desenvolver o sentimento de amor, exaltando a beleza nas pequenas e mais discretas formas de arbustos, árvores, pássaros ou flores, entre outros. Nessa fluidez da natureza, principalmente as crianças devem acostumar-se a sentir o belo, deslumbrando-se com os elementos da natureza que levaram anos para atingir essa forma e que eles devem ajudar a conservá-la para si e para as próximas gerações.

Sendo o ser humano um ser social, o verdadeiro sentido existencial revela-se, unicamente, quando os interesses e ideais coincidem com a comunidade ou sociedade onde estão inseridos. A formação dessa unidade permite ao ser humano entender e sentir o meio ambiente como condição para sua própria existência e das futuras gerações.

Para tanto, a interpretação ambiental dos colineiros se faz presente através da Agenda 21, lançada por meio da nova administração. O entrevistado Jô diz que o guarda-chuva da Colina do Sol “é” a Agenda 21. A partir desta, temos quatro sub-programas. Um deles é a compostagem, naturalmente incentivada, pode ser individual, pode ser por zonas ou pode ser pela Colina do Sol como conjunto. Esta iniciativa faz-se de modo muito lento, pois nas três visitas à Colina do Sol, duas para o reconhecimento e a terceira para as entrevistas, observou-se apenas atos isolados por parte de alguns moradores.

Outro item é a coleta seletiva de resíduos sólidos, que é um estágio conscientizador para a nossa característica perdulária. Da redução de resíduos sólidos, parte-se, então, para a não geração desses resíduos. Por fim, a preservação dos recursos hídricos, vitais para o desenvolvimento humano.

É como imaginar com as ações descritas, um guarda-chuva virado, onde ao invés de repelir a água, acolhe-se esta, gerando um processo de autoconhecimento, de saber, um processo contínuo de aprendizagem de conscientização de nossas ações cotidianas. Afinal, os seres humanos precisam se conscientizar, sendo algo que toque os seus corações.

“Os agentes de mudança estão no mesmo nível dos poetas, dos educadores, dos revolucionários. Essas pessoas são fundadores de mundo. Para nós seria mais fácil implantar diretamente o programa da Agenda 21 e os subprogramas, mas de nada adiantaria. Precisamos e necessitamos de conscientização. A nossa grande maioria tem formação universitária, mas temos que agir conjuntamente, nada imposto de cima para baixo pelo conselho.”
(Jô)

4.7 O caso do acaso

Casos isolados de “perturbação do naturismo”, obviamente ocorreram e tentaram destoar a realidade que lá está instaurada, mais precisamente em 2007, com o fato de um casal norte-americano que se aproveitou da posição geográfica da Colina do Sol e de se tratar de um local extremamente reservado para obter vantagens através de condutas imorais, condenáveis e inaceitáveis perante qualquer sociedade que preserve o bem-estar das crianças. Entretanto, a própria comunidade suspeitou de situações erradas e denunciou os falsos naturistas para a polícia.

O que se evidencia é que o caso isolado e noticiado pela imprensa trouxe um fortalecimento das relações de amizade, pertencimento e comunhão aos colineiros. Reataram-se os nós da rede eventualmente frouxos. Estabelece-se uma aliança com as potências geradoras e regeneradoras da vida com o corte de alguma seiva. E mais: ressaltaram-se aos colineiros que a vida pode ser cruel inclusive em suas próprias fronteiras geográficas e barreiras físicas. Que seres humanos podem ser sucumbidos pelo valor do dinheiro. Contudo, os naturistas residentes devem estar sempre atentos e conscientes aos comportamentos anti-sociais. Afinal, a Colina do Sol é um ambiente incluyente e participativo de relações com a natureza.

O pacto de amor entre eles vem de uma inacreditável força da vida que transcende a própria vida. Com este pensamento, no caso citado, a comunidade colineira conseguiu agir em consonância com os princípios básicos da justiça e pela preservação de seu código de ética.

É fundamental manter a condição de indignar-se diante de qualquer forma de crueldade perante a vida. A indignação, enquanto estética, constitui-se em força civilizatória que nutre a solidariedade, o diálogo, a compaixão, o amor.

4.8 O belo da vivência naturista

“Desnudar-se da aparência do ter, que você também tem defeitos, mas nem por isso você deixa de ser humano, com sentimentos, emoções, alegrias.” (Ast)

O belo do naturismo é a consciência dos atos que esses naturistas possuem para com o habitat como um todo, e as implicações que as inter-relações humanas delineiam. A entrevistada Ast é enfática ao dizer:

“Aqui o espaço agrega as mais diferentes manifestações, concepções da vida. Abriga pessoas diferentes, devido a coesão do grupo. Na verdade temos dificuldades, aqui, de aceitar pessoas que queiram transformar nosso santuário em concreto. Concreto no sentido de pesado, tijolos, construção mesmo. Ou no sentido de não aceitarem a diversidade e queiram o enquadramento de todos. Não estamos olhando o credo de cada um ou a opção sexual dela. O que não aceitamos é que as pessoas não aceitem a diversidade de ideais, pensamentos, da nossa relação com o ambiente.”

Vale lembrar, também, o discurso da entrevistada Candinat, que fala sobre a consciência, o tempo do ser humano na terra, a moeda vida, o dedicar-se e o indivíduo como o outro. Mas, como viver a vida? O que faz a diferença?

“Não importa onde estejamos e nem como nós estejamos. O que faz a diferença é estarmos ou não conscientes, atentos à vida, a tudo o que estamos vivendo.

Dedicar-se um tempo!

Quem é esse outro para quem eu atribuo tanto valor? Alguém com tanta influência sobre minha vida? Deixamos de viver quando pagamos tributos aos outros, a **moeda é a vida**⁹.

Quanto mais pudermos olhar o mundo através de esse dar-se um tempo para olhar a si mesmo, ao outro e ao mundo é que a gente percebe que há maneiras de viver de outra forma, mesmo estando na cidade.

Então, devemos repensar a questão tempo. Nos deixamos levar por um monte de coisas que não são importantes e damos a elas o tempo que elas não merecem e deixamos de dar a outras pessoas e a outras coisas o tempo que deveríamos dar.

Ele está feliz? Está saudável? Dorme bem? Essa pessoa está bem? Agora o outro tem que tomar remédio para dormir, ele tem insônia, depressão e a gente olha e... é uma pessoa de sucesso.

Então, estar consciente dar-se um tempo para analisar. Quando isso ocorre, você começa a repensar valores.

⁹ Grifos da pesquisadora.

Será que realmente é tão importante ter? Consigo isso ou aquilo através de qual moeda? Conquistar? Ser reconhecido por alguém ou pelos outros? Importantes para quem?

De repente percebe que gastou metade de sua vida ou mais, alimentando a imagem para os outros.” (Candinat)

Conforme Morin (2005g: 137) “a dialógica da arte da vida deve ser para vigiar a razão para impedir que mergulhe na cegueira e na fúria das paixões ou se perca em jogos e no irrisório”.

“De repente tu comesças a ter um alívio, a perceber que tu está ótimo, então, porque eu preciso de tudo aquilo que eu tenho lá na minha outra vida.

A metade ou mais das coisas que temos, nós precisamos para os outros. O que os outros vão dizer ou pensar de mim? Mas quem é esse outro que é tão importante a quem eu atribuo um valor tão grande. Não é nada! Nada! Nada!

Quem é esse outro que me olha tanto?

Quando a gente corta esse outro da vida, o outro como alguém de influência, de julgamento sobre a minha vida! Esse outro a quem eu devo apresentar uma imagem idealizada. Às vezes é pior: o outro é a nossa imagem refletida no espelho, mas em algum momento percebemos isso.” (Candinat)

Finalmente, é preciso refletir o papel do naturista colineiro para a consolidação da vida naturista fora daquele âmbito, que está além das normas vigentes ou da estética do olhar, que muda de pessoa para pessoa conforme a sua integração, que atue na conscientização de homens e mulheres de forma prática e concreta, aliando a ação e a reflexão. Não obstante, reconhecendo os limites e as potencialidades dessa filosofia de vida, tendo a consciência de que, conforme Candinat, o naturismo é para poucas pessoas, pois é imprescindível redobrar a atenção quanto aos nossos sentidos, à nossa consciência, mas principalmente aos nossos sentimentos.

Nessa medida, a educação ambiental, enquanto ato político, voltado à transformação social, como processo permanente de aprendizagem, de construção de cidadania e conscientização, tem que envolver todas as pessoas. E, nesse envolvimento, a educação ambiental, ao realizar o seu objetivo, também é realizada enquanto projetos pessoais e coletivos na mira de uma melhor qualidade de vida.

Nesse cotidiano requer-se assumir com consciência, ousadia, prudência e desprendimento, o diálogo entre o lado *sapiens* e o lado *demens* almejando a solidariedade como decisão racional guiada pela magia da emoção. Esta é a magia

que faz os colineiros pertencerem a uma comunidade e que modifica as atitudes transformadoras pelo e para o meio que os cerca.

Assim, no próximo capítulo aborda-se os aspectos do bem e do belo a partir da libertação do corpo pela liberdade da mente, através de incursões na instauração da estética no pensamento filosófico ocidental, das reflexões sobre o saber estético e incorporando uma comunidade de tipos de sujeitos.

5

NOÇÕES SOBRE O BEM E O BELO A PARTIR DA LIBERTAÇÃO DO CORPO PELA LIBERDADE DA MENTE

MAPA DE ANATOMIA: O OLHO

O Olho é uma espécie de globo,
é um pequeno planeta
com pinturas do lado de fora.

Muitas pinturas:
azuis, verdes, amarelas.

É um globobrilhante:
parece cristal,

é como um aquário com plantas
finamente desenhadas: algas, sargaços,
miniaturas marinhas, areias, rochas, naufrágios e peixes de ouro.

Mas por dentro há outras pinturas,
que não se veem:
umas são imagens do mundo,
outras são inventadas.

O Olho é um teatro por dentro.
E às vezes, sejam atores, sejam cenas,
e às vezes, sejam imagens, sejam ausências,
formam, no Olho, lágrimas.

Cecília Meireles



5. NOÇÕES SOBRE O BEM E O BELO A PARTIR DA LIBERTAÇÃO DO CORPO PELA LIBERDADE DA MENTE

*“Que é bom é ser
qualquer coisa, assim, ao léu,
uma pluma de vender,
um pensamento, um chapéu,
enfim ser, tão-somente isto,
ser apenas pelo meio,
sem um nome, sem um misto,
de ancoragem ou de enleio,
ser nada (não é possível)
ser tudo (mas é demais)
ser então o indefinível
nem tão pouco, nem demais.”
Armindo Trevisan*

5.1 A estética como sentimento

A estética constitui-se em um tema que produz grandes reflexões, apontando para amplas tendências conceituais, que serão focadas a seguir, através do pensamento dos principais filósofos como: Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant e Hegel, dentre outros. Não se pretende esgotar o assunto, pois muitos já se dedicaram ao tema, mas sim, reconhecer as nuances que o permeiam. Afinal, para Morin (2005b: 64) “refletir é ensaiar, e uma vez que foi possível, contextualizar, compreender, ver qual pode ser o sentido, quais podem ser as perspectivas”.

Estuda-se estética relacionada com o corpo, pois possibilita a produção de outros sentidos, maneiras de olhar, ouvir, sentir a realidade com os outros e consigo mesmo, resultando na pluralidade e imprevisibilidade dos elementos que constituem o amplo espectro de sensibilidade e significados da existência humana, os quais

entende-se como inseparáveis das questões que permeiam esta pesquisa. Ressalta-se o debate em torno da produção de significados do meio ambiente, com a particular constituição da educação ambiental e da educação ética/estética como partes integrantes.

A perspectiva estética é eminentemente filosófica, pois objetiva-se na elaboração de um discurso racionalmente articulado acerca da sensibilidade humana e na construção de um discurso reflexivo sobre o fazer artístico e o processo criativo humano.

Assim, tudo o que é estético ou estetizado nos dá prazer, satisfação, felicidade, ao mesmo tempo que tristeza, lágrimas e sofrimentos. A estética desperta a nossa consciência. Estimulando as potências inconscientes de empatia que existem em nós, tornamos, de modo provisório, melhores, compreensivos, em sintonia com aqueles que nossa desumanidade ignora ou despreza. Daí a sua virtude capital em nossa civilização, em que doravante, está separada da religião e da magia; não deixa apenas ver as belezas da existência, não somente cria belezas, ou seja, alegria, mas ajuda a suportar a carga insuportável da realidade e a enfrentar a crueldade do mundo (Morin, 2005b: 148).

Considera-se, nesta pesquisa, além do sentido etimológico da palavra “estética”¹⁰, que entende o complexo das sensações e dos sentimentos, com o fim de determinar suas relações com o conhecimento, também a razão e a ética, pois, como relata Morin, é um estado de felicidade, emoção, confraternização, êxtase, admiração, verdade sublime, encontrando-se no espetáculo da natureza.

A estética é aqui concebida não somente como um caráter próprio das obras de arte, mas como emoção, um sentimento de beleza, de admiração e verdade, que nasce não somente nos espetáculos de arte, do canto, da música, da dança, mas também, dos perfumes, dos gostos, dos alimentos, do encantamento diante de uma paisagem, do nascente do sol, da lua. A estética pode também nascer do olhar para um amigo, um objeto, uma árvore ou um animal exótico carregado de estética.

A estética contemporânea cobre uma vasta gama, que permeia o mundo imaginário dos romances, dos filmes, dos espetáculos, das festas, das paisagens, que comportam os prazeres da vida, da gastronomia, do divertimento do dia-a-dia. A estética nos coloca em ressonância com a exaltação, a harmonia, a empatia, a

¹⁰ Segundo Rosenfield (2006: 7), o termo estética vem do grego *aisthesis*, que significa sensação, sentimento, que pesquisa a sua conexão nas atividades físicas e mentais do homem, debruçando-se sobre as produções da sensibilidade.

comunicação, nas quais nosso ser e o mundo são mutuamente transfigurados em um estado poético (Morin, 2005f: 135).

Refletir com a educação ambiental relacionada à estética possibilita a produção e a emergência de novos sentidos, e diferentes possibilidades de olhar, ouvir e sentir a realidade com os outros e consigo mesmo, configurando-se ao mesmo tempo como cognição, corpo, sensibilidade, emoção e história.

5.2 A instauração da estética na história do pensamento filosófico ocidental

A história nos mostra as reflexões estéticas como inquietações humanas. O filósofo Sócrates (470 - 399 a.C.) pensa sobre a tradição que associa espontaneamente o belo e o bem, e reformula essa proposição como um vínculo natural entre a beleza e a bondade; o indivíduo que tem valor moral é suscetível de agir belamente e, vice-versa, o indivíduo belo tem a possibilidade de atos morais bons. Os cidadãos gregos tiveram apego à beleza concreta, às diferentes coisas belas, em todos os sentidos: agradáveis, úteis e proveitosas, moralmente boas ou não.

Platão (428/27 - 347 a.C.), discípulo de Sócrates, parte desses costumes e sintetiza as diversas facetas do termo “belo”. Para Platão, o belo é o bem, a verdade, a perfeição; existe em si mesmo apartado do mundo sensível, residindo, portanto, no mundo das Ideias. Em Platão, a concepção de belo se afasta da interferência e da *participação* do juízo humano, ou seja, o homem tem uma atuação passiva no que concerne ao conceito de belo: não está sob sua responsabilidade o julgamento do que é ou não é belo, tarefa, aliás, que somente aos deuses compete.

Já Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), diferentemente de Platão e Sócrates, acredita que o belo seja inerente ao homem. Afinal, a arte é uma criação particularmente humana e, como tal, não pode estar num mundo apartado daquilo que é sensível ao homem. Aristóteles distingue o bem cósmico do bem prático e a coisa útil. O bem cósmico é a causa pela qual todos os movimentos ocorrem e tomam o seu sentido. O bem prático é o princípio das ações e atividades, cuja finalidade não é a realização de virtudes e sim o bem-viver. A coisa útil é um meio para a obtenção

do bem. Sobretudo uma aliança de um aspecto estético com um ético: é na fusão do belo e do bem que se realiza o bem-viver.

Posteriormente, a autoridade eclesiástica da Idade Média (século V d. C. – século XV d.C.) introduz na concepção do belo a identificação direta com Deus, como um ser único e supremo a serviço do Bem e da Verdade. Tanto Santo Agostinho quanto São Tomás de Aquino identificam a beleza com o Bem, ademais da igualdade, do número, da proporção e da ordem: estes atributos nada mais são do que reflexos da própria beleza de Deus. Surge um ideal estético em que a perfeição do homem constituía a síntese da beleza estética, ética e física. Ao final da era medieval, a autoridade eclesiástica rejeita a autoridade científica que se faz presente e notória, exatamente por esta se distanciar da associação dos fenômenos às vontades divinas. Aqui, Aristóteles é interpretado de maneira normativa. Seu conceito de arte enquanto *mimesis*¹¹ e a classificação dos três gêneros literários – épico, lírico e dramático¹², gêneros estes imiscíveis e imutáveis – passam a ser normas de conduta criativa dos artistas de transição. Assim sendo, regras e padrões fixos são estabelecidos para nortear a produção da obra de arte, bem como sua apreciação, mesmo estando a arte a serviço da Igreja. Ao final da Idade Média, reafirmam-se os valores da Antiguidade, que consideravam a dignidade do homem e suas possibilidades criadoras. Há um florescimento da cultura e da arte, revelando a relação estética do homem com a natureza.

Segundo Smolianinov *apud* Gastal (2002:66), a estética do Renascimento reafirmou a tese materialista antiga, acerca do caráter primário e objetivo da natureza bela como objetivo estético para os olhos, os ouvidos e o tato.

¹¹ Tanto Platão quanto Aristóteles viam, na *mimesis*, a representação da natureza. Contudo, para Platão toda a criação era uma imitação, até mesmo a criação divina era uma imitação da natureza verdadeira (o mundo das ideias). Sendo assim, a representação artística do mundo criado por Deus (o mundo físico) seria uma imitação de segunda mão. Ou seja, para Platão *mimesis* é imitação. Já Aristóteles via o drama como sendo a “imitação de uma ação”. Como rejeita o mundo das ideias, ele valoriza a arte como representação do mundo, ou seja, para Aristóteles *mimesis* é representação. (N.A.)

¹² No gênero lírico há a manifestação de emoções, de ideias, da subjetividade, normalmente os pronomes e verbos estão na primeira pessoa. No gênero épico, há a presença de um narrador que conta uma história. No dramático, expõe o conflito dos homens e seu mundo, as manifestações da miséria humana. (N.A.)

A difusão das academias ao longo do século XVII prima pela preservação dessas releituras renascentistas dos preceitos aristotélicos, num objetivo da conceituação do belo, em busca de um juízo universal, de uma verdade absoluta e inexorável.

No século XVIII, em virtude da enorme ebulição em que se encontram as sociedades europeias – Revolução Industrial, Revolução Francesa, os reflexos da independência americana – fervem as novas ideias (nem tão inovadoras assim) que fazem emergir a necessidade de uma estética posta em prática para atender aos anseios e às necessidades ideológicas da burguesia ascendente bem como ao império napoleônico. Moses Mendelssohn (1729 - 1786) e Alexander Baumgarten (1714 - 1762) compartilham uma concepção racionalista da estética, na qual a beleza é definida como um estágio anterior e incompleto que prepara a ordem racional do conhecimento discursivo. Enraizado na sensibilidade, o belo surge como consequência da emoção, e esta, inferior à clareza racional.

A estética de Immanuel Kant (1724 - 1804) rompe com os hábitos intelectuais dos seus predecessores, desaparecem as hierarquias racionalistas da estética alemã, assim como os pressupostos morais ingleses. Onde David Hume (1711 - 1776), insistia sobre a simpatia e a imaginação que articulam valores morais e sentimentos subjetivos, fortalecendo o amor e a solidariedade das associações humanas, Kant coloca a imaginação numa perspectiva que ressalta a importância para a cognição. E não se trata de um subjetivismo desmedido, visto que há de se considerar critérios adotados pelo bom senso, obtidos pela prática do discernimento da beleza: “Só através da comparação podemos determinar os epítetos da aprovação ou da censura, aprendendo a distinguir sobre o devido grau de cada um” (Hume, 1989: 266).

Kant chega a um conceito mínimo da percepção estética, pois, para todos os objetos, independentemente de serem eles obras de arte ou objetos oriundos da natureza, ou, ainda, objetos da vida cotidiana pública ou privada, estes possuem, minimamente, algum aspecto que se manifesta a partir da atenção que se dá a tal manifestação. Para Kant o belo é criado pelo sujeito que o contempla, tendo esse sujeito um papel ativo na relação abstrata entre o sujeito e o objeto. Conceitos tais como objeto estético e percepção estética são, nesse sentido, indissociáveis.

É conveniente lembrar que os estudos da estética estão além do universo das artes acadêmicas ou dos interesses especializados dos críticos, mas à percepção do

belo na prática da vida cotidiana. Esse pensamento deu-se graças aos estudos críticos de Immanuel Kant, na sua *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790). Para Kant *apud* Rosenfield (2006: 29), “a estética é um estado de vida de direito próprio, uma capacidade de fruição intimamente relacionada a outras capacidades cognitivas de ser humano, sem depender, necessariamente, da aquisição de conhecimento”. Ou seja, para contemplar o belo, o sujeito não se vale das determinações das capacidades cognitivas das faculdades do conhecimento. Na percepção do objeto, o sujeito abarca a plenitude de suas características e não as características isoladas. Kant esclarece que o juízo do gosto puro é desinteressado, mas não significa indiferença ou neutralidade, e sim um estado que suspende os interesses do corpo, do entendimento e da razão. Kant vê na experiência do belo (e mais ainda do sublime) a realização das capacidades mais elevadas do ser humano. No juízo estético, verifica-se o acordo, a harmonia ou a síntese entre a sensibilidade e a inteligência, o particular e o geral.

Para Hegel (1770 – 1831) a percepção da beleza é uma construção social que depende da capacidade de percepção do indivíduo de ver, de ouvir, de sentir. Em outras palavras, a capacidade estética, que é subjetiva, é formada a partir das relações objetivas da vivência social de cada um.

Na argumentação de Hegel (1988: 4) a dificuldade de se estudar a Estética é o fato de seu objeto – o belo – ser de *ordem espiritual*, pois o belo não é um objeto de existência material, mas de existência subjetiva, inerente à atividade espiritual de cada indivíduo, quer dizer, o "verdadeiro conteúdo do belo não é senão o espírito" (Ibidem: 73). Para Hegel a natureza era somente um caminho transitório para o espírito absoluto.

No século XX evidenciava-se a necessidade de alcançar um homem harmonicamente desenvolvido, incluindo o aspecto estético.

5.3 Reflexões sobre o saber estético

A busca incessante pela compreensão do conceito de beleza move a “Estética”

ou “reflexão estética” no transcorrer da vida humana e, com Kant, como disciplina filosófica, como um discurso racionalmente articulado acerca da sensibilidade humana; ou, em última instância, a construção de um discurso reflexivo e autônomo – sem reduzir-se à crítica, ou à poética, ou à técnica.

Embora se possam instituir atributos gerais à reflexão estética, dever-se-á levar em consideração que a estética é compreendida e definida de forma diferenciada ao longo da história da humanidade como, aliás, pudemos ver anteriormente. Portanto, é oportuno que o discurso ou reflexão estética não descarte as contribuições oriundas de outros ramos do conhecimento humano, tais como os da Sociologia, Psicologia, História, Antropologia, entre outros, mas há que se enfatizar a autonomia da Estética e de seu discurso em relação a esses outros ramos do conhecimento humano. A arte, a beleza, a estética somente significam quando respondem a uma necessidade humana, no desenvolvimento do homem dentro de uma sociedade.

A Estética tem a incumbência de dar conta do significado, da estrutura, da possibilidade e do alcance transcendental dos fenômenos que se apresentam na experiência estética e como esta experiência influi no comportamento humano.

Conforme Sawaia (2006: 91):

Ao se inserir, na reflexão sobre a constituição do sujeito, a estética, a imaginação e os afetos, estamos reconhecendo aos homens o seu direito de ter necessidades elevadas – a necessidade do belo, de dignidade – que são essenciais, apesar das exigências da luta pela sobrevivência, à cidadania e aos direitos humanos.

A Estética é filosofia justamente porque é reflexão especulativa sobre a experiência estética, tanto na interpretação da arte como na teorização das relações sociais. A experiência estética é um exercício da própria reflexão que, tendo como ponto de partida a mediação, transforma o pensamento e a sensibilidade.

A estética está no lúdico, na poesia, no imaginário, na beleza das formas e cores do mundo vivo.

... a estética, como o lúdico, retira-nos do estado prosaico, racional – utilitário, para nos colocar em transe, tanto em ressonância, empatia, harmonia, tanto em fervor, comunhão, exaltação. Coloca-nos em estado de graça, em que nosso ser e o mundo são mutuamente transfigurados, que podemos chamar de estado poético (Morin, 2005f: 135).

Trata-se, pois, de perceber a vida como matéria-prima na qual imprimimos formas, contornos, esculpindo valores, esculpindo a vida através da estética que nos compete como seres humanos, exercendo nossa condição de liberdade.

A Estética, assim como a Filosofia, objetiva a reflexão, sendo que a estética, empenhando-se na sensibilização da razão, propõe-se também à otimização dos sentimentos múltiplos da realidade humana. Filosofia e experiência estão indissolavelmente unidas. Portanto, nem o apelo a uma tarefa especulativa veda à estética o seu contato com a experiência, nem o seu dever de concreção a desvia do campo da filosofia. Precisamente porque a estética é, ao mesmo tempo, reflexão sobre a experiência, isto é, tem um caráter especulativo e concreto a um só tempo. A estética é constituída desse intercâmbio dialético ao caráter especulativo da reflexão filosófica e ao seu vital contato com a experiência.

5.3.1 Breve incursão sobre a noção de experiência estética

A experiência estética traz à tona a discussão relativa ao juízo estético e das possibilidades de objetivação do gosto. Ao se considerar o objeto de arte como uma instância que estabelece a criação de um espaço de significados e de sentidos não quantificáveis que integra o objeto estético propriamente dito e as disposições do observador, a estética deverá ter uma metodologia que consista na adequação às imprevisibilidades próprias do fenômeno analisado.

A estética não é uma ciência exata e deve, portanto, criar as condições necessárias para trabalhar no inexato, na incerteza e na dúvida, na ordem e desordem, na improbabilidade, numa experiência em que participam fatores físicos verificáveis, como os materiais artísticos e os processos construtivos, e fatores subjetivos variáveis por definição, como as reações psicológicas e os contextos históricos do gosto, de acordo com a organização dos fatores físicos verificáveis e a interpretação individual e única.

Mesmo que se coloque o gosto como parâmetro de apreciação, é possível que se formulem juízos estéticos objetivos, considerando-se que em cada experiência pessoal existem elementos cognoscentes que podem servir como pontos de

referência, já que cada pessoa reconhece alguns juízos formulados por outros indivíduos.

Portanto, perante o objeto analisado, o que é relevante é o processo de interpretação; uma experiência de compreensão crítica, não um juízo de valor expresso em termos dogmáticos. O relevante é fazer emergir a realidade do objeto de reflexão na sua complexidade face ao espectador, composto através de interrogações e confrontos mediados por elementos objetivos.

A estética define as condições formais de um juízo (estético) através de experiências pessoais¹³, cada uma delas assinalada por uma marca de originalidade.

Criar é um modo eminente de realizar a subjetividade: ser necessário ao mundo sendo necessitado por ele.

A experiência estética transforma o pensamento e a sensibilidade, potencializando a capacidade de superar as condições da servidão, nas diferentes nuances. Assim, a sensibilidade estética tem, enquanto “potência de vida”, a possibilidade transformadora do real.

Nessa perspectiva, a compreensão das experiências estéticas atenta a multiplicidade de sentidos que conotam a realidade como uma complexidade de interações, através das relações sensíveis e dos estranhamentos entre os diferentes olhares estéticos, concebidos por indivíduos que se reconhecem em sua historicidade.

5.3.2 A percepção estética: o signo e o significado

O espectador entrega-se sem reservas à observação do objeto e a intenção perceptiva culmina numa espécie de alienação no mundo do objeto estético imanente à aparência enquanto ela é expressiva, na qual a forma ordena a plenitude e a necessidade.

¹³ O ser humano constitui-se a partir das relações sociais, em Molon (2003: 48). Vygotsky (1896 – 1934), psicólogo russo, não percebia o homem como ser passivo. Entendia o homem como ser ativo, que age sobre o mundo, sempre em relações sociais, e transforma essas ações para que constituam o funcionamento de um plano interno.

O processo de conhecimento do objeto é percebido pela afirmação de Molon (2003: 42), a qual relata que:

No processo de conhecimento, o objeto a ser conhecido nunca pode ser o objeto em si e nem a materialidade em si. Só é possível conhecer alguns signos do objeto. Teoricamente o conhecimento é infinito, pois passa pela produção de objetos significantes e de significados. O saber não está no objeto mas na relação do signo com o objeto. Para Vygotsky, a palavra é o signo por excelência.

O objeto estético só se realiza na percepção e tem necessidade do espectador para aparecer. A percepção indaga a aparência como um signo¹⁴ que procura a verdade distinguindo um ser-real do ser-percebido; é o objeto mesmo, e não o seu simulacro que aparece, mas é preciso transpassar a aparência para pensar o objeto conforme a ideia e apreendê-lo na relação ao mundo exterior que o constitui como objeto. Enquanto elemento mediador e constituidor do pensamento, o signo produz alterações radicais nas funções psicológicas. Altera também as próprias emoções.

O objeto estético está ligado à subjetividade do espectador¹⁵, da qual solicita a percepção, na qual há uma afinidade complementar do sujeito com o objeto, em que os sentidos são meios para o sujeito ser sensível ao objeto harmonizando-se com ele, tal como a letra e a música, que o corpo compreende e experimenta. O sujeito como corpo conduz o mundo em si como o mundo o conduz, ele conhece o mundo no ato pelo qual ele é o corpo e o mundo se conhece nele. Para Vygotsky *apud* (Molon 2003: 45) faz-se necessário “distinguir sujeito e objeto, realidade e pensamento, sensação e conhecimento”.

A verdade do objeto nos aparece como uma existência, e nos é necessário aprender a perceber corretamente para lhe fazer justiça. Conforme Molon (2003: 91):

O sentimento, o pensamento e a vontade estão relacionados, assim como todas as funções psicológicas, ou seja, não existe uma função isolada, nem um pensamento puro e nem um afeto sem alteração, mas sim interconexões funcionais permanentes na

¹⁴ Molon (2003: 95) define signos como os estímulos-instrumentos convencionais, introduzidos pelo homem, que cumprem a função de autoestimulação, que na convivência social são introduzidos no psicológico pelo homem. Exemplificam-se signos como as formas numéricas, arte, técnicas de memorização, gráficos, escrita, mapas, desenhos, entre outros.

¹⁵ Molon (2003: 46) diz que a grande reflexão de Vygotsky, consiste na ideia de que o sujeito e a subjetividade não são conceitos materialistas; com isso, não estão no subjetivo abstrato e nem no objetivo mecanicista, mas são constituídos e constituintes na e pela relação social que acontece na e pela linguagem.

consciência, nas quais os sentimentos quando conscientes são atravessados pelos pensamentos, e os pensamentos são permeados pelos sentimentos, sendo que esses acontecem a partir dos e nos processos volitivos.

Há, *a priori*, uma base afetivo-volitiva¹⁶ na experiência estética que qualifica tanto o sujeito quanto o objeto. É por isso que se pressupõe não somente que o sujeito se abre ao objeto ou se transcende para ele, mas também que algo do objeto está presente no sujeito antes de toda experiência e que, em troca, algo do sujeito pertence à estrutura do objeto anteriormente a qualquer projeção do sujeito.

Em Vygotsky, a história da sociedade e do desenvolvimento do homem caminham juntas e, mais do que isso, estão de tal forma imbricados, que um não seria o que é sem o outro. É através dessa interiorização dos meios de operação das informações, dos meios historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica.

Morin, assim como Vygotsky, defende a ideia de que dependem da interação social a aprendizagem e o desenvolvimento da individualidade, da afetividade, das possibilidades de escolha e de criação, da curiosidade e das possibilidades de emancipação do conhecimento.

5.4 InCORPOração

“Tudo aquilo que é sentido por nós faz sentido, ao mesmo tempo em que nos indica um sentido a seguir” (Duarte Jr., 2006: 217) assim, os sentimentos são cognitivos como qualquer outra percepção, mas é necessário sentir e prestar atenção a estes sentimentos, pensar nos estímulos que os provocam no caminhar de nossa vida em sociedade.

Não é demais, portanto, fixar-se no tema do corpo como base de todo conhecimento. Corpo como cerne de nossas experiências no mundo e o parâmetro constante de nossas ações e atitudes.

¹⁶ Base afetivo-volitiva é um conceito que engloba nossos desejos, necessidades, motivações, interesses e vontades, que nos move frente as nossas ações.

O corpo como elemento individual é vivenciado como elemento coletivo na comunidade naturista. Ao estarem nus, os sujeitos comunicam basicamente que suas identidades estão associadas à consciência enquanto arcabouço de um grande ideário.

É um ideário de negação ao consumismo exacerbado, a mercantilização e estetização do corpo e a noção atrelada ao que o corpo pode representar perante a sociedade contemporânea.

Notadamente, vivemos na era do consumo para a satisfação de elementos articulados diretamente com o corpo, uma sociedade consumista. Segundo Bauman (2005: 98),

A sociedade de consumo é a sociedade do mercado, todos estamos dentro e no mercado, ao mesmo tempo clientes e mercadoria, não admira que o uso/consumo das relações humanas, e assim, por procuração, também de nossas identidades (nós nos identificamos em referência a pessoas com quais nos relacionamos), se emparelhe, e rapidamente, com padrão de uso/ consumo de carros, imitando o ciclo que se inicia na aquisição e termina no depósito de supérfluos.

A roupa da moda, o sapato, o acessório, o celular, os óculos, que variam de estação para estação. E quem não os tem significa que não tem poder aquisitivo para tal ou que está de fora do “tipo” atual, como denominado por Ghiraldelli Jr. (2007), ou seja, fadado a não ter sucesso na vida, pois o corpo visual passa a ser o “eu”.

“Somos criados para o tal sucesso, mas quem é o tal sucesso? Quem é este outro que é tão importante?” (Candinat)

A construção de uma identidade de sujeito acontece ao se fazerem concessões no cotidiano, se autorregulando de conformidade com o meio, mas mantendo sua integridade, sua atitude de auto-organização, porém depende de suas próprias teorias para dar sentido à vida, que estão sempre se renovando por meio das relações sociais.

Tem-se como uma marca definidora da contemporaneidade, o primado do econômico sobre a cultura e a subjetividade. Com os discursos ideológicos dominantes, a cultura em sua forma mercadorizada produz comportamentos de consumo, decorrentes da subordinação de processos constitutivos da subjetividade, como a identificação, os ideais e o desejo à lógica mercantil. O consumo passou a ser o principal ideal contemporâneo.

Quanto à mercantilização e à estetização do corpo percebe-se a mudança de hábitos no decorrer da história. Primeiro quando se comprava uma roupa e esta não servia, a tal peça do vestuário era ajustada ao corpo, ou seja, a coisa era submetida ao ajuste da vontade humana. Atualmente, a peça do vestuário virou sujeito e ela que diz como deve ser o corpo. O corpo é ajustado à roupa, que passa a ser o sujeito da ação. Há uma inversão de papéis e uma apatia do indivíduo. O corpo como obrigação de chamar a atenção. O que aparece não é o sujeito, o indivíduo, mas meros corpos.

“A identidade, migrando para o corpo, sendo este um elemento do parecer e do aparecer, veio a calhar em uma sociedade em que todos os movimentos demorados, reflexivos, foram substituídos pelo olhar do relance e pelo julgamento a partir do visual” (Ghiraldelli Jr., 2007: 12). E, portanto, “todos, então, são objetos. Todos os vivos são coisas mortas. Em contrapartida, todas as coisas mortas, objetos, podem se comportar como vivos – como sujeitos”(Ibidem: 107).

Na era da mercantilização as relações sociais são mediadas pela imagem, em que se passa o tempo a olhar e ser olhado. São Indivíduos que sofrem uma re-educação estética, tendo neste caso, a estética como combustível para a vida dos seres humanos.

A noção é atrelada ao corpo, conforme Ghiraldelli Jr. (2007: 41) pois o corpo diz tudo que tem para dizer como peça visual – como “tipo”. A consciência do ser humano se torna dispensável, pois sua referência é como o corpo se apresenta visualmente, “sem precisar dar explicações, e sem se dispor a dá-las, sobre o que pretende, quem é e o que faz” (Ibidem: 42). No “tipo” sustenta-se a essa ideia a transição da identidade vivendo em uma condição pós-moderna, em que indivíduos estão preparados para serem diferentes a cada dia. Tipos visíveis que trazem a ética e a moral para o interior da estética.

(...) manifestações arrojadas em que o aspecto físico se faz importante não como algo estático, em bustos espalhados pela cidade e em quadros dispostos em museus ou na sala de jantar, mas como elemento dinâmico da paisagem e do imaginário de seus amigos, colegas e compatriotas (Ibidem: 43).

E mais:

Cada vez mais temos nos descritos por meio de qualificações que só podem ser aplicadas ao corpo. Somos brancos, negros, doentes, sadios, gordos, magros, belos, feios, altos, baixos, gays,

maquiados, cabeludos, velozes, deficientes (...) não nos lembramos senão das manifestações corporais (Ibidem: 45).

Percebe-se que o “tipo” aparece não para substituir a palavra, mas para ocupar um espaço vazio, visto que a palavra, que necessita de um esforço intelectual, foi ou está quase que abandonada. Dessa forma, a partir da mercantilização, se instaura no período pós-moderno uma forma singular de prazer, o prazer de consumir, evidenciando o caráter de fetiche assumido pelo consumo. Assim o corpo passa a ser um instrumento, onde a estética evoca a perfeição, onde a vida saudável, não é importante, mas sim a busca incessante por padrões de beleza, delineados através de exercícios físicos, intervenções cirúrgicas. O corpo torna-se também um ideal.

Contudo, os naturistas colineiros comunicam que são contrários às posições imperativas das sociedades pós-modernas, das tribos urbanas, que enaltecem uma sociedade do corpo (Ghiraldelli Jr.). São sujeitos e colocam-se no centro de seu próprio mundo, e ocupam o lugar do “eu” (Morin, 2006: 65).

“A contemporaneidade trouxe a ditadura do hedonismo, então se estabeleceu padrões de beleza que atendem a interesses comerciais e sociais, principalmente através da mídia se impôs isso. Na verdade, estamos na contramão disso. Não nos submetemos a esse padrão de beleza imposto pela sociedade. Não temos essa preocupação. As pessoas estão aqui naturalmente como são.” (Jô)

Os naturistas expressam-se através das manifestações do corpo desnudo e constroem as relações diferentes das tradicionais e, ao fazer isso, constroem uma sociabilidade guarnecida pelos corpos, com grande capacidade de agir simbolicamente. Exaltam desmedidamente o “eu”, convertem-se em seus próprios cultos, sem sacrifícios a si mesmos. Os naturistas vivem em liberdade ao que entendem como prazer estético na sua subjetividade e no seu corpo.

O sujeito quando aprende, conforme Santos (2003) sofre uma mudança estrutural em todo o organismo, pois se criam redes de interconexões neuronais para conviver com as transformações ocorridas em seu meio, ou seja, o homem, ao aprender, modifica-se.

“A lógica de desenvolvimento do ambiente natural é absolutamente semelhante ao processo sináptico neural do teu

cérebro, das teias que ora são elétricas, que ora são químicas, que são elétricas novamente. Então o que move a ti é o teu processo sináptico neural, os neurônios, como eles se organizam é um ecossistema. É uma teia de biodiversidade que não tem a lógica cartesiana da organização simétrica.” (Jô)

Para tanto, a construção do conhecimento se faz por movimentos retroativos e recursivos, é o movimento em espiral visto em Morin (2005 d), no qual o produto retroage sobre o processo e sobre a causa, incorporando-os e modificando-os. O conhecimento é um importante instrumento para a reconstrução da percepção do mundo, que constitui a essência do sujeito provisório e dinâmico.

“A velocidade da mudança é cada vez maior. O que existe hoje é um bombardeio de informações, mas sem tempo para refletir sobre essas informações depositadas. Assim, tudo isso vira lixo, pois não serve para nada. Não há processamento dessas informações. Então, o que nós procuramos defender são certos mecanismos que nos ajudaram nesse processo de desenvolvimento permanente.” (Jô)

A decisão por ser colineiro, prima por uma compreensão do corpo como espelho da alma, demonstrando a integração corpo com o ambiente, contra a mercantilização do corpo e da vida, e nesse sentido contra a estetização do corpo. Em geral, nenhum desses protagonistas busca reconhecimento individual ou o tal sucesso advindo por meio do corpo como tipo, mas como valorização da figura do sujeito como “eu”.

Ao se pensar o corpo, incorre-se no erro de encará-lo apenas como fenômeno biológico, no qual a cultura delinea perante as mais diferentes histórias, considerando que as semelhanças ou diferenças físicas vêm de um conjunto de significados inscritos através dos tempos.

Por conseguinte, o homem, através do corpo, incorpora o comportamento do conjunto em seus atos, no vocabulário e no seu próprio repertório cognitivo; contudo, denotamos de forma primitiva as atividades de nosso corpo a qualquer atividade ou ação racional e costumeira, aparentemente distanciando a situação à representação simbólica. Assim, ao saber atribuído ao corpo, Duarte Jr. (2006: 125) é enfático ao dizer que “o homem moderno não costuma emprestar prestígio, sequer lhe dando, no mais das vezes, a devida atenção e reconhecimento”. A sociedade está no prazer de

consumir, nesse mundo onde tudo é imagem e mercadoria: as relações, o corpo, a subjetividade, o sujeito.

Nesse sentido, corpo, alma, sociedade, natureza, formam uma conexão tornando-se uma rede complexa, permeando grupos, comunidades e sociedades, onde os indivíduos formam a totalidade moral, social e corporal. Enfim, não é porque muitos viraram “tipos” que se desvincula a relação do homem com o mundo, desta forma, as relações sociais continuam sendo traçadas. Pode-se, a partir desse momento, respaldado por Guiraldelli Jr., entender que a comunidade da Colina do Sol é uma tribo de tipos nus.

Assim, aprende-se com a totalidade do corpo e com as relações com os demais corpos, para tanto, na sequência da estrutura adotada, desenvolvo a seguir, uma reflexão sobre a questão da ética no discurso estético do movimento naturista, mergulhando, através da investigação, nos estudos do comportamento moral dos sujeitos investigados.

Em decorrência da importância da ética nas relações humanas, pois todos compartilham de um destino comum, basta, para isso, que o homem desenvolva suas responsabilidades pessoais e sociais, como denomina Morin, a antropoética¹⁷, que envolva o gênero humano, a fim de civilizar a Terra, porque os problemas da moral e da ética diferem, a depender de cada cultura e da natureza humana. Existe um aspecto individual, outro social e outro genético, ou seja, a espécie. Uma trindade em que as terminações são ligadas: indivíduo/sociedade/espécie. Cabe, assim, ao ser humano desenvolver, ao mesmo tempo, a ética e a autonomia pessoal, além de desenvolver a participação social, em outras palavras, a nossa participação onde compartilhamos de um destino comum.

¹⁷ A antropoética para Morin significa uma ética caracterizada pela dialógica indivíduo, sociedade e natureza (gen, espécie) (Morin, 2005g: 159-161).

6

A EMERGÊNCIA DA ÉTICA NO DISCURSO ESTÉTICO DO NATURISMO

MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a
vida presente.

Carlos Drummond de Andrade



6. A EMERGÊNCIA DA ÉTICA NO DISCURSO ESTÉTICO DO NATURISMO

*“(...) O homem não teceu
o tecido da vida: ele é
simplesmente um de seus fios.*

*Tudo o que fizer ao
tecido, fará a si mesmo.(...)”*

Trecho da Carta do Chefe Seattle(1854)

6.1 Ética e/ou moral?

Refletir sobre a ética direciona quase que obrigatoriamente à moral, sendo os termos percebidos em sentido equivalente ou diferenciado. O sentido equivalente está associado à etimologia da palavra na filosofia antiga, mais especificamente, no momento em que se investigam questões voltadas ao homem. Os termos *ethos*, em grego, e *mores*, em latim, remetem à mesma ideia, ou seja, costume. Chauí esclarece que “ética e moral referem-se ao conjunto de costumes tradicionais de uma sociedade e que, como tais, são considerados valores e obrigações para a conduta de seus membros” (1995: 340).

Sánchez Vázquez (1975) expõe que não se pode confundir estes dois termos na medida em que seu significado etimológico inviabiliza o retorno ao seu significado atual. Sánchez Vázquez faz a mesma observação que Chauí quanto à origem do termo moral proveniente de *mores*, indicando costume – conjuntos de normas ou regras adquiridas por hábito, comportamento adquirido – e ética proveniente do *ethos* – modo de ser ou caráter, forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem; o autor considera inapropriada a utilização dos dois termos como sinônimos. Para o filósofo:

A ética não cria a moral. Conquanto seja certo que toda moral supõe determinados princípios, normas ou regras de comportamento, não é a ética que os estabelece numa determinada comunidade. A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, as fontes de avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais (Sánchez Vázquez, 1975:12).

A ética em Sánchez Vázquez é a ciência da moral na esfera do comportamento humano. Moral, diferente de ética, seria um conjunto de normas, regras, princípios e valores que se transforma historicamente nas diferentes sociedades e que se destina a regular as ações dos indivíduos numa comunidade social, acatado de forma livre e consciente. A ética, como categoria diferenciada da moral, não poderia ser reduzida a conjunto de normas e prescrições.

Em uma linha de pensamento diversa da apontada por Sanches Vázquez, no tocante à ética, encontra-se Tugendhat (1996). Para o filósofo Tugendhat, a definição da moral deve ser realizada de tal forma que possamos ter condições de distinguir e comparar vários conceitos. Tugendhat utiliza os termos da ética e da moral como intercambiáveis e garante que autores contemporâneos veem estes conceitos como sinônimos ou fazem distinção entre ética e moral, embora não se trate de diferenciação necessária. “A pergunta sobre em que consiste em si a diferença entre ética e moral seria absurda. Ela soa como se a gente quisesse perguntar sobre a diferença entre veados e cervos” (Tugendhat, 1996: 35).

A moral está vinculada às situações históricas, à visão de mundo, aos avanços tecnológicos e científicos, às formas de consolidação do humano.

A ética concebe-se como filosofia moral, como uma teoria que lida com o comportamento dos homens em suas relações sociais a partir de regras, princípios e valores mais gerais, intimamente ligados à realidade histórico-cultural. A ética, como teoria, filosofia moral, volta-se para os fatos ou atos humanos, identificando seus princípios, normas e validade, transcendendo o cotidiano a partir dos conceitos que formula. A moral pode ser considerada como um conjunto de regras e normas presentes em decisões práticas que regulam as ações dos indivíduos numa comunidade.

Embora, entenda-se que há linhas delimitadoras da utilização dos termos ética e moral, não se pretende ater a uma utilização conceitual rigorosa da nomenclatura, pois não há como falar em ética sem tocar em questões morais e vice-versa. Há uma interdependência evidente entre eles, o que se conduz nesta dissertação ao uso do termo ética com presença implícita da moral.

A ética, como filosofia moral que lida com investigações acerca de regras e valores mais gerais, e que norteia as ações humanas, é guiada por princípios racionais ligados a um dado contexto histórico-cultural. Princípios racionais, porque historicamente é dificultoso ao homem um olhar pelo viés do sensível, e quando isso se torna ao menos viabilizado, ou seja, quando o estético é também entendido como parte fundamental da existência humana, deve passar pelo labirinto da razão e por seu consentimento e submissão.

Poder-se-ia partir de outras ideias que estabelecem relações entre ética e estética a partir de uma época marcada pela primeira guerra mundial, pelo desemprego, pelas revoltas operárias, pelo desencantamento do mundo, pela idéia de um futuro melhor para a coletividade e pela falta de esperança numa sociedade em crise. Dada a riqueza que cada uma das teorias encerra, prefiro, neste momento, conter a sua possível “mutilação” e, ao contrário, deixar o espaço aberto a outras interlocuções, novos momentos de encantamento.

O pensamento ético, por meio de regras, valores, moralidade, delineia formas de ser, agir, existências que também são estéticas. Portanto, a estética não pode ser desprovida de traços éticos, ou seja, que não sejam marcados por regras e valores estabelecidos socialmente. Certezas e incertezas, encanto e temor, tocam a experiência estética, que se estabelecem na contradição, nos paradoxos, como experiência imprescindível aos seres sociais que somos.

Mas, o pensamento cartesiano intensifica o nosso ser racional como se ele não fosse também construído esteticamente. Menospreza-se o ser sensível como se ele não constituísse parte de nossa razão.

Como por exemplo, há regras que estabelecem que determinado tipo de edificação seja belo ou mais valioso, intensificado por sua história, pelo arquiteto idealizador, pelas condições em que foram criadas as formas, os materiais utilizados, o uso, dentre outros. Essas regras impostas pela tradição, pela cultura e pelo próprio mercado, conduzem a uma espécie de “uniformização” do juízo estético arquitetônico. Nesse sentido, é mais favorável julgar a partir de um juízo já

consolidado por especialistas do que buscar a contradição. Embora, seja na diversidade do pensamento, em seu movimento e diálogo, que está o desafio do próprio existir. O filósofo francês Morin expõe que “a complexidade ética deve tornar-se lei universal, comportando problemática, incerteza, antagonismos internos, pluralidades” (Morin,2005g: 58).

Seja com fins realistas, idealistas, materialistas ou qualquer outro, a relação entre ética e estética pode ser percebida ao longo do pensamento histórico-filosófico, seja predominando a submissão da estética à razão, seja por tensões necessárias ao entendimento do homem, mas sempre visualizando a construção das regras éticas e estéticas como aspectos essenciais à compreensão do humano. Enfim: “a aventura histórica e antropológica da moral é uma aventura aleatória, incerta e inacabada da universalização do respeito ao outro e da solidariedade humana” (Ibidem: 160).

6.2 O sentido da ética/estética

Dentre os problemas originados na sociedade contemporânea está a perda da capacidade do humano em passar por suas próprias experiências estéticas de forma autônoma, em possuir discernimento para seus julgamentos sem as influências de um mundo marcado pelos ditames da indústria cultural¹⁸ e pelos meios de comunicação. Isso porque, a cada momento histórico, surgem ideais de beleza, de arte, regras de comportamento a serem reproduzidas socialmente. “Sem pensar a estética, torna-se impossível falar de uma nova ética. A estética representa uma alternativa à racionalidade lógico-matemática para fundar uma ética diferente” (Santin, 2001 : 48-49).

Por mais que seja difícil romper com uma racionalidade imposta, esboça-se a possibilidade de um mundo que fuja à barbárie a partir de um homem mais humano,

¹⁸ A indústria cultural tem por base a prática do consumo de produtos culturais elaborados em série, seduzindo e agradando o consumidor, não conduzindo o consumidor à reflexão, à ação, à informação. Busca-se o senso-comum, desenvolvido com a roupagem de algo novo. (N.A.) “E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro” (Bauman, 2004: 22).

menos corruptível e selvagem; de uma sociedade com menos injustiças, violência e desigualdades sociais. “A barbárie fermenta em cada um de nós e nossa própria barbárie interior nos autojustifica sem parar, faz-nos mentir para nós mesmos(…)” (Morin, 2005g: 200). Numa época de individualismo e racionalidade técnica, “(...) a redescoberta da ética e da estética poderá representar a própria sobrevivência do humano do homem” (Santin, 1995:50).

O mundo ético-estético não se deixa enquadrar pelas racionalizações e legitimações dos procedimentos unidimensionais, dos procedimentos das teorizações científicas. O vivido representa sempre uma rebeldia e uma fuga das racionalizações e legitimações da normalidade racional, porque é moldado por afetos não explicados, por sentimentos indefinidos, por emoções confusas (Ibidem : 54).

Trata-se de romper com os limites que separam a nossa existência racional da existência sensível, cotidiana, das relações com o mundo vivido, favorecendo a criação de mecanismos que levem as pessoas às mesmas oportunidades e à liberdade de escolha e ação, por meio de uma condição social possível.

Parte-se de um sentido ético/estético que esteja presente no corpo, produto e produtor de cultura – um corpo que vive sensações, que signifique e atribua significados; que denuncie, que se extasie. Dessa forma, não há um sentido ético/estético único, verdadeiro e imutável. Transita pela diversidade, sendo entendido como produto da consciência humana (inteligível/sensível). Orienta-se pelo desejo de sua não utilidade, não finalidade; de seus diferentes gostos; do jogo lúdico e conciliador de seus impulsos formais e sensíveis.

Concretiza-se no corpo, embora ainda um corpo de herança cartesiana, massificado pela indústria cultural, em um corpo marcado pelas diferenças sociais, pela racionalidade instrumental e utilitária, que reduz as possibilidades do ser humano; por um mundo que leva o homem a definir de formas diversas o que o move a uma dada racionalidade e sensibilidade, a criar os seus valores e regras, a intensificar seus sonhos, suas paixões, o seu Eros; a construir sua cultura e seus mitos, e a desenvolver sua formação.

“Somos cartesianos, somos recorrentes. É cultural.” (Jô)

O fato é que o sentido ético/estético define o indivíduo em suas tensões e conflitos, em seus paradoxos, em seu universo cultural. É por meio deste que as regras, os valores, os juízos passam a ser inscritos no corpo e sob uma dada forma. Quando as regras são violadas, novas estéticas vão sendo criadas como formas contestadoras da moral e, portanto, tidas muitas vezes como arriscadas. Tais estéticas, embora submetidas à moral e suas represálias, passam a consolidar-se posteriormente e, se não totalmente aceitas, pelo menos se tornam possibilitadas. Segundo Morin (2005g: 53): “Em múltiplos campos e casos não podemos superar a aporia ética; devemos viver com ela e saber estabelecer normas transitórias ou decidir, ou seja, apostar”.

O sentido ético/estético é entendido em suas necessidades relacionais, de interdependência e liberdade, influenciando, sendo influenciado, superando limites culturais e estilísticos. Revela os sentimentos, a racionalidade, a capacidade de se relacionar, o comportamento numa coletividade, a forma de se vestir, de festejar, dentre outros, e materializa-se no homem e que, por isso mesmo, está em todos os seus campos de ação (educacional, religioso, cotidiano, entre outros).

6.3 O entrelaçamento ético/estético dos colineiros

A vida dos seres humanos é constituída por um constante entrelaçamento de vivências e relações. Desde suas manifestações microscópicas até o seu encadeamento macroscópico, percebe-se que a vida é relação. Aproximamo-nos do que nos torna feliz e nos afastamos daquilo que consideramos ameaçador.

O que move os naturistas em direção à felicidade através de seus corpos nus pode representar a infelicidade para outros. Os princípios éticos são colocados em xeque, visto que atendem a determinados segmentos de comunidades e, ao mesmo tempo, não satisfazem a outros. A conduta moral naturista expressa uma atitude diante de si e diante do mundo. Baliza a postura do homem perante a vida social, em um processo contínuo do nosso vir-a-ser nas relações com o mundo.

“Quem vem aqui é obrigado a seguir tais regras, então, acaba naturalmente a proteger o ambiente, aos poucos, tenho certeza, se vê alguém jogando papéis no chão, vai achar ruim, onde talvez lá fora ele não achasse tão ruim assim. Aprende a ser naturista num ambiente naturista. Tenho certeza disso! Ele vai implantar isso lá fora, pois aqui é um lugar de ensino, especialmente para as crianças. Tirar a roupa é a maneira de respeitar o outro. (...) A pessoa que vem aqui pode sentir-se aliviada, pois pode deixar o seu carro aberto à noite, tanto quanto a porta da casa.” (Col)

Na comunidade da Colina do Sol, as contradições, os conflitos, as divergências, as lutas por interesses sempre aconteceram e acontecerão, pois permeiam a existência humana em qualquer lugar em que os homens habitem, embora possuem ciclos de vida diferentes, com acontecimentos e fatos peculiares a cada história individual e coletiva, conforme o contexto em que o indivíduo está inserido. Porém, o que se verifica é a tentativa da emergência de valores não-hegemônicos, a emergência da liberdade de pensamento e, principalmente, da liberdade do corpo, escravizado por modismos e padrões de beleza da contemporaneidade.

“Estar nua me coloca não só em liberdade, mas me apresentando como eu sou mesma. Eu sinto que posso ser verdadeira e estou mostrando para ti o meu melhor. Bem ou mal, é o melhor que eu consegui em toda a minha caminhada histórica. Quando estou nua estou te apresentando de forma simples e espontânea e o melhor que eu cheguei hoje. Então, se o meu corpo for falante; se meu corpo for um corpo vivo; se o meu corpo puder transmitir alguma coisa para ti, o que sou e do que eu sinto, ele será o espelho fiel a esse ser que eu sou. Isso me dá alegria!” (Candinat)

Na Colina do Sol há o fortalecimento da comunidade que traduz ideários de felicidade.

Em nosso mundo de homens, no qual as forças de separação, recolhimento, ruptura, deslocamento, ódio, são cada vez mais poderosas, mais do que sonhar com a harmonia geral ou com o paraíso, devemos reconhecer a necessidade vital, social e ética de amizade, de afeição e de amor pelos seres humanos, os quais, sem isso, viveriam de hostilidade e de agressividade, tornando-se amargos ou perecendo (Morin, 2005g: 36).

E segue:

Visto que o mais complexo comporta a maior diversidade, a maior

autonomia, o maior grau de liberdade e o maior risco de dispersão, a solidariedade, a amizade e o amor são o cimento vital da complexidade humana (Ibidem: 36).

A solidariedade é um sentimento ético que caracteriza a dimensão humana.

Morin (2005a: 74) enfatiza a importância da solidariedade ao afirmar que

Somos verdadeiramente cidadãos, dissemos, quando nos sentimos solidários e responsáveis. Solidariedade e responsabilidade não podem advir de exortações piegas nem de discursos cívicos, mas de um profundo sentimento de filiação (*affiliare*, de *filius*, filho), sentimento matripatriótico que deveria ser cultivado de modo concêntrico sobre o país, o continente, o planeta.

Os sentimentos de religião e solidariedade são imprescindíveis para civilizar as relações humanas. Morin (2005) afirma que a ética da comunidade “possui” os indivíduos que a possuem numa espécie de anel retroativo ou hologramático¹⁹.

Para o exercício da solidariedade uma reflexão é necessária, de preferência, através de cuidadosas meditações, para que se tente alcançar a dimensão da verdade e da compaixão. Em vez de violência, de intolerância, de barulho inconveniente e do diálogo fútil, que se cultive o silêncio prazeroso e inteligente.

Para o filósofo francês Morin (2005g: 149) existe um vínculo solidariedade-complexidade-liberdade; em outras palavras, o pensamento complexo²⁰ estimula-nos a gerar uma auto-ética, que aparece não só como virtude individual, mas também como virtude social, considerando a complexidade como um tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo. Nesse sentido, para Gastal (2002: 73), “o bom, o belo e o humano são expressões que determinam, em si, um profundo sentido ético-estético; a beleza enobrece os sentimentos do indivíduo, educa-o e forma seu mundo interno”.

A questão ética compreendendo os estímulos estéticos, nas relações sociais, de condutas morais dos homens, na beleza do ser humano que trabalha, vive, educa; na cortesia, na amabilidade, no domínio de si mesmo, nas confrontações diárias e no exemplo pessoal,

¹⁹ Vide capítulo 3 p. 74.

²⁰ Lembramos que o pensamento complexo compreende incertezas e indeterminações no processo do conhecimento (N.A.).

Permanece incerta e inacabada; é uma ética que passa incessantemente pela incerteza da contradição em si mesma e pela incerteza do aleatório no seu meio (ecologia da ação). É uma ética da aposta. Vulnerável ao medo, à ira, ao desprezo, à incompreensão, deve, sem parar, resistir a isso tudo. (Morin, 2005g: 196)

Na compreensão da ética naturista, a aproximação com a linguagem humana não responde apenas às necessidades práticas e utilitárias; responde, também, às de comunicação afetiva, coincidindo de certa forma, com o pensamento de Morin (2005b: 53), reafirmadas na participação, no amor e nas trocas, estabelecendo relações de amizade e de pertencimento a Terra.

6.4 A sexualidade na Colina do Sol

A Colina do Sol preserva a vida familiar compartilhando da preocupação na preservação dos ambientes naturistas, abolindo qualquer comportamento com conotação sexual nas áreas livres comuns a todos moradores e visitantes, com o qual os adeptos do naturismo são extremamente críticos.

Rojo (2005: 73) apresenta em sua tese um aspecto interessante para discussões sobre os limites do autocontrole sobre o corpo, bem como o comportamento nas áreas naturistas, ou seja,

quais seriam as ‘demonstrações de amor’ que deveriam ser toleradas entre os casais e quais aquelas que deveriam ser restritas aos espaços privados é uma matéria sobre a qual existe muito pouco consenso, para além da proibição do sexo explícito e da ereção entre os homens, que são unanimemente vetados. Desta forma, é sobre aquelas práticas –como carinhos, beijos e abraços – nas quais a definição, entre o que seria ou não erótico ou libidinoso, é dada por uma percepção mais subjetiva de intensidade, que as diferenças entre as concepções de naturismo – mais ou menos ‘moralista’- aparecem de forma mais explícita

A sexualidade na Colina do Sol é percebida como um patamar normal de inserção do homem no mundo. Entretanto, nos lugares públicos não é permitido

qualquer comportamento de conotação sexual. A relação sexual deve ser mantida no interior das cabanas ou barracas, não expondo, desta forma, as demais pessoas a um comportamento que não desejam observar. Essa regra foi decidida em assembleia geral, através do consenso com todos os moradores e associados do Centro Naturista, estando em conformidade com as normas gerais do naturismo internacional.

Obviamente, a visita de homens ou mulheres solteiros, desconhecidos dos colineiros, são observados pelos naturistas mais antigos até eles se adaptarem a esse espaço, averiguando os reais interesses desses naturistas celibatários. Essa situação também ocorre com os demais visitantes, tal como nós fomos observados em nossos propósitos durante a primeira visitação à Comunidade Naturista Colina do Sol²¹. Essa precaução, segundo Rojo (2005: 163) é justificada por uma proteção da imagem do próprio naturismo.

Cada indivíduo é respeitado na opção de desnudar-se ou não, ou no tempo que leva para conseguir tirar a roupa. Para este motivo existem as áreas de nu opcional. Há, portanto, uma flexibilidade de comportamento, visto que a mudança entre o estar vestido ou nu pode ser mais ou menos assimilada, dado que o uso de roupas está arraigado em nossos códigos morais.

“Temos que respeitar o *time* de cada um.” (Jô)

Esse *time* foi observado no comportamento da pesquisadora diante da primeira visita à comunidade, e cada membro da família da mesma teve o seu tempo para desnudar-se. Esse tempo foi plenamente respeitado por nossa anfitriã Vivien, que nos apresentou aos recantos da Colina do Sol, conforme relatado no terceiro capítulo.

²¹ Refiro-me à presença da minha família, meu marido e filho. (N.A.)

6.5 A ética, a estética e o meio ambiente: a percepção da Educação Ambiental nos colineiros

A orientação para a vida, para o belo e para o bem, manifesta-se através dos sentimentos e das emoções, meio pelos quais os indivíduos revelam sua personalidade com atitudes, conforme as peculiaridades e interesses pessoais, históricos e sociais.

“Vivemos num universo não menos povoado de mitos; nossas religiões são ricas em sobrenatural; outras estão infiltrados em idéias muito poderosas e dominadores; outras ainda fervilham no imaginário e na cultura da mídia” (Morin, 2005f: 131). E mais: “enquanto o mundo empírico comporta estabilidade e regularidade, o mundo imaginário prolifera, transgride os limites de espaço e de tempo” e esse caminho imaginário abre caminho para o *homo-demens* através da criatividade do espírito humano (ibidem: 132).

Esse imaginário pode conduzir a um estado estético de transe, de emoções e de gozo, de admiração e de verdade que surge com os corpos nus, originando um espetáculo da natureza humana. A contemplação estética no sentido de sentir o olhar puro ou, quem sabe, civilizado, que afiance o relacionamento de cada indivíduo com a nudez corporal,

“ É lindo, lindo! Pessoas com roupa constroem os naturistas, não dá certo!” (Tuca)

Tuca parece expressar uma espécie de êxtase ante a nudez dos corpos lembrando o que Morin comenta quando discorre sobre uma estética com o poder de sobrepor a tudo, que alimenta o imaginário e é alimentada por ele, que “comporta uma qualidade nova própria a qualquer reflexo da realidade, uma transfiguração estética” (Morin, 2005f: 134). Enfim, um estado estético que pode ser alcançado por vários caminhos, no nu, no vestido, na música, na arte, na paisagem, no encantamento com as pessoas. No naturismo, esse estado é obtido através da comunhão de valores de corpos despidos traduzidos como elementos estruturais da consciência coletiva da comunidade.

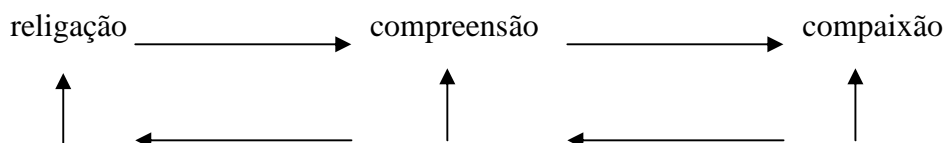
O estado estético do indivíduo naturista supera os próprios limites e, ainda parafraseando Morin (2005f: 138) purga a ansiedade, a preocupação, a mediocridade,

a banalidade. É um estado transfigurador e transfigurado da existência humana, ao mesmo tempo incerto, precário, aleatório. É certo que ninguém suporta viver assim todo o tempo. Contudo, não é menos ameaçador confinar a vida ao lado prosaico do: *homo sapiens-economicus-faber-loquans*. Só não nos soa tão estranho vivermos retidos no pólo prosaico quanto no poético porque fomos devidamente condicionados (também pela escola) a acreditar que a dimensão da vida é organizada no pensamento empírico-técnico-racional (Morin), sendo a própria vida.

O ser humano é *homo sapiens* e *homo demens*, bipolarizado²², um contendo o outro, sem fronteiras nítidas, sobretudo eflorações do estado estético, evidenciando o *homo complexus*.

“As possibilidades, na verdade, cada um encontra em qualquer lugar, tem pessoas que vão pensar coisas fantásticas estando na cidade e outras em outro lugar qualquer. Pode ser aqui ou não!”
(Candinat)

A vida do colineiro deve incessantemente regenerar-se, como Morin (2005g: 197) expressa no circuito:



Isso gera uma identidade que compreende uma matriz organizadora comportando princípios de ética e estética, instituindo, dentre as diversas facetas das culturas individuais, o surgimento de uma cultura comum. O corpo e a alma tornam-se a bússola da cognição (razão) e de sentidos (emoções), de unidade na diversidade, da relação das partes com o todo, enfatizando os laços singulares da Colina do Sol em ser uma comunidade que lembra a noção de complexidade.

“A compreensão da complexidade é fundamental, pois os processos são complexos. O processo reducionista é uma visão cartesiana que nos impuseram que como na matemática tudo poderia ser reduzido à expressão mais simples, o que aconteceu? O nosso raciocínio, nossa visão de mundo também se reduziu.”
(Jô)

²² A bipolarização, aqui, refere-se a ambivalência de sermos ao um tempo racionais e irracionais, ou melhor, seres de razão e desrazão, excepcional e inacabado. (N.A)

O discurso naturista enfatiza a noção de um corpo por inteiro, que pode ser visto naturalmente. Dessa forma, apesar de as pessoas ainda frequentarem a Colina do Sol apenas pelo prazer de estarem nuas, há uma concepção filosófica para associar esse “prazer do nu” com valores naturais, de espiritualidade, de cuidado com o si mesmo, de preocupação com a alimentação e a diminuição do consumo de álcool.

“O corpo é grande instrumento da vida! Por isso, eu preservo minha saúde. Uma consciência crescente de buscar para mim uma comida que me faça bem. Não fumar, nem beber. Relaciono-me com o mundo a partir de um corpo saudável.” (Candinat)

Trata-se de perceber o ser humano nu, despido do pudor, da vergonha, inscrito em uma comunidade através de suas habilidades individuais, do seu caráter, do seu comportamento e da sua “autoética”, sem as máscaras²³ que usamos para nos caracterizar, e, muitas vezes, denominar o que não somos. Nas palavras de Lopez Velasco (2005: 34) “cada ser humano não se constitui como ser humano senão na medida em que faz parte de uma comunidade humana”.

Percebe-se que este nu em comunidade é ética e esteticamente possível, porque o número de habitantes residentes é pequeno, como mencionado no capítulo três, e lembrando, são apenas 12 famílias domiciliadas até o momento desta entrevista. Assim, o comportamento individual pode ser reconhecido por todos os residentes devido à relação dialógica na comunidade.

O fato de o ser humano optar por inserir-se em uma comunidade em que as bases das relações sociais têm como finalidade o nudismo, implica ressignificação desse indivíduo perante um “afastamento da sociedade”. Muitos naturistas da Colina do Sol não divulgam que o fazem, porque ainda fora há certa alienação nas formas distintas de comportamento, onde as relações humanas não são de troca e sim, de imposição, ainda que, na Colina do Sol, nas áreas de nudez total, também há a imposição do nu, regido pelas próprias normas da comunidade.

Seguindo os passos de Lopez Velasco (2005: 273), “as diferenças de empenho, dedicação, perseverança, firmeza e coragem haverão de permanecer distinguindo alguns indivíduos de outros”.

²³ Utilizo o termo máscaras para designar os artifícios com os quais nos apropriamos como símbolos externos para comunicar quem somos ou mesmo, como desejamos que os outros indivíduos nos percebam. Por exemplo: um homem vestindo roupas brancas, remete-nos a ideia de que ele seja da área da saúde. (N.A.)

O naturista colineiro é utópico, porque dá ênfase à linguagem viva do corpo nu como sonho de superar o antropocentrismo. Ele empresta da esperança a possibilidade de construir uma outra sociedade inspirada em princípios eco-ético-espirituais, embora, “todas as comunidades são imaginadas. (...) Mas a imaginação tende a se transformar numa força integradora tangível, potente e efetiva quando auxiliada pelas instituições socialmente produzidas e politicamente sustentadas da autoidentificação e do autogoverno coletivos” (Bauman, 2004: 174). Resta-nos a pergunta: até que ponto é imaginada a Colina do Sol?

A realidade dos naturistas colineiros está limitada aos 200 títulos patrimoniais, ou seja, um número restrito de pessoas convivendo na comunidade.

“Os sócios que possuem títulos patrimoniais têm direito a 1/200 do patrimônio do Clube, ou x/200 dependendo da quantidade de títulos que possuem. Mas, o que define a quantidade de moradias são as concessões residenciais que são 500. Mas, no final o que vai definir definitivamente a quantia de moradias aqui será o Licenciamento Ambiental. Também existe a possibilidade de moradores possuírem mais que uma concessão residencial. Já existem alguns, tipo nós, meus pais e outros que compraram duas concessões, assim como existem uns 5 colineiros que possuem 3 concessões cada. E, atualmente, existem 2 colineiros que detêm 330 concessões residenciais das 500 projetadas. Se estes não venderem mais nenhuma concessão então teremos apenas umas 150 cabanas onde pessoas nuas possam viver. Portanto, só Deus sabe. Atualmente temos 102 edificações.”
(Ast)²⁴

E o filósofo francês Morin (2005) destaca a importância em disciplinar o egocentrismo e desenvolver o altruísmo. É através da autoética que as relações com o outro, com a comunidade, com a humanidade e com o universo serão possíveis. Porém, o filósofo chama a atenção para o fato de que nas interações surgirão os confrontos éticos devido à necessidade simultânea de atender às diversas dimensões éticas do ser, ou seja, atender aos nossos deveres individuais, àqueles relacionados aos nossos entes mais próximos e aos relacionados à sociedade. A coesão colineira é garantida não somente por leis, mas pela responsabilidade/solidariedade, sabedoria, conhecimento, iniciativa e, principalmente, a consciência de seus cidadãos.

“A consciência é um processo de construção, o caminho se faz caminhando com o exercício da prática social. Começa

²⁴ Este comentário foi recebido via e-mail em 18/02/09, quando emergiram as questões referentes aos sócios patrimoniais. (N.A.)

inconsciente, caminha, vai, tropeça, volta, cai, levanta, erra o caminho, volta, segue e tu vai adquirindo consciência.” (Jô)

Percebe-se que a educação ambiental é concebida pelos colineiros através do sentimento de compaixão e a cortesia, que nos predispõe à virtude, que deveria ser própria de todos os seres humanos. Sorrentino (2005: 17) ensina que é importante “trabalhar o nosso interior”, exercitando a sensibilidade que “manifeste nas atitudes e comportamentos cotidianos de compromissos com a vida.”

E nesse processo, a Educação Ambiental admite múltiplas perspectivas de investigação e de ação, que suscitam certas escolhas epistemológicas. Neste sentido, estabelece-se a relação entre a Educação Ambiental e a formulação de Morin acerca da complexidade ética, que pressupõe a religação em múltiplas dimensões:

A ética é, para os indivíduos autônomos e responsáveis, a expressão do imperativo da religação. Todo ato ético, vale repetir, é, na realidade, um ato de religação, com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade e, em última instância, inserção na religação cósmica (Morin, 2005g: 36).

A incerteza ética depende não somente da ecologia da ação (uma boa intenção não pode produzir o mal?), das contradições éticas, das ilusões do espírito humano, mas também do aspecto trinitário pelo qual a autoética, a sócioética e a antropeítica são, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagônicas. Deve-se em cada ocasião estabelecer uma prioridade e fazer uma escolha (aposta) (Ibidem: 57).

A religação da ética, da estética e do meio ambiente poderá ser tecida através da resignificação das vivências, emergindo da realidade naturista colineira, diversos níveis de percepção, considerando a observação participante, das histórias pessoais ouvidas e/ou registradas, de sentimentos de pertencimento, da intenção voltada ao bem comum e do fortalecimento das formas de organização que buscam a religação. Segundo Tristão,

A Educação Ambiental pode resgatar as sensações valorativas para que as subjetividades individual e coletiva criem um sentimento de pertencimento à natureza, de um contato íntimo com a natureza para perceber a vida em movimento de equilíbrio/desequilíbrio, organização/desorganização, vida/morte, o belo e o bom nela contidos. Essas sensações foram abafadas pelo predomínio de uma racionalidade cognitivo-instrumental do paradigma dominante (2005: 261).

As virtudes necessárias ao cidadão colineiro para a educabilidade ambiental são os de um ser inquieto, em constante movimento de transformação, acima dos valores vigentes, refletindo sobre as normas morais apregoadas, criticando a parcialidade de quem toma as decisões relacionadas ao seu lugar, seu ambiente. Seu comportamento é uma tradução das normas sociais (*mores*) que existem plenamente desenvolvidas em si, no espaço que foi aberto em seu ser na liberdade de decidir ser. Nessa intenção, as palavras de Gadotti, ficam mais evidentes:

A educação ambiental, também chamada de ecoeducação, vai muito além do conservacionismo. Trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica atitudes, valores, ações. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e pelo ambiente doméstico (2001: 99).

Em virtude disso, no próximo capítulo aborda-se o corpo e a mente em liberdade no universo naturista, o deslumbre pelo desabrochar da vida pela vida. A religação do Eu com o Outro através da liberdade no corpo nu.

Mas, sempre há o argumento da relatividade das interpretações do mundo, do qual somos pontos reflexos e base para novos caminhos no desenvolvimento do hoje e do amanhã. Afinal, não se pode remeter somente ao tempo futuro, enquanto alguns assistem alienados às barbáries destrutivas que violentam as espécies humana e não-humana, a sociedade e o nosso planeta Terra. Pois, “a resistência à crueldade do mundo e a resistência à barbárie humana são as duas faces da ética, cuja primeira exigência é a de não ser cruel e não ser bárbaro” (Morin, 2005g: 200).

7

O CORPO E A MENTE EM LIBERDADE

A CANÇÃO DA VIDA

A vida é louca
a vida é uma sarabanda
é um corrupio...
A vida múltipla dá-se as mãos como um bando
de raparigas em flor
e está cantando
em torno a ti:
Como eu sou bela
amor!
Entra em mim, como em uma tela
de Renoir
enquanto é primavera,
enquanto o mundo
não poluir
o azul do ar!
Não vás ficar
não vás ficar
aí...
como um salso chorando
na beira do rio...
(Como a vida é bela! como a vida é louca!)

Mário Quintana



7. O CORPO E A MENTE EM LIBERDADE

“A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência.”

Mahatma Gandhi

Apesar de os naturistas representarem, ainda, uma pequena parcela de adeptos em relação ao total da população mundial, é imprescindível que cada um de nós desenvolva ideias reflexivas acerca do significado do naturismo em nossas vidas individuais em face dos outros.

Na introdução esclareci que usaria o termo naturismo e não o nudismo, uma vez que são amplamente usados como sinônimos. Entretanto, parece-me adequado lembrar que o nudista é aquele que, por vezes, se despe em companhia de outros, enquanto que o naturista procura viver em estado de nudez, em todas as horas apropriadas, como nos momentos em que o clima seja favorável para desnudar-se, com íntima relação com o seu entorno cultural, isto é, com pessoas de ambos os sexos e idades, crenças ou filosofias de vida, etnia ou profissão.

No universo naturista, a avaliação acerca da liberdade da mente e do corpo e do que é preciso fazer para estar consciente em praticar ou ser naturista, depende muito dos conhecimentos éticos que tenha o indivíduo: quais os deveres e qual a medida ou a ordem que guardam entre si.

A consciência tem que se posicionar com clareza diante dessas situações, reparando no que está de fato em jogo, para além, por exemplo, da avaliação social numa determinada época ou numa determinada sociedade.

Assim, a ética é repassada sobre uma certa complexidade e nenhum homem poderá realizá-la em plenitude só com as suas capacidades. É preciso a experiência ética dos outros para formar a nossa consciência, ainda que possa resultar em imprecisões e erros. A ética baseia-se na verdade das coisas e consiste em empregar a liberdade de um modo digno do ser humano.

Dessa forma, tratamos sobre a ética no capítulo anterior para entender-se, neste tópico, como a liberdade naturista pode ser realizada através da liberdade da mente e do corpo.

A esta avaliação ética que fizemos, denominamos de consciência, isto é, a capacidade natural de perceber em cada caso concreto qual o dever e qual o bem a que é necessário atender em primeiro lugar. A consciência é uma função natural e espontânea do conhecimento. Quando se começa a conhecer o mundo com a inteligência, começa-se a perceber os deveres e começam as avaliações sobre o modo de agir.

7.1 O valor da consciência para a liberdade do corpo e da mente

Percebe-se através das várias falas dos entrevistados, neste e nos capítulos anteriores, a importância que o naturista colineiro dá para a questão de estar sempre consciente dos seus atos, independente do local em que ele se encontre.

Não se deve obrigar ninguém a agir de modo contrário à sua consciência. Mas isso não quer dizer que todas as decisões tomadas com consciência sejam corretas, ou que todas as opiniões tenham o mesmo valor. Todos podemos errar, por falta de conhecimentos, por não quisermos equacionar os fatos ou por outros motivos.

A consciência depende de gostos ou decisões pessoais, pois é uma relação com a realidade, isto é, a consciência “é” intencionalidade (igual a “consciência de...”). Pode, portanto, ser racionalizada e pode-se explicar abstratamente o que está certo ou está errado, ainda que respeitando o modo como cada um pensa. O que é difícil é julgar as ações que, pela sua complexidade, nem sempre são avaliáveis ou mesmo confiáveis a nossa percepção.

“Se você tiver tempo e consciência num lugar que te favoreça e puder fazer a experiência da simplicidade, ela é simplesmente libertadora, quando tu puderes te permitir estar nua, simples e despojada.” (Candinat)

Para viver eticamente em liberdade com o corpo nu, precisa-se da convicção de que esse modo de viver é bom e belo.

“É uma vida que permite uma maior integração com o meio, os calores são outros.” (Candinat)

Porque o homem é um ser corporal, é dotado de sentimentos e precisa deles para agir com firmeza, profundidade e perseverança. É preciso, pois, educar os sentimentos e acostamá-los a amar. É então um homem inteiro, com o corpo e a mente.

“Quando eu ousar ser eu, eu estou com a escultura perfeita entalhada em mim!” (Candinat)

O mesmo acontece quando se considera como é belo viver o naturismo: os sentimentos movem-se quando se descobre no dever o seu aspecto de beleza. A partir desse sentimento a ética passa a ser algo imperceptível, traduzindo-se em liberdade, conforme a consciência individual ou mesmo coletiva.

“Só se ilude com o corpo quem é de uma superficialidade muito hedonista.” (Jô)

O ser humano é um sujeito consciente, capaz de autoafirmação. É por isso que é também máquina não-trivial. De certo modo, pode-se tomar posse daquilo que nos possui. O círculo da dupla possessão prolonga e transforma o círculo da autonomia/dependência. “Os seres-máquinas terrestres constituem a sua autonomia na e pela dependência relativamente ao meio, de que, ao mesmo tempo, fazem parte” (Morin, 2002: 168).

Assim, como podemos possuir o amor que nos possui, o sujeito consciente também pode possuir aquilo que o possui.

A consciência é a emergência de muitas possessões possuídas, dependências produtoras de autonomia. É também a condição da liberdade humana.

A autoafirmação do sujeito é o ato pelo qual ele se apossa de suas possessões, o ato de apropriar-se de seu destino. Autoafirma-se como naturista colineiro é essa consciência de autoafirmação do sujeito e, no ato de autoafirmação do sujeito, está o ato de autoafirmação da consciência. O sujeito está no centro da autonomia humana: nele está a consciência, a reflexividade, a existencialidade, a liberdade mental e corporal.

“Quanto mais estudamos o desenvolvimento cósmico mais percebemos que nada levamos na fragilidade que é este corpo terreno.” (Ast)

7.2 A Liberdade da Mente

A complexidade bio-antropo-social é a condição da liberdade. Quanto maiores são as complexidades biológicas, social, cultural, ideológica, quanto maior é a parte da autonomia individual, maiores são as possibilidades de liberdade.

Conforme Morin (2002: 132)

Temos agora de transpor o salto conceptual do físico ao biológico, onde, ao mesmo tempo:

- O “si” se converte em “autos”;
- a existência se converte em vida;
- o ser se converte em indivíduo;
- o vivo se autogera a partir do vivo.

A liberdade também precisa de regras exteriores (as leis sociais) e interiores (os imperativos éticos individuais). Entretanto, a liberdade suprema que transgride a lei ou a liberdade do outro ser humano, pode tornar-se criminosa e, no limite, autodestrutiva.

Dessa forma, assumir conscientemente as três finalidades — a do indivíduo/sujeito, a da espécie humana, a da sociedade — é escolher o destino humano em suas autonomias e em sua plenitude. E assim afirmar no mais alto nível a liberdade, que desse modo é posta a serviço não apenas de si mesmo, mas também da espécie e da sociedade.

Contudo, mesmo que existam rupturas do *imprinting*, há fraturas de ideias e esvaziamento de ideologias, com frequência produzidas pela experiência vivida.

A cultura inscreve no indivíduo o seu *imprinting* “marca os humanos, desde o nascimento, com o selo da cultura, primeiro familiar e depois escolar, prosseguindo na universidade ou na profissão” (Morin, 2005e: 29).

O *imprinting* fixa o que está prescrito e o que é interdito, o santificado e o maldito. Implanta crenças, ideias e doutrinas que têm força imperativa de verdade ou evidência. Enraíza nas mentes seus paradigmas, princípios que comandam os esquemas e os modos explicativos, o uso da lógica, as teorias, pensamentos e discursos. O *imprinting* se faz acompanhar de uma normalização que faz com que se calem todas as dúvidas ou contestações de suas normas, verdades e tabus.

O *imprinting* e a normalização se reproduzem geração após geração: "Uma cultura produz os modos de conhecimento nos humanos a ela submetidos, os quais por seu modo de conhecimento reproduzem a cultura, que produz esses modos de conhecimento" (Morin, 2005e: 31).

Não se pode viver sem ideias-mestras, ideias-forças. Entretanto, permeando-as existe a ideia de liberdade. Quando ela nos possui, permite que adquiramos liberdades.

A liberdade está em relação dialógica com as ideias: nós as possuímos e ao mesmo tempo elas nos possuem.

A autonomia humana e as possibilidades da liberdade se produzem pela e na dependência do patrimônio hereditário, na dependência ecológica, na dependência da cultura, que co-produzem essa autonomia, permitem-na, nutrem-na, ao mesmo tempo em que a limitam, subordinam, e estão em constante risco de destruí-la.

Deve-se lembrar de que o indivíduo é um sujeito cuja sede egocêntrica inclui a inscrição genocêntrica (o gene) e a inscrição sociocêntrica. Esse lógico triúnico é dialógico, isto é, suas instâncias antagônicas são também complementares e concorrentes, permitindo assim a autoafirmação do sujeito.

(...) pensamento recorrente em ação, gerando e regenerando o seu próprio começo, a sua própria origem, produzindo nesse mesmo processo a sua unidade complexa e as suas qualidades emergentes, que são aqui as qualidades próprias do sujeito consciente (Morin,2002: 205).

Em sua complementaridade e oposições, as polidependências são fatores de autonomia: a autonomia biológica vem da relação dialógica entre o indivíduo e o seu ambiente; a autonomia cerebral vem da dependência genética; a autonomia mental é alimentada pela dependência cultural; a autonomia do comportamento é alimentada pela cultura, a qual fornece as técnicas e os conhecimentos que permitem ações eficazes. Nesse ponto, aparece a mente e o corpo. Como colocá-los em liberdade consciente?

A mente de um indivíduo/sujeito é a sede da sujeição e da liberdade. Quando alguns indivíduos deixam de se sujeitar a ordens, mitos e crenças vindas da história, e se tornam sujeitos de conhecimento e reflexão, começa a liberdade da mente. Liberdade é a possibilidade de escolha.

A liberdade mental deve ocorrer em dialógica com o mundo noológico, ou seja, o mundo das ideias (Morin, 2005e).

Adotando-se uma visão espiritualista de liberdade, ela será independente das condições físicas, biológicas, sociológicas. Isso significa principalmente que é preciso conceber o caráter incerto e complexo da relação entre autonomia e dependência. A autonomia precisa das dependências, mas estas comportam servidões e podem determinar dominações que aniquilam a autonomia, portanto, não podemos ignorar as determinações, as dominações, as sujeições, as possessões.

A mente é mantida e fortalecida por curiosidades e aberturas rumo ao que está além do dito, do conhecido, do ensinado, do recebido; capacidade de aprender por si mesmo; aptidão para problematizar; prática de estratégias cognitivas; invenção e criação, que revelam o caráter não trivial da mente humana; possibilidade de verificar o erro e/ou eliminá-lo. Com consciência reflexiva a capacidade cerebral de autocomportar-se é integrada, prolongada e ultrapassada pela capacidade que tem a mente de se autoexaminar e, no caso do indivíduo, a capacidade de se autoconhecer, autopensar-se, autojulgar-se; conscientizar-se, libertar-se.

7.3 A liberdade não é absoluta

A ética da liberdade não consiste simplesmente em respeitar um conjunto de normas. Isso é o mínimo, mas dentro de um amplo contexto e, dentro desse contexto, existem outras tantas, que chamamos as circunstâncias em que decorrem a nossa vida.

Quando viemos ao mundo temos uma liberdade condicionada por tudo o que existe além de nós e, na Comunidade Naturista Colina do Sol, isso também ocorre, pois estamos condicionados pela nossa condição humana. Temos necessidades próprias (comer, beber, dormir); temos um tempo limitado, nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos. “Imortais, mortais; mortais, imortais. A vida destes é a morte daqueles e a vida daqueles é a morte destes” (Heráclito, 540 a.C – 470 a.C).

Dentro dessa natureza humana, temos talentos naturais, limitações particulares, etc. Estamos também condicionados pelas circunstâncias de origem: local de nascimento, família; e pelas pessoas que nos rodeiam: família, amigos, colegas, vizinhos, etc.

Tudo isso faz parte da nossa existência e querer montar a vida à margem desses condicionamentos é uma quimera. É ilusão pensar numa liberdade sem necessidades.

É um jogo dinâmico/dialógico. Mas, dentro deste combate, são possíveis opções de estilo, isto é, pode-se cumprir os “deveres” de modos muito distintos. Não se trata só de decidir bem em cada situação isolada, mas de dar uma orientação bela e valiosa ao conjunto da vida.

Precisamente porque somos livres, podemos exceder-nos além dos mínimos exigíveis, podemos aspirar a outros modos de ser, a outros amores, a outras compreensões da vida (filosofias). São opções de estilo ou filosofia de vida, que acabam por criar hábitos e modos de ser que dão forma à liberdade e configuram uma maneira de estar no mundo. O naturismo é uma dessas escolhas.

Também faz parte do estilo pessoal a escolha dos bens que buscamos, dos bens estéticos, religiosos, culturais, de relação pessoal, materiais e assim por diante.

O naturismo exercita a liberdade e cria costumes que geram um estilo belo e elegante à vida de alguns²⁵ seres humanos.

Quanto mais numerosos forem os domínios que oferecem possibilidades de escolha e, em cada domínio, quanto mais variadas e numerosas forem as escolhas, mais haverá possibilidades de liberdade.

Em princípio, parece evidente que em condições favoráveis um ser humano dispõe de possibilidades de liberdade. Experimentamos subjetivamente nossa liberdade todas as vezes que nos é dado escolher entre alternativas e decidir.

Por outro lado, sofremos as restrições do meio ao qual procuramos nos adaptar; estamos assujeitados²⁶ por nosso patrimônio genético, que gerou e conserva nossa anatomia, fisiologia, nosso cérebro e, portanto, a possibilidade de inteligência e consciência; estamos assujeitados pela cultura, que inscreve em nossa mente, desde o nascimento, normas, tabus, mitos, ideias, crenças; estamos submetidos à sociedade, que nos impõe leis e proibições; somos até mesmo possuídos por nossas ideias, que tomam posse de nós quando achamos que as temos à nossa disposição (*imprinting*).

Dessa maneira, somos ecologicamente dependentes e, do mesmo modo, assujeitados social, cultural e intelectualmente.

“O corpo é o veículo que é usado pela pessoa aqui na terra para comunicar algo. Um veículo deve ser cuidado. Veja, o que qualquer religião ensina: cuidar do corpo, desconsiderando uns e outros que andam por aí. Se você cuida do corpo e do ambiente em que você se encontra, tudo seria diferente, não haveriam ladrões, violência. As pessoas teriam mais moral.” (Col)

No que diz respeito a si mesma, a dependência de uma organização autônoma é a condição evidente para a sua autonomia. Entretanto, o problema se aprofunda quando se considera que a autoorganização é geneticamente dependente. Trata-se de uma dependência de origem anterior, pois é herdada.

Se for correto que a autonomia do indivíduo no mundo exterior é o resultado de uma autonomia genética, esta, por sua vez, depende da autonomia individual por

²⁵ A pesquisadora refere-se a algumas pessoas, pois a maioria da população não é adepta do naturismo (N.A.).

²⁶ O termo assujeitado significa o indivíduo que se torna inconsciente de sua fala e seu discurso, ou seja, que são meras reproduções de formações discursivas ideológicas. Sua forma de ver o mundo é estruturada tendo por fundamento a ideologia na qual ele se insere. Todos nós somos assujeitados a alguma concepção ideológica. Porque todos nós vivemos em um mundo imerso em ideologias. Podemos ter consciência da nossa realidade. Ou não. Podemos sair do nível ingênuo, ou nos perpetuarmos no assujeitamento ideológico. (N.A.)

ela produzida. Ao indivíduo, a organização associa, de maneira indissociável e complementar, o Genos (a espécie, o patrimônio hereditário, o processo reprodutivo) e o Phenon (o indivíduo vivo *hic et nunc* no mundo dos fenômenos). A relação entre eles é circular, recursiva. Isto é, trata-se de um circuito gerador/regenerador, no qual a produção produz um produto que a produz e a reproduz. Cada termo é, ao mesmo tempo, produto e produtor do outro, como sai ao indivíduo é a sociedade/cultura a que pertence.

O gene significa, ao mesmo tempo, hereditariedade e herança, encargo e dádiva, determinação e autonomia, limitação e possibilidade, necessidade e liberdade.

A espécie produz o indivíduo que produz a espécie; a sociedade é produzida por um ciclo de reprodução, que precisa do indivíduo para se perpetuar.

A unidade global está nos indivíduos, que de modo recíproco estão nessa unidade global que atravessa as gerações. O indivíduo está em tudo aquilo que está nos indivíduos.

Em um plano mais geral, a dependência genética permite que não sejamos totalmente conduzidos por determinismos ecológicos e sociais. A dependência ecológica possibilita que se nutra e que se desenvolva a autonomia. A autonomia individual se forma e se mantém com base nessas duas dependências, as quais se opõem mutuamente e nela se unem.

Retomemos de uma outra forma, a autonomia do indivíduo vivo, em especial o humano, se afirma em sua condição de sujeito. A constituição do sujeito é dialógica, pois comporta simultaneamente um princípio de exclusão (nada pode estar no lugar dele) e um princípio de inclusão (inclusão num "nós", a família, a espécie, a sociedade, e de exclusão desse "nós" em si próprio), no qual estão as atividades reprodutoras, a inscrição hereditária, a inserção da comunidade no interior do sujeito.

Assim, toda a existência humana é ao mesmo tempo atuante e atuada; todo indivíduo é, ao mesmo tempo, um ser que se autoafirma em sua própria qualidade de sujeito ou de assujeitado.

Evidentemente, é por meio da consciência que o ser humano pode, em certas condições e ocasiões às vezes decisivas, manifestar sua liberdade, seja individual ou coletiva.

É claro que o indivíduo humano contém em si a plenitude da realidade viva: a existência, o ser, os fazeres, os saberes. Assim, ele contém a totalidade da vida, e ao

mesmo tempo, é uma unidade elementar dessa mesma vida. Contém simultaneamente a plenitude da realidade humana, a consciência, o pensamento, o amor, a amizade e a própria realidade da humanidade, tudo isso sem deixar de ser a unidade elementar da humanidade.

A inscrição do sujeito naturista na cultura e na sociedade colineira faz com que ele experimente uma nova dependência quando esta lhe oferece a possibilidade de uma nova autonomia e o acesso à liberdade do seu corpo a partir da liberdade da sua mente.

7.4 Para os colineiros, sentir-se em liberdade é transmitir vida através do amor

A família é o âmbito principal dos amores humanos, cultivado e desejado na Colina do Sol. Amor significa para os colineiros sempre entrega, dar-se ao outro.

O verdadeiro carinho cresce na medida em que as famílias estão mais unidas, porque partilham mais. Mas, para partilhar é preciso dar, doar-se tal como fez Jô no seu relacionamento com Ast. E tudo isto é compatível com a felicidade.

O amor também está no sentir-se bem na Colina do Sol, juntos com os colineiros, no andar pela mata, no banho de lagoa, na brisa suave, no admirar os pássaros, no reeducar o olhar e ter a sensação de pertencimento ao naturismo como ideal de vida. Quem ama procura formar a consciência: conhecer os princípios éticos, pedir conselho a pessoas com experiência; não considerar humilhante que nos corrijam; liberta-se dos julgamentos, amando intensamente a vida e o outro ser humano.

“Como existe uma herança cultural, sempre temos o hábito de pré-julgarmos as pessoas, antes de conhecê-las.” (Jô)

Em cada decisão, entra em jogo a consciência da liberdade que, ou impõe a verdade sobre a conduta, ou é desprezada e calada. No primeiro caso, somos nós que atuamos com a nossa liberdade; no segundo, é algo que está dentro de nós: os caprichos, a preguiça, o medo e outros.

“Não quer dizer que porque eu estou nua que estou sem máscaras. Não. Isto, já seria utópico. Mas, muitas das minhas máscaras já caíram, pois estou nua!” (Candinat)

Caso sejamos fiéis à consciência, crescem as virtudes que, por sua vez, vão dominando as nossas fraquezas e dilata-se a capacidade de atuação da nossa consciência. Por sua vez, esse crescimento das virtudes, ajuda o bom funcionamento da consciência, aumentando a nossa liberdade interior.

“Sei que serei muito mais bonita se eu for agradável com as pessoas, educada, simpática.” (Ast)

O costume de guiar-se sempre pela consciência, que se manifesta no amor à verdade e dá uma grande beleza e fortaleza ao caráter, parece coadunar-se com a máxima de Morin. “Mas a consciência e a ação precisam de um princípio de conhecimento no qual o homem deixe de ser um mito, uma abstração ou um nada, para aparecer na natureza de *Homo complex*” (Morin, 2002: 473).

7.5 A complexa liberdade

A interação das características individuais produzidas pela hereditariedade biológica e a formação da personalidade pelas normas culturais faz com que os indivíduos se diversifiquem. Permite também o surgimento de pessoas não conformistas e até mesmo desviantes, as quais apesar de não poderem escapar ao *imprinting* se tornam autônomas, como no caso dos adeptos do naturismo colineiro, dada a emergência da individualidade enquanto liberdade de ser.

A vitalidade da autonomia cerebral/mental é uma condição da liberdade da mente. São as mentes livres que ousam ser insubmissas ou resistentes.

“Eu encontrei o naturismo e casei com ele!” (Tuca)

Portanto, é possível conceber as condições socioculturais da autonomia cognitiva da liberdade como representativas de uma alta complexidade social. Elas limitam a exploração, diminuem a sujeição, permitem a autonomia física, mental e espiritual e, na democracia, a liberdade política.

Essa alta complexidade está ligada à importância do componente auto-organizador espontâneo da sociedade. Este, por sua vez, liga-se ao desenvolvimento das comunicações, das trocas econômicas, e à interação e antagonismos entre interesses e opiniões. E assim o campo das liberdades humanas se amplia com a ampliação das escolhas individuais, das mercadorias, dos parceiros, das amizades, do lazer e assim por diante.

Ao mesmo tempo, emerge uma liberdade que confere raízes mentais às livres escolhas do cidadão: uma liberdade que respeita o privativo, uma vez que as liberdades têm um âmbito mais amplo do que o pequeno círculo das decisões da vida privada.

Quando se torna relativamente autônoma, a vida cotidiana permite desenvolvimentos pessoais, em especial no que se refere ao amor. Dessa maneira o complexo do amor se democratiza — ele que inclui o seu tanto de mitologia e religião e torna poéticas as existências individuais.

Alguns indivíduos então usam suas qualificações para imaginar e conceber. Transgredindo o *imprinting* eles se revelam descobridores, teóricos, pensadores, criadores, instituindo possibilidades de liberdade humana.

A cultura colímbica impõe o seu *imprinting* e simultaneamente proporciona seus modos, saberes e conhecimentos que condicionam a individualidade. Ela representa um meio de cultura para a autonomia das ideias e a expressão na liberdade dos corpos nus. Disso resulta a sua ambivalência radical: a cultura permite a autonomia (liberdade), mas promove a sujeição às suas normas, como por exemplo a placa indicativa “nu total”, vide imagem no capítulo 3, p. 81.

“Na sociedade de um modo geral, pode-se esconder algo. Mostrar só o que quer mostrar, o seu lado melhor, como para um fotógrafo. Na sociedade de um modo geral tu tens um processo de decodificação dos sinais externos, conforme a conveniência do teu entendimento.” (Ast)

Aprende-se a aceitar, através da liberdade e expressão corporais, a nossa imagem em que, facilmente vestidos, podemos representar.

O sentimento de liberdade está na habilidade de nossos corpos poderem “respirar”, adaptarem-se às variações de temperatura, desobstruir os poros, entre outros aspectos fisiológicos. Mas o mais importante é mover-se sem limitações, sem procurar ajustar-se aos modelos-padrão.

Ver pessoas com suas “imperfeições”²⁷ torna-se uma rotina sem qualquer constrangimento, pois a liberdade do corpo nasce a partir da liberdade da mente, do pensamento, de uma re ligação com o outro, como comenta Morin (2005c: 21) “de uma re ligação com a comunidade, re ligação com a sociedade e, no limite, re ligação com a espécie humana”. Assim dissemina-se um princípio de inclusão, impulsionado ao amor, conduzindo ao altruísmo e à harmonia; estimulando os indivíduos a aderirem à solidariedade no seio de uma comunidade.

Ou seja:

Nós fizemos das roupas um absoluto fetiche e não só uma necessidade de cobertura e proteção do corpo em certas circunstâncias. Ninguém pode objetar razoavelmente contra a necessidade do corpo de se cobrir em certas épocas e lugares. Talvez até mesmo a roupa como ornamento deva ter o seu lugar, já que aparece em todas as estruturas sociais nas quais os seres humanos desejam enfeitar seus corpos, vestidos ou nus. (Dodge, J. 1997: 8)

Certamente, todos nós reconhecemos que a liberdade de andarmos nus, mesmo em áreas legalizadas, deve ser respeitada como direito do ser humano, por livre decisão e espontaneidade.

O Artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela ONU em 10/12/1948 ensina que

Toda a pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, de consciência e religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

O combustível para a liberdade encontra-se na plateia que assiste e interage, com deslumbre natural do desabrochar da vida pela vida, que se renova no deleite da existência, admirando o criar e recriar caminhos para a solidariedade e para o amor.

²⁷ Digo imperfeições às formas dos corpos que não se ajustam aos modelos-padrão vigentes na sociedade atual. Entretanto, considero a perfeição na imperfeição. (N.A.)

“O mais lindo da vivência naturista é o frescor da infância, o resgate do corpo para ti mesmo, pois de uma maneira em geral, o corpo é como um simples escravo, negociado e exigido para as relações profissionais, sexuais, outras quaisquer, em todas as culturas.” (Candinat)

Contudo, um excesso de complexidade é definitivamente desestruturante. No limite, uma organização que só tivesse liberdades e muito pouca ordem se desintegraria, a menos que existisse como complemento dessa liberdade, uma profunda solidariedade entre seus membros. A solidariedade vivida na Colina do Sol é uma circunstância que permite o aumento da complexidade. Tudo isso pode abrir um mundo de reflexões, fazendo-se necessário no próximo capítulo ressaltar os sentidos do naturismo para a educação ambiental.

“Eu não falo em nenhum momento no corpo como beleza estética, de consumo, eu falo em corpo saudável, em liberdade.” (Candinat)

8

OS SENTIDOS DO NATURISMO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A IDADE DE SER FELIZ

Existe somente uma idade para a gente ser feliz,
somente uma época na vida de cada pessoa em que é possível
sonhar e fazer planos e ter energia bastante para realizá-los
a despeito de todas as dificuldades e obstáculos.

Uma só idade para a gente se encantar com a vida
e viver apaixonadamente

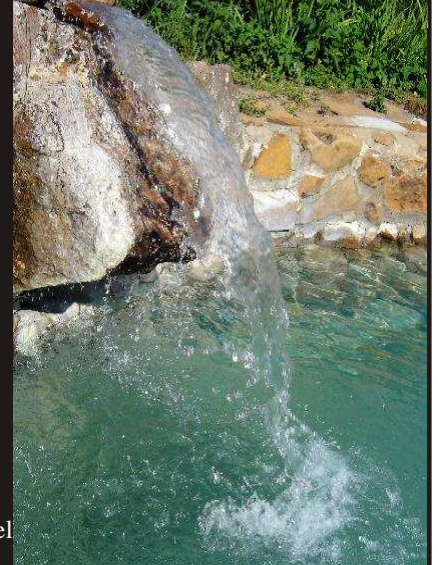
e desfrutar tudo com toda intensidade
sem medo nem culpa de sentir prazer.

Fase dourada em que a gente pode criar e recriar a vida
à nossa própria imagem e semelhança e vestir-se com todas
as cores e experimentar todos os sabores
e entregar-se a todos os amores sem preconceito nem pudor.

Tempo de entusiasmo e coragem em que todo desafio
é mais um convite à luta

que a gente enfrenta com toda disposição de tentar algo
NOVO, de NOVO e de NOVO, e quantas vezes for preciso.
Essa idade tão fugaz na vida da gente chama-se PRESENTE
e tem a duração do instante que passa.

Mário Quintana



8. OS SENTIDOS DO NATURISMO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O que é vida? Mais precisamente, o que é a vida de um ser humano? O que e quem a define?

Rubem Alves

“... uma metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”

Raul Seixas

8.1 Ouvindo a Natureza

Para se conceber o sentido do naturismo para a Educação Ambiental é necessário entender que a linguagem colineira não é uma máquina a ser desmontada, ou mesmo um quebra-cabeças, que montamos e direcionamos as peças conforme o encaixe correto. Há sentidos que se irradiam para além dos códigos, modelados pela subjetividade que alcançam uma nova (re)significação, como, por exemplo, o respeito ao outro indivíduo. A Colina do Sol é uma estrutura física que dá suporte ao sentido que os sujeitos colineiros imprimem na maneira de viver e conviver. Uma comunidade de vida, uma tribo de tipos nus²⁸, que retrata a arte da expressão corporal como linguagem. A arte na qual os sentidos circulam e habitam o corpo gordo ou magro, calvo ou cabeludo, alto ou baixo, entre outros.

O naturismo como proposta de Educação Ambiental assume um caráter embasado na busca por um equilíbrio entre o homem e o ambiente. Neste contexto, a

²⁸ Vide capítulo 5, p. 119.

educação ambiental é ferramenta de educação para o desenvolvimento sustentável. Ou seja, a preservação do meio ambiente depende de uma “consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação” (Gadotti, 2001: 89).

Essa educação é promotora de uma aprendizagem, parafraseando Gadotti, poderíamos dizer que é o “sentido das coisas a partir da vida cotidiana. Encontramos o sentido ao caminhar, vivenciando o contexto e o processo de abrir novos caminhos; não apenas observando o caminho. É, por isso, uma pedagogia democrática e solidária” (Ibidem: 89).

Para Francisco Gutiérrez *apud* Gadotti (Ibidem: 89), “caminhar com sentido significa, antes de mais nada, dar sentido ao que fazemos, compartilhar sentidos, impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana e compreender o sem sentido de muitas outras práticas que abertas ou separadamente tratam de impor-se.”

A consciência ecológica do sujeito colineiro evidencia, não apenas um modo individual de ser, mas “a possibilidade de ver um mundo compatível com o ideal” (Carvalho, 2004: 69), com a esperança de bem-estar, justiça e segurança. É uma aprendizagem que gera processos de formação do ser humano, instituindo novos modos de ser, de compreender e posicionar-se ante os outros e a si mesmo.

Os naturistas vivem no risco e na incerteza, como é o grande desafio da condição humana, sendo mesmo um exercício de compreensão diário necessário ao processo de desenvolvimento da Colina do Sol. A vida, lá (no mato) e aqui (nas cidades), se apresenta em toda sua plenitude, confrontando-se com o medo e os desejos, o viver e o morrer. Assim, cabe a tarefa de reconstruirmos “uma nova estética capaz de comportar a tensividade e o diálogo” (Passos, 2002: 32).

A vida humana, assim como o conhecimento, é uma aventura; uma viagem rumo ao incerto. Por isso, é importante que a reflexão esteja sempre ao lado da autorreflexão, e a crítica, ao lado da autocrítica, para que os indivíduos se percebam também sujeitos. Todos somos construtores do futuro que é incerto. (Petraglia, 2008 : 8)

Não se tem a pretensão de apontar o certo ou o errado, a verdade ou a mito, o feio ou o belo, pois será uma ilusão ou magia de quem quer que assim o faça, pois a Colina do Sol não está fadada a adjetivos, mas sim, a vivências.

Na certeza de que a Terra não nos pertence, como disse na carta o Chefe Seattle ao Grande Chefe Branco (1854), que “não somos donos da frescura do ar e do

brilho da água”, mas somos “parte da Terra e ela é parte de nós”, onde os nossos corpos são meros veículos²⁹ de comunicação entre nós e o outro, entre nós e o mundo. Mas, como praticar o naturismo a partir da educabilidade ambiental?

Considera-se que a Educação Ambiental possa fomentar essas novas (e tão antigas) possibilidades de reflexão, no sentido do fortalecimento das relações humanas e não-humanas e as relações do sujeito/espécie/sociedade, através da valorização dos espaços de aprendizagem, da educabilidade com os sujeitos envolvidos em sua comunidade, com questões relacionadas à qualidade de vida.

A essa multiplicidade de sentidos, a Carta da Terra (1992) nos ensina que é uma herança preciosa à diversidade cultural, que é necessário aprender a buscar a verdade e a sabedoria, onde todo indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar.

Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações (Preâmbulo da Carta da Terra, 2000).

Assim, os naturistas colineiros escolheram preservar a Terra, em seu espaço de apenas 45 hectares, a partir da mudança de valores em seus modos de vida. Mas não somente no espaço da Colina do Sol, pois mantêm as atitudes ambientais, sociais e espirituais, mesmo fora do espaço físico da comunidade, eles têm consciência da cumplicidade com o habitat. A responsabilidade é universal, pois eles são, em primeiro lugar, comunidade terrestre, compartilhando do presente, desejando o futuro com bem-estar.

As práticas educacionais ambientais naturistas devem ser compreendidas como parte do ecossistema da Colina do Sol, subordinando-se ao contexto de desenvolvimento existente, a partir de eixos norteadores.

²⁹ A pesquisadora utiliza o termo veículo apropriando-se do mesmo significado da entrevistada Mar, em outras palavras, um corpo que é transitório, que é efêmero perante a fugacidade da vida (N.A.). Vide capítulo 4, p. 89.

Um eixo da EA colineira busca, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito a diferentes formas dialógicas nas práticas de uma vida saudável, assegurando a dignidade individual e coletiva na comunidade. Desse modo, os sujeitos colineiros possuem uma liberdade e autonomia na vida social do Centro Naturista. Os sujeitos desenvolvem ações de conservação do ambiente, justiça social (vide exemplo no capítulo 4, p. 99), solidariedade, segurança, as quais constituem preocupações da sociedade atual.

A educação ambiental assume, assim, a forma de um processo de aprendizado social, como segundo eixo, baseado no diálogo e interação em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados, que se originam do aprendizado da experiência individual e/ou coletiva. O meio ambiente da Colina do Sol passa a ter um papel articulador nos conhecimentos de cada indivíduo, num contexto no qual os saberes são ressignificados a partir das condutas cotidianas que afetam a qualidade de vida. A educação ambiental promove os instrumentos para a construção de uma visão crítica, tendo como horizonte, partilhar de uma ética preocupada com a justiça ambiental.

“A construção de cidadãos deve emergir de si a partir de uma tomada de consciência do significado da vida para si e para o outro. A Colina é educação e deve ser uma fonte de inquietação, de questionamentos a criatividade e não a reprodução de valores sem qualquer análise” (Ast)

O terceiro eixo é o entrelaçamento da complexidade ambiental, não como “moda” ou “reificação” ou “utilização indiscriminada” (Tristão, 2002: 173-181), mas como construção de sentidos fundamental para identificar interpretações e generalizações feitas em nome do meio ambiente e da ecologia. Representa a possibilidade de motivar e sensibilizar os sujeitos colineiros para transformar as várias maneiras de participação em fatores de responsabilidade social e ambiental.

“Percebe-se que agimos de forma linear, considerando uma natureza infinita, desconsiderando nosso tempo de vida na terra, nossa transitoriedade e a continuidade de um planeta saudável, então, para a passagem de indivíduos que ainda se farão presentes.” (Jô)

O sentido do naturismo colineiro para a EA encontra-se vinculado ao processo de fortalecimento das relações de pertencimento e da construção de uma cidadania ambiental.

Os sentidos reconhecidos pela observação participante da pesquisadora são listados a seguir, não esquecendo que estavam permeados pela subjetividade que instaurava-se em cada etapa da observação, ou seja, a descoberta, o medo, a incerteza, a desordem (à primeira visita), a sensibilidade, a paixão, a responsabilidade (na segunda visita, grávida de sete meses) e a convicção, a racionalidade e o amor (na terceira visita, momento das entrevistas). Dessa forma, percebeu-se que os naturistas:

- ✓ Têm amor pelo habitat, sabem que suas vidas e seu bem-estar, bem como de seus filhos, seus netos e as próximas gerações depende da preservação e cuidado com a Terra;

“Tu só funda o mundo quando toca o seu coração.” (Jô)

- ✓ Reconhecem que estão interligados a cada forma de vida, seja humana ou não-humana;

“A interação é o mais vivo! Tem um conteúdo e um sentido de beleza muito mais profundo!” (Candinat)

“(…) a natureza é uma trama de interrelações em que cada ser é apenas um anel de uma cadeia ininterrupta de matéria, energia e informação em função da estabilidade e integridade da própria cadeia da vida.(…) As entidades individuais estão subordinadas ao bem-estar da comunidade biótica. Para isso é necessário respeitar as leis inscritas nos ecossistemas naturais e explicitadas pela ecologia” (Junges, 2006: 34).

- ✓ Acreditam no potencial espiritual de cada ser humano;

“Senti que era um lugar especial!”(Jô)

- ✓ Têm a liberdade para escolher ficar na Colina do Sol e ser responsável com cada colineiro como uma grande fraternidade ou residir em qualquer outro lugar;

“Acontecem eventos traumáticos na tua vida que te preparam para uma nova caminhada. O caminho é meu!” (Ast)

- ✓ Reconhecem que a liberdade é condicionada pelas necessidades das próximas gerações;

“A batalha é a de fazer as pessoas entenderem, por exemplo, que não precisam varrer o pátio, pois as folhas fazem parte do ecossistema e necessitam estar no chão.” (Jô)

- ✓ Adotam estilo de vida como filosofia que acentue a qualidade de vida e subsistência material num mundo finito;

“Eu sempre aprecio as paisagens... é um trabalho de Deus, mas para defender a natureza, o meio ambiente, com dentes e unhas, não. Na verdade, há mais de 20 anos atrás o mundo inteiro não se preocupava com este tipo de coisa e eu não era diferente dos outros. A natureza era assim e sempre seria. Agora estamos aprendendo que não será! Mas isso de lá para cá, diria com mais entusiasmo há 10 anos. A natureza era uma mercadoria de troca que tinha em abundância e era infinita, duraria para sempre.”(Col)

- ✓ É comunidade de diálogo, de cuidado e de responsabilidade, pois

(...) só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos (Bauman, 2003: 134).

- ✓ Têm respeito pela vida humana: “é sendo humano com o humano que se constitui a qualidade de humanidade” (Morin, 2002: 492). O respeito à vida e ao ser humano deve ser pensado como lei universal presente em diferentes culturas e como categoria primordial da convivência em sociedade.

“É tu te respeitar e respeitar os outros.” (Jô)

- ✓ Defendem a vida a partir da defesa dos valores, ou seja, escapam à lógica abstrata, burocrática, cronométrica e, de forma singular, exprimem a alta³⁰ complexidade;

- ✓ Cultivam o amor pela e para a vida visto que “liga o que é livre e pode assim ligado, permanecer livre” (Morin, 2002: 487).

³⁰ Morin (2002: 503) indica as polaridade de baixa e alta complexidade antropossocial, através de um quadro comparativo. Para o autor, alta complexidade é: liberdade; grande autonomia entre indivíduos; múltiplas comunicações e interações entre grupos e indivíduos; tolerância às desordens; desvios e não-conformismos; dúvidas e interrogações; grandes possibilidades evolutivas; entre outros.

- ✓ Trazem consigo a aptidão para transformar as desordens em liberdade e criatividade, embora com o risco de transformar a liberdade em desordem;

“As pessoas passam a te observar pelo teu ser.” (Ast)

- ✓ São fraternos, e a fraternidade é um valor gerador e regenerador, fundamental para qualquer comunidade;

“A ambiência é que propicia uma fraternidade e solidariedade.”
(Jô)

- ✓ Elegem o amor como princípio de convivência. Morin destaca que “o amor concentra todas as virtudes da poesia: comunhão, deslumbramento, fervor, êxtase, faz-nos experimentar a não-separação na separação, o sagrado, a adoração por um ser mortal, exposto ao tempo, frágil” (2005g: 139).

- ✓ Cuidam do corpo como instrumento da vida, pois

“Eu preciso do meu corpo para me relacionar contigo. Olhos, voz, tudo, um gesto, um carinho. Então, quanto mais eu acordar meu corpo, mais eu traduzo essa energia, capaz de fazer a vida vibrar. Tu não existe se o teu corpo não é capaz de traduzir. Um corpo saudável, um corpo vivo. Apto para executar a grande melodia da vida!” (Candinat)

- ✓ Possuem sensibilidade que, segundo Lima,

“dá-se pela percepção de diferenças e contrastes inerentes à realidade individual e social. Perceber diferenças entre coisas aparentemente iguais, assim como semelhanças entre coisas diferentes são experiências fundamentais e indispensáveis ao desenvolvimento da consciência e da sensibilidade.” (2005: 129)

- ✓ Reencantam-se diariamente:

“Da minha janela eu vejo os passarinhos pousar ali, cantar... ali... nas árvores... tudo da minha janela!” (Tuca)

- ✓ Têm na solidariedade a sua dimensão ética:

“O próprio naturismo agrega muito as pessoas.” (Col)

- ✓ O pano de fundo da Colina do Sol é o respeito à diferença e à diversidade:

“O ambiente natural, os animais, a flora, a fauna e a aceitação do homem dentro do princípio de sustentabilidade, ou seja, na verdade não procuramos a intocabilidade, procuramos a sustentabilidade num processo de construção de um vilarejo.” (Jô)

- ✓ São educadores ambientais, pois consideram, nas suas práticas cotidianas, o sentimento, o respeito, a emoção, a intimidade, a ação política³¹, a formação da consciência, que são envoltas nas inter-relações que formam uma verdadeira comunidade dialógica de vida.

Embora, sabendo que:

“Ainda tenho que desenvolver o amor aos pequenos animais, mas vejo que é um convite que está para mim. Para eu poder ser mais amorosa com as pessoas e todas as formas de vida.” (Candinat)

Poderíamos pensar a prática educativa ambiental como aquela que, juntamente com outras práticas sociais, está ativamente implicada no fazer histórico-social, produz saberes, valores, atitudes e sensibilidade e (...) com suas possibilidades emancipadoras do existir humano (Carvalho, 2004: 188).

- ✓ Reconhecem as limitações da liberdade do corpo, das dificuldades de aceitação desse estilo de vida com relação às outras sociedades.

“O que nós procuramos defender são certos mecanismos que nos ajudaram nesse processo de desenvolvimento permanente.” (Jô)

- ✓ Estabelecem a estética que provém da felicidade, dos sentimentos que reafirmam a decisão ética de conviver solidariamente. A estética enraizada na poética sustentada na condição humana por e pela sua natureza. A tudo que se exalta quando o ser humano se eleva à Natureza.

“Quando cheguei aqui eu tinha 70 anos e hoje tenho 60! Eu rejuvenesci!” (Tuca)

- ✓ Reconhecem a utopia de um mundo possível no naturismo:

“Um sonho comum que fosse diferente de tudo. Enfim, um contexto utópico de um mundo perfeito.” (Candinat)

³¹ Conforme Carvalho (2004:187) “o sujeito da ação política é aquele capaz de identificar problemas e participar dos destinos e decisões que afetam seu campo de existência individual e coletivo”.

Esses tópicos, reconhecidos pela pesquisadora, são produtos da observação e diálogos sobre a importância de toda educação para com o ambiente, seja formal ou não.

Não fará sentido buscar uma relação harmoniosa com a Natureza se não tivermos um mínimo de boa vontade no sentido de compreendê-la como verdadeiramente Outra. Se, ao contrário, lutarmos para impor significados, previsão ou comando à Natureza, estaremos entrando numa relação de conquista e não de diálogo (Grün, 2007: 153).

Afinal, a Educação Ambiental é um processo no qual o sujeito possa assimilar os conceitos e interiorizar as atitudes mediante as quais adquire os comportamentos que lhe permitam compreender e julgar as relações de interdependência estabelecidas entre a comunidade colineira, o trabalho, o lazer e o meio ambiente.

Nós, seres humanos, precisamos reaprender sobre a nossa existência na Terra, para vermos e entendermos que a “teia da vida” é um intrincado movimento de aprendizagem que vem ocorrendo há bilhões de anos. É necessário incorporar a humildade que nos cabe em relação a quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Somos mais um elo da corrente que estabelece a vida na Terra, necessita-se aprender com a vida, que não para de nos ensinar. “Não temos demonstrado a mínima sensibilidade nem reverência pelas coisas da Natureza. Mas nunca é tarde para começar” (Lutzenberger³², 2006: 20-21).

8.2 A ética/estética como resgate das sensações que o planeta Terra proporciona

Durante a pesquisa na comunidade naturista, emergiram assuntos, informações e questionamentos dos mais diversos. As questões ambientais estão completamente tomadas por aspectos sociais, jurídicos, econômicos e culturais. Às vezes, as opiniões são conflituosas e, frequentemente, os papéis são questionados.

³² José Antônio Lutzenberger (1926 - 2002), agrônomo e ecologista, era frequentador do Centro Naturista Colina do Sol.

Alguns cobram uma participação mais efetiva na comunidade, enquanto outros procuram valorizar os mais participantes. Enfim, diante deste quadro, observou-se os comportamentos dos naturistas colineiros domiciliados, além dos entrevistados.

A partir dessa observação, a pesquisadora listou alguns dos ensinamentos da vida colineira, lições que todos nós deveríamos aprender a apreender com esses homens e mulheres naturistas a fim de reverenciarmos a Terra. Muitas dessas lições que nós fazíamos quando éramos crianças e que, com o passar dos anos, esquecemos (ou temos pouco tempo para recordar ou refletir) da importante e saudável prática da (re) significação dos gestos cotidianos:

- ✓ Tomar banho de chuva no verão;
- ✓ Sentir o cheiro da terra molhada;
- ✓ Apreciar o luar;
- ✓ Admirar o crepúsculo do entardecer;
- ✓ Ouvir o canto dos pássaros;
- ✓ Sentir o estalar das folhas secas ao caminhar;
- ✓ Arrepiar-se com o banho gelado;
- ✓ Tocar nas diferentes flores e descobrir as mais belas texturas;
- ✓ Degustar uma fruta colhida na própria árvore;
- ✓ Sorrir quando alguém está sorrindo;
- ✓ Redescobrir o amor após muitos anos de casados;
- ✓ Deslumbrar-se com o arco-íris;
- ✓ Perceber a sombra das nuvens refletidas nas montanhas;
- ✓ Inspirar a brisa suave;
- ✓ Desenhar com as nuvens;
- ✓ Encantar-se com sua imagem no espelho;
- ✓ Experimentar a simplicidade;
- ✓ Contemplar-se, pois você faz parte da mãe Natureza;
- ✓ Rir de si mesmo quando sentir vontade;
- ✓ Respeitar os limites de si, do Outro, da Terra;
- ✓ Silenciar-se, para escutar os sons da Natureza;
- ✓ Ressaltar o amor nos olhares;
- ✓ Sentir-se em liberdade;
- ✓ Caminhar descalço, na terra, na grama ou mesmo na areia;

- ✓ Fechar os olhos e tentar descobrir os perfumes da natureza;
- ✓ Admirar a complexidade da vida ao abraçar um bebê;
- ✓ Trazer o sabor do saber, que está no desejo de mudar a vida plena e conscientemente;
- ✓ Impregnar os campos dos sentidos da Educação Ambiental com comprometimento dos seres humanos com a Terra;
- ✓ Com-viver com a diversidade.

Nessa perspectiva, são pequenas práticas que nos reeducam e nos envolvem com a Terra, trazendo para si o amor que nutrimos por ela. Embora as lições citadas pareçam brincadeiras, de forma alguma tem-se essa pretensão, visto que cada sujeito pode e deve reverenciar a vida seguindo sua maneira de contemplar-se com a Natureza. Lembrando Maciel(2003: 265) que diz: “só age eticamente aquele que escolhe escolher.”

Segundo Catalão (2005: 3)

O corpo com seus ritmos e sentidos restabelece no indivíduo a conexão entre o mundo interior e o exterior. Esta dimensão subjetiva é fundamental para a interiorização do conhecimento e para construção de saberes pertinentes nas instâncias locais até aquelas mais globais. Enquanto transitarmos no âmbito da externalidade do que aprendemos e não transmutarmos o conhecimento em consciência ética e tecnologia responsável, muito pouco alcançaremos para reversão de um modelo civilizatório predador de gente, natureza e cultura.

E segue:

Despertar o corpo é uma das condições essenciais para fazer emergir uma consciência capaz de transformar a nossa relação de uso inconsequente dos recursos naturais em uma relação de sabedoria e uso responsável a partir dos gestos cotidianos (Ibidem: 3)

Estas experimentações sensíveis dos indivíduos com outros indivíduos, mediada pelo ambiente, renovam e diversificam a vida na Terra. Assim, obedecendo aos seus rituais de equilíbrio, de energia, de sentido e de linguagem humana, atribuindo significado além da decifração de códigos. “Os sentidos constituem, eles mesmos, o lugar de partida e de chegada, jamais acessíveis por decodificação, nem mesmo decifração, ocorrências, decorrências e posições” (Passos, 2002: 27).

Reconhecer a Natureza como a nossa Terra, ajuda-nos a expandir o nosso respeito e educação ao meio ambiente.

Dessa forma “os sentidos despertados nos devolvem a vida cotidiana como uma aventura única possível de ser impregnada de sentido - valor e significado” (Catalão, 2005: 4).

Reverenciar a Terra não requer nenhuma crença, para absorvermos a sua energia, basta a simples consciência da natureza humana e não-humana que nos circunda.

É necessário deixar que a Terra renasça, se expresse em suas intenções, vontades, desejos, para que possamos extrair de nossos corpos os movimentos da dança que embale nossos sonhos, nossas utopias, e que transcenda e toque a realidade. Para isso, nos conectarmos com a Terra é um ato simples que podemos fazer em qualquer lugar, em qualquer hora, basta nos educarmos, nos sensibilizarmos. Afinal, “a natureza emerge à existência ao mesmo tempo em que se apresenta” (Grün, 2007: 123).

“É preciso que tenhamos os olhos voltados para um ideal maior de comunhão com as pessoas e com a natureza, com o Norte de nossa bússola. Assim, ao longo do trajeto, podemos ir confirmando a direção dos passos dados e fazendo os ajustes necessários. Acredito que esta Colina do Sol, que entra no fulgor de sua adolescência, está se tornando apta a viver mais plenamente sua vocação naturista. Nua, sim, mas também comprometida em promover relações sadias entre as pessoas e das pessoas com o ambiente em que vivemos. (Como insistiria Carneiro³³) Não podemos nos dizer naturistas sem desenvolvermos ações ecologicamente corretas. Isto é, fazermos a coleta seletiva do nosso lixo, transformando o lixo orgânico em adubo e favorecendo a coleta e o aproveitamento do material reciclável; preservando aves, animais e áreas de mata nativa; dando um tratamento adequado ao nosso esgoto; promovendo o bem-estar e a alegria. Esse conjunto de medidas estimula um crescimento sustentável, onde as pessoas e a natureza são nutridas e têm as suas qualidades preservadas. É assim, com olhos capazes de mirar horizontes mais amplos, que as pipas de nossos sonhos alcançaram os céus mais azuis e terão espaço e liberdade para realizarem todos os seus voos, pessoais e coletivos” (Cândida Furtado).³⁴

³³ Cândida Furtado refere-se ao ambientalista Augusto Carneiro, que é naturista da Colina do Sol, possuindo a concessão de uma cabana, mas que atualmente, problemas de saúde o impossibilitam de deslocar-se até a comunidade.

³⁴ Texto copiado do site da Colina do Sol. Disponível em: http://www.colinadosol.com.br/pdfs/palavra_conselho03_2008.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2008.

A naturista Cândida Furtado enaltece a importância das decisões que estamos tomando no presente. Em outras palavras, depende, e muito, de como vemos, sentimos e vivemos: a cidadania, a inclusão, o respeito, a alteridade, a convivência harmônica, a solidariedade, a tolerância, a biodiversidade, a ética e a estética.

Por fim, encerro este capítulo, com trechos de “A complicada arte de ver” de Rubem Alves, este texto foi extraído da seção Sinapse, jornal Folha de São Paulo, versão on line, publicado em 26/10/2004:

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: "Acho que estou ficando louca". (...) "Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões - é uma alegria! Entretanto, faz uns dias, eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. (...) Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto."

(...) Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as "Odes Elementales", de Pablo Neruda. Procurei a "Ode à Cebola" e lhe disse: "Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: 'Rosa de água com escamas de cristal'. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver".



As imagens utilizadas nas páginas entre os capítulos fazem parte do acervo pessoal da pesquisadora, do acervo pessoal do entrevistado Col e do site da Colina do Sol: http://www.colinadosol.com.br/galerias/galerias_dez06/index.html

PARA CONCLUIR LÁ ONDE AS TRILHAS CONTINUAM...

(...)

*Vocês devem ensinar a seus filhos que o chão sob seus pés
é as cinzas de nossos avós.
Para que eles respeitem a terra, digam a seus filhos que a Terra
é rica com as vidas de nossos parentes.
Ensinem aos seus filhos o que ensinamos aos nossos,
que a Terra é nossa mãe.
Tudo o que acontece à Terra, acontece aos filhos da Terra.
Se os homens cospem no chão, eles cospem em si mesmos.
Isto nós sabemos – a Terra não pertence ao homem –
o homem pertence à Terra.
(...)*

Trecho da Carta da Terra

Na elaboração desta dissertação, depois das disciplinas teóricas e de uma quantidade razoável de livros e textos lidos, de muitas horas de orientação, das revisões textuais, da transcrição e análise fiel das entrevistas que gentilmente os naturistas colineiros me possibilitaram, após as observações participantes na Comunidade Naturista Colina do Sol, encerra-se com uma quantidade de informações muito além do que seria possível inserir em uma dissertação.

A cada capítulo escrito, emergiam novas perspectivas, ao mesmo tempo em que muitos parágrafos eram descartados, incongruentes ou desnecessários. O olhar nesta comunidade pode se estabelecer, devido a amabilidade de Vivien, em nossa primeira visita, que nos acolheu e nos fez reconhecer outros horizontes possíveis. Assim, o projeto tomado como inspiração para este propósito – a Colina do Sol – é uma realidade de comunidade dialógica, que faz sentido quando pensamos a relação desse grupo com pessoas externas a ele, em uma permanente dinâmica de saberes, trocas, valores e questionamentos.

Dessa forma, o que é uma conclusão em tal trabalho? Pretensiosamente recusou-se o título de conclusão, pois se acredita que este trabalho foi encerrado no capítulo anterior, quando, através das palavras de Rubem Alves, deixou-se o leitor pensar, afinal a Colina do Sol é e se faz de reflexão cotidianamente, independente da opção individual em ser ou não naturista.

Mas, se *as trilhas continuam*, sugere uma continuidade de ação, pois o argumento desta análise no pensamento complexo permite considerar a incompletude como característica. Sendo assim, trata-se de fazer um fechamento quase inevitável.

A partir deste momento, relata-se uma espécie de síntese do que considero serem as questões mais importantes deste trabalho. Nas opções, na escolha dos caminhos, no entrelaçamento dos diálogos, estava sempre presente a tentativa de compor uma obra que revelasse as relações ético/estéticas dos naturistas, que buscam as relações de fraternidade.

Aprendeu-se muito com os colineiros. Partiu-se de um olhar questionador, incerto, receoso, embora desafiador, questionador, inovador, para, aos poucos, ressurgir os significados do corpo e atrelado às questões ambientais, ao relacionamento, à consciência, à integração dos seres humanos com a Terra.

A singularidade da Colina do Sol está justamente na solidariedade entre os naturistas, que como seres humanos são capazes de procurar outros caminhos, de mudar, de ver o possível nas possibilidades da vivência em comunidade, com atitudes conscientes da importância de superarem-se diariamente, de nutrirem o amor e o respeito, fazendo construir um patamar de integração entre homens e Natureza e não de exploração, mas regido pela preservação da conduta na prática dos atos diários.

Percebeu-se a importância desta pesquisa, na qual os olhares dos amigos, familiares, colegas e clientes, alteravam-se cada vez que se comentava sobre o tema do trabalho, desconhecendo as inegáveis relações entre a comunidade naturista e o meio ambiente. A propósito disso, o professor Dr. Joviles Vitório Trevisol comentou no parecer descritivo no momento da qualificação: “De alguma maneira, nós, pesquisadores, também reproduzimos o senso comum – e até o preconceito – corrente sobre o naturismo/nudismo, que o considera exótico, estranho e até despudorado.”

Eis que submergi e emergi muitas e muitas vezes, em um oceano no qual necessitei reconhecer para conhecer, surgindo o amor como sentimento de comunhão

partilhado individual e coletivamente na compreensão sobre a vida dos colineiros. E dessa tribo de tipos nus emergiram os laços afetivos, as ideias, as visões estéticas/éticas através da filosofia da simplicidade e do dizer não ao consumismo exacerbado.

É preciso que reconheçamos que introduzir padrões comportamentais adequados, utilizarmos o imperativo do dever para com os outros seres e as gerações futuras, pode gerar mudanças pontuais e transitórias, ou pode ir, aos poucos, povoando o imaginário, levando a reconstruções das representações sociais, mas que não conseguirão despertar a transformação profunda que o mundo precisa, a formação de sujeitos éticos.

Os trabalhos de sensibilizações dos colineiros inserem-se nas mudanças de paradigmas e de valores como prioritárias; essas mudanças se dão no próprio agir, configurando-se a necessidade de um processo constante de resistência para manter seus posicionamentos diante do mundo. Então, será que não está na base desses discursos complexos em tratar a ética, enquanto imperativo do dever, para obtermos as transformações que tanto almejamos? Não basta apenas um trabalho de educação ambiental teórico, formal, mas revelar um norte (ou sul?) a seguir, senão o quimérico, ao menos o mais apropriado...

Permitiu-se, com a pesquisa, o despertar da ética, sendo necessário lançar mão de um código moral pré-estabelecido das suas ações. E foi esse lançar mão que possibilitou o engessar o seu posicionamento reflexivo constante sobre a educabilidade ambiental que exige novos pensamentos e (re)construções a cada novo dia.

A Educação Ambiental inspira-se na utopia de um mundo solidário. Claro que devemos sonhar com a força de nossos desejos, pois, como educadores e educadoras, somos criadores de mundos possíveis, de ideias por realizar. Como uma dinâmica processual da vida e de processos vivos, essa reflexão apoia-se na concepção de um mundo em constante movimento de expansão e retração, e a utopia inscreve-se na exploração de novas possibilidades e vontades humanas, chamando a atenção para o que não existe em contraposição integrante ao que existe. E aí passa pelo sujeito sendo ele mesmo no mundo e atuando no coletivo para juntar forças para que isso aconteça, para a formação de comunidades de vida.

Na superação da sensação de frustração entre os educadores e educadoras, é conveniente analisar e compreender as experiências educativas em tempos-espços

vivos com narrativas espaciais e temporais que potencializam as energias humanas disponíveis. Assim, no cotidiano da vida, das comunidades, o que vemos como mera repetição é porque nos falta educar os sentidos para a criação que existe para além da simples repetição.

O conhecimento naturista é o resultado das interações estabelecidas com o contexto ambiental em suas multidimensões que inclui a estética, a ética e os afetos.

Os naturistas não precisam (nem devem) desprezar as conquistas da ciência e da tecnologia, que são igualmente frutos da inteligência e da criatividade humana, reforçando esses ideais a partir das bases seguras, bem como uma forte representação no cenário sócio-político-cultural.

Nesse conhecimento estruturam-se cenários pelo que é praticado na Colina do Sol, são eles:

Primeiro cenário: A vida colineira é, também, o lugar do sentido da pedagogia. Para compreender o que conhecemos não podemos isolar os objetos do conhecimento. É preciso recolocá-los em seu meio ambiente, no meio que o cerca, para melhor conhecê-los, onde vai se buscar energia e organização. A convivência em comunidade leva os sujeitos a considerar um complexo de informações como naturais, mas que são altamente codificadas, normatizadas e variáveis, sofrendo as influências de um mundo mais ou menos instrumentalizado.

Os signos verbais, não-verbais, táteis, visíveis, audíveis e os contatos corporais de diferentes formas: olhares, voz, aparência física, expressões faciais e movimentos do corpo são correspondentes ao estado interior, pois estão sem as máscaras tradicionais (vestimentas, acessórios, modismos, entre outros) e declaram-se na e pela liberdade do corpo e da mente.

A reintegração da vida do homem colineiro é também uma reintegração da vida nas nossas vidas. Incita-nos a meditar sobre a vida, para compreendermos, nos orientarmos, nos ajudarmos.

Mas não se espere que a vida colineira nos dê lições, precisamente, porque a lição que é mais preciosa é a compreensão das complexas redes de convivência. Deve-se interrogar e conceber as nossas finalidades vitais, o nosso viver, para então produzir as nossas verdades, assumindo o encontro e o confronto, a ordem/desordem/organização, tanto do sujeito/assujeitado, quanto do observador/conceptor e do observado/concebido.

Segundo cenário: Refletindo as diversas leituras sobre o corpo, nos códigos que governam as suas relações e que atuam como orientadores da conduta dos indivíduos, percebem-se possibilidades múltiplas de descoberta de um corpo moral, intelectual e estético, condensando em si os princípios normativos, a estrutura social, os signos que representam e identificam uma comunidade. Os colineiros encontram-se imbuídos de sentidos/significados que expressam, em cada ação, forma e pensamento, e como a comunidade naturista percebe a vida e as relações humanas. Exprime um sentido ético/estético presente nas ações, nos comportamentos, na faculdade do sentir. É esse sentido ético/estético, dialógico, que possibilita que os comportamentos sejam caracterizados como de relações harmônicas e que esta mesma caracterização seja transmutada em função da necessidade de transgressão de códigos e elaboração de outros que atendam às novas exigências do homem histórico.

O corpo é marcado por um sentido ético/estético resultado das interações estabelecidas, das regras aceitas, interiorizadas e reconstruídas. Esse corpo é cerceador e cerceado, racional, mas também sensível, liberto e crítico. Há como caracterizá-lo, distingui-lo, personalizá-lo por uma normatização que se inscreve, que molda e que dá os contornos ao humano a partir de seu contexto cultural, assim surgem as suas formas (sem as muitas fôrmas padronizadas).

Terceiro cenário: A estética passa a ser a liberdade, não no sentido de ausência de leis, mas na harmonia das mesmas. No estado estético o homem atinge sua plenitude. É no estado lúdico, desinteressado (em relação à existência material do objeto), que o homem supera os seus problemas peculiares da vida.

Nessa época de incertezas, os naturistas colineiros vivem uma estética reencantada, valorizando, em diferentes proporções, a vida na comunidade dialógica, na qual criam um sentimento de pertencimento à natureza através de um contato íntimo com a Terra e reconhecendo a vida em movimento de equilíbrio/desequilíbrio, organização/desorganização, caos/ordem, vida/morte.

Quarto cenário: A ética ambiental naturista não se sustenta em uma ética antropocêntrica e individualista, mas se expressa nas práticas sociais, no criar novas sensibilidades; manifesta-se na educabilidade entre sujeitos que reconhecem o corpo apenas como “veículo efêmero”...

Esta ética ajudará a formar uma humanidade consciente de sua posição diante da existência dos componentes terrestres, contribuindo na aquisição de uma postura moral fundamentada na preservação global da natureza, sendo uma nova perspectiva de vida, propiciando exultação particular em cada indivíduo, oferecendo condições mais dignas e esperança de prolongar a existência da espécie humana, como de todos os outros seres.

Quinto cenário: A Terra é um organismo vivo e em constante evolução. Os naturistas colineiros têm uma consciência e uma cidadania planetária, ou seja, o reconhecimento de que são parte da Terra e de que podem falecer com a sua destruição ou podem existir com ela em plena consonância.

Sexto cenário: A possibilidade de expansão do conhecimento entre os naturistas domiciliados e os naturistas visitantes conduz a redes de solidariedade num devir constante das práticas cotidianas. A educação ambiental que parte dos naturistas faz-se na promoção da consciência para uma reflexão de um saber solidário. Esse fazer-se consciente reconhece a profunda ligação entre a reflexão, ação, emoção, natureza, cultura, individual, coletivo e outros.

A solidariedade promove práticas cotidianas significativas, como um processo em que o aprendizado pode ser considerado sempre inacabado. A dimensão ética naturista envolve a responsabilidade e convida-nos a entender e respeitar o Outro, ser humano e a natureza, como um sujeito de voz e de vez.

É importante que a solidariedade prevaleça como conhecimento; mas, por outro lado, é importante também aceitar o caos como conhecimento e não como ignorância. Assim, é preciso sermos sensíveis aos processos educativos imprevisíveis que aceitem as diferenças, considerem as subjetividades, as diferenças de estilos das culturas para produzir e compreender novos conhecimentos, para enriquecer ou transformar as narrações herdadas.

O reconhecimento e a aceitação dos nossos próprios eus e de encontrar uma religião, uma arte, uma história, um amor, constitui-se na verdadeira comunicação entre o homem e a natureza, pois precisamos aprender a respeitar o outro como um outro, seja ele (a) a natureza ou as culturas emergentes de indivíduos.

Procurou-se retratar as vozes que expressam os discursos colineiros, mas sem fazer desse trabalho a expressão de qualquer interesse de um ou de outro colineiro. O interesse da pesquisadora era o de construir um diálogo em uma comunidade de vida, através de um olhar de quem não era naturista, mas que se entregou de corpo (nu!) e alma a esta filosofia de vida para contribuir com a educabilidade ambiental. Por fim, na expectativa de uma reflexão acadêmica que possibilite uma linguagem que envolva milhares de sujeitos pelo mundo, mas que ainda há um desconhecimento por uma parcela considerável da população.

Por ora, o que se percebe é o corpo como um modo de ser, de pensar, de agir, de sonhar, de amar, etc., que recorta o espaço e o tempo. O olhar vê no corpo que traça este perfil uma superfície compacta, mas se reeducarmos esse olhar perceberemos que os naturistas colineiros contam com certa inquietude, incertezas, questionamentos e utopias.

Agora, não se trata mais de deslumbrar um para sempre feliz, mas sim de criar as condições para realizar a conquista da serenidade no sempre devir com o outro e com a Terra. Nesta edificação, é imprescindível estarmos conscientes para nos prover de recursos cartográficos, poéticos e prosaicos que nos ajudem a inventar procedimentos sintônicos com a realidade do mundo contemporâneo, onde a educação ambiental tem um papel decisivo para a superação dos desafios apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. In: CARVALHO, Edgar de Assis e MENDONÇA, Terezinha (org.). **Ensaio de Complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 284-311.

AZEVEDO, Genoveva Chagas de. Uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social do meio ambiente em sala de aula. In: REIGOTA, Marcos (org.). **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOLOGNE, Jean-Claude. **História do Pudor**. Lisboa: Editorial Teorema, 1986.

CALLONI, Humberto. **Os Sentidos da Interdisciplinaridade**. Pelotas: Seiva, 2006.

CARVALHO, Isabel C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CIURANA, Emílio Roger. In: CARVALHO, Edgar de Assis e MENDONÇA, Terezinha (org.). **Ensaio de Complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 48-63.

DODGE, James G. **A pessoa e o naturismo**. Revista Naturis. Taquara: Ed. Naturis Empr. Naturistas Ltda. Ano 4, n. 14, março/abril 1997.

DUARTE Jr. João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 4 ed. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2006.

HEGEL, Georg Wilhelm F.. Estética: o belo artístico ou o ideal. In: **Os pensadores**. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

HUME, David. Ensaio político, morais e literários. In: BERKELEY, George e HUME, David. **Os pensadores**. Tradução de Anoar Aiex, João Paulo Gomes Monteiro, Armando Mora de Oliveira. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

GASTAL, Renata Leite. **Do olhar à reflexão: a vivência fotográfica em ecossistemas como proposta de educação ambiental**. Rio Grande: FURG, 2002.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **O corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2007.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir – Corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

GRÜN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

JUNGES José Roque. **Ética ambiental**. Vale do Rio dos Sinos. Editora Unisinos: 2006.

KANT, Immanuel Kant. In: ROSENFELD, Kathrin. **Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo. Antropologia e Sociedade**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LIMA, Gustavo F.C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, Carlos F. B. e LAYRARGUES, Philippe P. (orgs). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPEZ VELASCO, Sirio. **Ética para o século XXI: Rumo ao Ecomunitarismo**. Editora Unisinos, 2005.

LUTZENBERGER, José. **Manual de Ecologia: do jardim ao poder: vol I**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

MACIEL, Auteríves. A noção de problema no pensamento Deleuzeano. In: CARVALHO, Edgar de Assis e MENDONÇA, Terezinha (org.). **Ensaio de Complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 249-265.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOLON, Susana Inês. Contribuições epistemológicas da perspectiva sócio-histórica para a educação ambiental. In: GALIAZZI, Maria do Carmo e FREITAS, José Vicente de. (orgs). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí. 2005.

MORAES, Roque. Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos, In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de (orgs). **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí, 2005.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 11. ed. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. 7. ed. Tradução de Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b

_____. **Ciência com consciência**. Portugal: Publicações Europa-América, 1990.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. **O Método 1: a natureza da natureza**. 2. ed. Tradução de Ilana Heineberg Carvalho. Porto Alegre: Sulina, 2005c

_____. **O Método 2: a vida da vida**. 2. ed. Tradução de Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2002

_____. **O Método 3: o conhecimento do conhecimento**. 3. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005d.

_____. **O Método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização**. 4. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005e.

_____. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. 3. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005f.

_____. **O Método 6: ética**. 2. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005g.

MORIN, Edgar, Anne-Brigitte Kern. **Terra-Pátria**. 5. ed. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005h.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PASSOS, Luiz Augusto e SATO, Michele. Estética da Carta da Terra: pelo prazer de (na tensividade) com-viver com a diversidade! In: RUSCHEINSKY, Aloísio (org). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PEREIRA, Paulo. **As quatro etapas do naturismo brasileiro**. Revista Brasil Naturista. Ed. 02. Gravataí: Gráfica Odisséia. 2007.

PEREIRA, Paulo. **Fundamentos histórico-filosóficos do nudismo-naturismo**. Revista Brasil Naturista. Ed. 01. Gravataí: Gráfica Odisséia. 2007 a.

PEREIRA, Paulo. **Naturismo...** Revista Brasil Naturista. Ed. 03. Gravataí: Gráfica Odisséia. 2007 b.

ROJO, Luis Fernando. **Vivendo ‘nu’ paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol**. Rio de Janeiro, 2005. (Tese)

ROSENFELD, Kathrin H. **Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ROSSI, Celso. **Naturismo: a redescoberta do homem**. Porto Alegre: Magister, 1993.

RUSCHEINSKY, Aloísio. A pesquisa em história oral e a produção de conhecimento em educação ambiental. In: SATO, Michele e CARVALHO, Isabel Cristina Moura (orgs.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RUSSEL, Bertrand. **Frases e Fotos**. Revista Naturis Taquara: Ed. Naturis Empr. Naturistas Ltda. Ano 6, n. 23, agosto 1999.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. Tradução de João Dell’ Anna. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SANTIN, Silvino. **Educação física: ética, estética e saúde**. Porto Alegre: EST, 1995.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SAWAIA, Bader Burihan. Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. In: DA ROS, Silvia Zanatta; Maheirie, Kátia; Zanella, Andréia Vieira (orgs.). **Relações Estéticas, Atividade Criadora e Imaginação: sujeitos e (em) experiência**. Florianópolis: NUP/ CED/ UFSC, 2006.

SZYMANSKI, H. **A entrevista reflexiva**. Revista Psicologia da Educação, n. 9-10, 2001.

SORRENTINO, Marcos. Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta. In: LOUREIRO, Frederico B. e LAYRARGUES, Ronaldo S. C. (orgs.). 3. ed. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Totalidade & desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

TRISTÃO, Martha. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.251-264, maio/ago.2005.

_____. As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento. In: RUSHEINSKY, A. (Org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. Tradução de Róbson Ramos dos Reis et al. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

UNESCO. **Educação para um futuro sustentável: uma visão transdisciplinar para ações compartilhadas**. IBAMA. Brasília. 1999.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Fontes eletrônicas

ALVES, Rubem. **A complicada arte de ver.** Folha de São Paulo. Sinapse. Versão on line. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>. Acesso em: 10 de janeiro de 2009.

A carta da Terra. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc. Acesso em 05 de janeiro de 2009.

Carta do cacique Seattle. Disponível em: http://www.ufpa.br/permacultura/carta_cacique.htm. Acesso em 05 de janeiro de 2009.

CATALÃO, Vera Lessa. A redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade. **In: II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade,** Vitória. 2005. Disponível em: http://www.redebrasileiradetranstisciplinaridade.net/file.php/1/Artigos_dos_membros_da_Rede/Trabalhos_apresentados_no_II_Congresso_Mundial/Artigo_Vera_Lessa_Catalao.doc. Acesso em: 05 de março de 2009.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_Universal_dos_Direitos_Humanos#Artigo_18.> Acesso em 31 de outubro de 2007.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra: ecopedagogia e educação sustentável.** Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/torres/gadotti.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2009.

IBGE -

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/populacao_2007_DOU_05_10_2007.xls. Acesso em 20/10/2007

Mapa de acesso ao Centro Naturista Colina do Sol. Disponível em: <http://www.colinadosol.com.br/portuguese/maps.htm#>. Acesso em 20/10/2007.

Mapa do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:RioGrandedoSul_Municip_Taquara.svg. Acesso em 20/10/2007.

Mapa interno do Centro Naturista Colina do Sol. Disponível em: <http://www.colinadosol.com.br/images/internocolina.jpg>. Acesso em 20/10/2007.

PETRAGLIA, I. C. **Edgar Morin: Complexidade, transdisciplinaridade e incerteza.** Disponível em:

http://www4.uninove.br/grupec/EdgarMorin_Complexidade.htm. Acesso em: 02 de fevereiro de 2009.

PETRAGLIA, I. C. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis, Vozes, 1995.

Poema de Cecília Meireles Disponível em: <http://www.casadobruco.com.br/poesia/c/mapa.htm>. Acesso em 23 de novembro de 2008.

Poema de Octávio Paz. Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/opoema/octaviopaz/octaviopaz.htm>. Acesso em 23 de novembro de 2008.

Poesias de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_cda.htm#Afol. Acesso em 23 de novembro de 2008.

Poesias de Mário Quintana. Disponível em: <http://www.geocities.com/athens/acropolis/2776/quintana.html>. Acesso em 23 de novembro de 2008.

Poesia de Vinícius de Moraes. Disponível em: <http://rumorejo.wordpress.com/2007/01/30/natureza-humana>. Acesso em 23 de novembro de 2008.

Fontes primárias

BIANCHETTI, Lucídio e MACHADO, Ana Maria Netto (orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações**. 2. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **Filosofia da educação**. São Paulo: Ática, 2006.

PERROTTA, Cláudia. **Um texto para chamar de seu: preliminares sobre a produção do texto acadêmico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Revistas NATURIS. Números 0 a 27. Ed. Naturis Empreendimentos Naturistas Ltda. Camburiú. SC. 1991 – 2002.

Revistas BRASIL NATURISTA. ed. 01 a 06. Gráfica Odisséia. Gravataí. RS. 2007 - 2008.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

Prezado Sr^(a), sendo aluna do Mestrado em Educação Ambiental, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da FURG, espero contar com seu apoio para que eu possa construir uma dissertação sobre “A ética e estética dos corpos nus: um estudo de caso do naturismo como proposta de Educação Ambiental”.

Antecipadamente agradeço toda a atenção que me for dispensada.

1. Pseudonome / Idade / Sexo / Escolaridade
2. Quanto tempo praticas o naturismo?
3. Quanto tempo reside na Colina?
4. Qual o motivo de sua adesão a esse modo de vida?
5. Qual seu sentimento em relação a natureza antes de aderir a esse modelo de vida?
6. Qual seu sentimento em relação a natureza depois de aderir a esse modelo de vida?
7. Como é o seu relacionamento com os demais frequentadores e/ou moradores do local?
8. O que é o corpo para você? Justifique, por favor.
9. O que representa estar nu para você?
10. Será que o meio ambiente, esse local onde estamos, pode ajudar a pensar um novo modelo de vida de forma a valorizar os diferentes modos de vida, as diferentes espécies vegetais e animais, inclusive as relações entre nós mesmos? Como? Justifique, por favor.
11. Muitos entendem que o nosso corpo é modelado pela cultura, ou seja, o nosso corpo já não é mais natural. Nesse sentido, a cultura desnaturalizou o nosso corpo. Será que a experiência naturista não seria um chamamento para o que ainda guardamos como natural em nós e, nesse sentido, recuperar a ingenuidade perdida? O senhor acha isso possível? Pode detalhar?

Muito obrigada

Mestranda Luciana Roso Arrial